

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP

Guilherme Dutra Ponce

**Um processo como aquilo que decide**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO  
2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Guilherme Dutra Ponce

**Um processo como aquilo que decide**

Doutorado em Psicologia Clínica

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação do Prof. Dr. Peter Pál Pelbart.

São Paulo  
2019

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Processo: 88887.148021/2017-00

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (CNPQ)

Processo:140210/2018-00

## AGRADECIMENTOS

Ao Peter Pál Pelbart por sua generosidade molecular; e que, como orientador, professor e filósofo, me ajuda no imenso trabalho de inventar um apego.

À Suely Belinha Rolnik e João Perci Schiavon, minhas maiores inspirações – e aspirações – na ética do trabalho clínico, pois cada segundo perto deles é supervisão para toda uma vida de analista.

Aos colegas pesquisadores Ana Carolina Perrella, Amanda Beça, Cafira Zoé, Sabrina Batista, Pedro Mestre, Sonia Mansano, Denise Sant’anna, Maria Cristina Vicentin, Júlia Francisca, Cláudia Hollanda, Rafael Matede, Anselmo Clemente, Kwame dos Santos, Luciana Arbeli, Juliana Campos, João Pentagna, Josy Panão, Luciana Briotto, Paula Cobo, Karina Acosta, Gabriela Serfatti, Renata Baboni, Jialu Pombo, Renata Felisatti, Cibele Lucena, Ana Lígia Vitta, Élide Lima, Maria Eduarda Checa; em especial, à Ana Godoy, que acompanhou todo meu processo de escrita. Todos foram derradeira fonte de forças e inspirações singulares para cada dia que passou desses tantos. Sei que levo algo de cada um na maneira de compor pensamento e escrita.

Aos colegas militantes Fernando (barba), Heloísa, André Ciola, Vitor (nanico) e Andreza Delgado, pela poesia e minha primeira série de choques em São Paulo.

Aos colegas artistas Pedro França, Alda Maria, Karla Giroto, Suzy Okamoto, Felipe Mancini e Tarcísio de Almeida, dos quais aprendi algo especialmente novo; é com radical concretude que artistas sabem interceder pelas existências mínimas.

Às minhas parceiras do crime, Ana Goldenstein e Clara Laurentiis.

Aos meus analisandos.

Aos amigos Nicole Venturini, Fábio Arevallo, Carla Hayashi, Gabriel Oliveira, Rafael Posnik e Lúbia Domingos, por existirem.

À minha família, Talita Dutra Ponce, Bernardete Giório Dutra e Gines Cortez Ponce, sempre meus grandes cúmplices.

## **RESUMO**

Ponce, Guilherme Dutra. **Um processo como aquilo que decide**. Tese. (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

A partir das noções de relação, alteridade, virtualidade, trata-se de investigar uma escuta psicanalítica focada mais no processo do que no sujeito. São apresentados traços de casos visando expor algumas das tensões provocadas por essa mudança de foco. Elas incidem no autocuidado, na vivência do tempo, do corpo e do apego. Ao problematizar a relação sujeito/objeto e o estatuto da linguagem, trata-se de escapar, na medida do possível, do campo da representação na análise e investigar os processos de criação daí advindos.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Corpo. Tempo. Clínica. Modos de subjetividade.

## **ABSTRACT**

Ponce, Guilherme Dutra. **A process as that which decides**. Thesis. (Doctorate) – Postgraduate Program in Clinical Psychology Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2019.

From the notions of relation, alterity, virtuality, it is a matter of investigating a psychoanalytic listening focused more on the process than on the subject. Pieces of cases are presented to expose some of the tensions caused by this change of focus. They center on self-care, the experience of time, the body, and attachment. In problematizing the subject/object relation and the status of language, it is a question of escaping, as far as possible, from the field of representation in the analysis and investigating the processes of creation that ensue.

**Key-words:** Psychoanalysis. Body. Time. Clinic. Modes of subjectivity.

tudo pensa

## SUMÁRIO

<b>O que busca o quê?</b>	9
<b>Um processo como aquilo que decide</b>	19
<b>Um processo fragmentado</b>	37
<b>Um processo que recusa se fragmentar</b>	48
<b>Um corpo em processo</b>	60
<b>Um processo é corpo cuja carne é o tempo</b>	74
<b>Transferência e processualidade</b>	95
<b>Quando o modo é objeto</b>	107
<b>Referências</b>	119

## O que busca o quê?

Quando alguém dá início a um processo de análise (mesmo sem saber muito bem o que é esse terreno que acessa), é frequente se basear no senso comum para imaginar o que seria tal investida. O senso comum tende a encaminhar qualquer pensamento ao regime da normalidade. Desse modo, o que coloca uma pessoa a fazer análise talvez traga de fundo uma certa expectativa de que tipo de expressão sua poderia ser transmitida ao outro como um pedido de cuidado. Em meio a isso, pode ser que credite no analista um suposto saber que atenderia às demandas de suas angústias e impotências perante os imperativos da vida. Mas seria essa a única voz à procura de amparo que comparece à sala do analista?

Não é difícil conceber o fato de que raramente a análise se desenvolverá de acordo com essas primeiras demandas, mesmo que elas possam sempre dar pistas sobre o que ainda está por vir. Assim foi com Mateus, que em nosso primeiro encontro disse estar ali pois concordava com a namorada: precisava “*aprender a expressar melhor seus sentimentos*”. Não demorou muitas sessões para essa demanda desaparecesse e desse lugar a outras, algumas até mesmo indo em direções estranhas àquela que o levou a fazer terapia – por exemplo, em certo momento, decidiu que gostaria de não mais se sentir obrigado a ser “prestativo” com as pessoas a todo momento, inclusive quando essa prestatividade implicava uma comunicação forçada sobre o que sentia e o que pensava.

Começo apontando tais demandas que iniciam certas relações de análise (principalmente aquelas advindas de quem nunca antes teve nenhum tipo de experiência psicoterapêutica), pois, muitas vezes, elas são conjugadas por uma voz assujeitada, munida de um repertório consciente que se coloca à frente do desejo. Uma forte barreira egóica se levanta contra aquilo que realmente gostaria de – algum dia – ser dito, experienciado. Essa voz nítida de sujeito, muitas vezes memorizada, decorada no caminho do metrô em direção à clínica, demasiadamente pronta, muito antes de sair da boca do analisando, mostra-se como uma tecnologia eficaz em garantir que outras coisas fiquem ali bem contidas, procrastinadas. Tal voz se recusa a dar espaço ao turbilhão de outras vozes que compõem um corpo, uma existência. Uma multiplicidade de vozes povoa uma vida. Entregar os ouvidos à primeira palavra que vem não é sempre a melhor estratégia para aliar-se àquilo que não tem tão garantido assim o direito de vir

à tona. Na maioria das vezes, são estes últimos, os mais tímidos apelos, que mais carecem sair de uma boca.

Posso soar um tanto cruel – clichê *tough love*, figurinha paterna – com tal radicalidade em não negociar com o ego. Mas peço ao leitor que me imagine extremamente amoroso no momento em que ignoro essas primeiras vozes. Apesar de, aqui no texto, isso tudo poder soar um tanto ríspido, estou descrevendo um nível de escuta que intende acolher aquilo que de mais vital se apresenta, semanalmente, na sala de atendimento. A sensação que vejo ser sentida, ali na poltrona em frente à minha, é de libertação de uma fala cansada – fala ainda apegada em ser dita apenas por hábito. Não atender essas primeiras vozes é apenas consequência de uma forte atenção ao formigamento de vida que o inconsciente expressa em suas formações.

O analisando, no decorrer dessa primeira fase, apresenta várias pistas de que se sentir melhor está diretamente relacionado ao quanto vai se permitindo abrir mão dessas primeiras vozes. As demandas do *eu*, geralmente calcificadas com os devidos estratos de uma lei invisível que as reforça – supostamente advinda de fora – compõem a paisagem de uma relação sujeito/objeto.

Nesse formato de relação, o tema de sua queixa está reduzido a um episódio ou outro – seja uma frustração, um luto, uma tragédia. A partir do momento em que o espaço de escuta é dado a outras vozes que povoam o analisando, uma variedade de outras questões que escapam ao regime de relação objetal passa então a se manifestar. A queixa inicial acaba se mostrando apenas uma entre as múltiplas dimensões de um massivo processo de pensamento.

Quando essas outras vozes são ouvidas, há um deslocamento de natureza, pois uma queixa objetal dá espaço a uma investigação guiada pelo desejo. Para estar realmente à altura dessas outras vozes, para escutá-las em seus termos, precisamos entendê-las livre da mediação da relação sujeito/objeto. Teríamos que ir além (ou aquém) da metáfora “deixá-las vir à superfície”, pois se estamos falando de outra relação que não a sujeito/objeto, também estamos falando de outra linguagem que não a do consciente. Como falar então na língua dos acontecimentos?

Se, aqui, percebemos uma certa ordem dos acontecimentos, nos quais a relação sujeito/objeto se coloca acima de um campo de multiplicidades, impedindo-os de tomar a ação que lhes é conveniente, estamos diante de uma relação de poder, talvez a primeira delas. Como poderíamos pensar uma vida antes de ela ser enquadrada – não só pelo meio, mas inclusive por uma parte dela mesma – nesse tipo de relação? Como estar

à altura de tantas outras vozes que povoam uma vida, outras demandas talvez menos compromissadas com as grandes neuroses históricas e coletivas, com as relações de poder que produzem vontade de ordem, domínio e submissão, a objetificação de outros e do próprio corpo, e a instrumentalização das relações – tudo aquilo que, em algum momento, pode e irá reinstalar um regime de sofrimento, ressentimento e culpa?

Talvez Freud e a psicanálise deduzam cedo demais que aquilo que é inconsciente deva subir à consciência. O fundo vir à superfície. De que isso adianta quando tal superfície ainda implica os termos de uma subjetividade que se coloca como inquestionável, transcendente ao pensamento? Como se uma existência fosse garantida pela permissão do sujeito, e não o contrário, o sujeito como um mero acontecimento que um dia foi pensado, inventado, criado. Nessa lógica, procura-se estar ao lado do inconsciente, mas ainda com a ideia de que valorizá-lo implicaria trazê-lo à superfície da consciência, dando ao *eu* um papel de único portador, *de fato*, das vias de atualização daquilo que dá lembranças das profundezas do real.

Vejo como eticamente necessário um processo involutivo que recuse dar ao *eu* o papel exclusivo de portador do estatuto da existência de fato, preferindo dar àquilo que pede existência a possibilidade de criar seus próprios meios de articular sua realidade. Para isso, ao invés do trabalho – supostamente nobre – de trazer o virtual à superfície, evoco um generalizado processo de retorno ao virtual.<sup>1</sup> Pois a verdadeira justiça está em dar a uma vida o direito de existir *em seus termos*, não nos termos da subjetividade dominante.

Para tal empreitada, Deleuze dispensa de modo radical tanto a ênfase no subjetivo (vide racionalismo transcendente) quanto no objetivo (vide empirismo ingênuo), pois “uma vida não contém nada mais que virtuais. Ela é feita de virtualidades, acontecimentos, singularidades”.<sup>2</sup> E sua radicalidade prossegue ao assumir que a atualização não é aquilo que definirá a efetivação de um acontecimento. “O acontecimento considerado como não-atualizado (indefinido) não carece de nada. É suficiente colocá-lo em relação com seus concomitantes: um campo transcendental, um campo de imanência, uma vida, singularidades”.<sup>3</sup> O virtual não precisa necessariamente atualizar-se para existir, muito menos atualizar-se em uma relação sujeito/objeto. O que

---

<sup>1</sup> Considero o virtual, aqui, nos termos de Deleuze: “aquilo que chamamos de virtual não é algo ao qual falte realidade, mas que se envolve em um processo de atualização ao seguir o plano que lhe dá sua realidade própria”. (Deleuze, G. Imanência: uma vida... Trad.: Tomaz Tadeu. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, 2002, p. 16).

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

define a necessidade de atualização está nos termos do desejo da própria existência, ou seja, se uma certa existência escolhe um tipo de modo de existir ou outro.

Para tentar entender melhor como dar suporte a uma existência em seus próprios termos, e não nos de uma subjetividade pré-imposta, abordarei brevemente a relação entre o sujeito e o objeto.

Nietzsche, com seu Zaratustra, declama: “O criador quis desviar o olhar de si mesmo – então criou o mundo.”<sup>4</sup> Talvez este seja um ótimo cenário para pensarmos o tom da gênese desse tal mundo do sujeito e do objeto. É para castrar, desviar-se, impedir o olhar de voltar-se para si, que uma vida deve reduzir-se a tal modo de funcionamento. A consciência é programada para que o pensamento não a alcance, para interpretar que é dela que o pensamento vem e não o oposto,<sup>5</sup> ou seja, ignora que ela é resultado de mera afecção relacionada a um outro acontecimento – um efeito que se imagina como causa. Além disso, a consciência é programada para não se conceber como *comum* àquilo de que tem consciência.<sup>6</sup> E para, nesses termos, entregar-se à narrativa de fundadora inquestionável de sua realidade, interpretando-a à sua maneira.

As demandas do sujeito – aquelas que muitas vezes irão aparecer em primeiro lugar num mundo como o nosso, onde tal modo de subjetivação predomina – são sempre relativas àquilo que lhe *falta* e que seria direito seu obter; além de também tratar daquilo que o impede de coletar tal elemento faltante, seja “aquilo que o impede” uma entidade “externa” ou uma outra falta “interna”, que compõe sua constelação de ausências. Em todo caso, essa falta está ligada ao impedimento de olhar diretamente para si, forçando-o a virar o rosto para um mundo que tem o poder de lhe espelhar a ideal medida que represente como seria *ser* por inteiro. E essa imagem idealizada de si passa, então, a ser tratada como mais real do que qualquer coisa que eventualmente se *choque* com seu corpo.<sup>7</sup>

Quanto ao “outro lado” dessa relação, o objeto, este se apresenta como um ponto de tensão no horizonte, que atrai o foco de toda e qualquer atividade de produção do sujeito. Uma produção dedicada exclusivamente a completar-se, acabar-se, saciar-se, aposentar-se, finalizar-se – morrer? A consciência não cessa de esquadriñar todo o maquinário que um corpo deve se tornar para que essa produção esteja sempre ativa.

---

<sup>4</sup> Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 32.

<sup>5</sup> Lapoujade, D. *William James, a construção da experiência*. São Paulo: n-1, 2017, p. 30.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 40-41.

Desse modo, o *eu* poderia então ser pensado como um ponto de referência nesse campo relacional.<sup>8</sup>

Somado a esse modo de produtividade, o eu também pode ser pensado como um ponto de completa resistência à mudança, pois se encontra num estado de total atualização, ou seja, é portador daquela única voz que acaba funcionando como enclausuramento de todas as outras múltiplas vozes que povoam um corpo. Conseqüentemente, as poucas metamorfoses dessa figura são pautadas no desempenho de uma eterna tentativa de alcançar a si mesmo do outro lado de uma imagem espelhada – o seu ideal. Uma imagem que funciona como um negativo fotográfico, acusando incessantemente os elementos faltantes em sua essência. Um grave erro de cálculo, pois, nesse regime, todo movimento nasce fadado a se deparar com o vazio de um mundo transcendente, paralelo ao mundo real dos afetos.

Com sua criação totalmente reduzida ao desempenho, nessa tentativa de alcançar o objeto, seu movimento se assemelha ao de uma roda de camundongo, onde uma carreira profissional, família, propriedade, saúde, fama, reconhecimento, legado são barras de uma esteira projetada para não sair do lugar. *O eu quer ser aquilo que deve ser* – acaba reduzido a uma masoquista casa de espelhos que serve apenas para julgar sua aparência de modo distorcido, um jogo de apontar-se incessantemente. Esse modo autocrítico faz com que se modele a partir daquilo que *deve* se tornar. E aquilo que define o que deve se tornar estaria sempre situado “fora” do eu – o espelho se encontra então no olhar de outras pessoas, outros sujeitos. Essa é a necessidade de que só existam sujeitos no mundo para com os quais quem comunicar sua angústia objetual.

Em meio à carência por identificação própria desse jogo de espelhos, é interessante que o *eu* não conseguir perceber “o que imagina que o outro deva conceber sobre ele” é de potência inferior ao que ele mesmo poderia conceber sobre si. De certo modo, projetar no outro essa responsabilidade conceptiva é apenas uma maneira de conceber algo sobre si de maneira “terceirizada”, privando a si mesmo de perceber-se como autor de si.

Mesmo “assujeitado” a toda essa gama de torturas, é inconcebível para um sujeito abrir mão de seu objeto, pois isso implicaria sua morte. Isso porque o que os define, sujeito e objeto, é a própria relação dada entre eles, sendo até mesmo mais real que seus respectivos corpos. Aliás, as propriedades para medir seus corpos não

---

<sup>8</sup> Lapoujade, D. *William James...*, op. cit., p. 43.

ultrapassam uma série de investimentos num campo transcendente, o mundo das representações idealizadas. Aí se apresenta a dificuldade mortal em abrir mão de um certo tipo de objeto idealizado, seja um tipo de amor, de parceiro, de fama, de reconhecimento, de aprovação, de empoderamento, de enriquecimento etc.

Em termos práticos, é um ponto de pura reatividade. Para garantir sua realidade totalmente baseada nessa relação, ao *eu* interessa conservar-se, defender-se, impor-se. Para isso, invoca uma relação de controle sobre tudo aquilo que interpreta estar fora de seu terreno. E o faz por interpretações morais que, na prática, pretendem apenas garantir a manutenção da seguinte balança: isso me empodera ou ameaça a conquista de meu objetivo?

Por mais específicas e inusitadas que sejam as formações desses objetivos, a “criatividade” do sujeito se reduz a uma variação de estilos de como patinar numa mesma roda de camundongo. (Afinal, essa roda precisa rodar, pois esse tal objetomiragem, que some a toda impressão de se conseguir alcançá-lo, não é apenas o coração do sujeito, mas também o motor da cultura capitalista globalizada).

Para que tal relação se conserve, o sujeito, folheando o carteadado de *seus* objetivos, necessita constantemente dizer: *eu existo*. Mas podemos dobrar tal sentença, tomando-a à força da posse do sujeito, simplesmente invertendo-a: *existe eu*.

Seguindo o método pragmático de William James, coloquemos em xeque a ontologia da relação sujeito/objeto. Para isso, precisamos captar a realidade no momento em que ela se produz, antes de dualismos como dentro/fora, subjetivo/objetivo tomarem conta das experiências. Nesse momento, anterior aos dualismos, as relações ainda se apresentam em “estado puro”,<sup>9</sup> não havendo sentido em conceber qualquer entidade fundadora e constituinte que as formula. Sendo então a própria relação sujeito/objeto possível de ser pensada pela sua dimensão prática, tratada como uma relação funcional. Vista como real pelos seus efeitos no mundo, mas não como fundadora exclusiva da realidade.

Desse modo, partindo do pragmatismo, método que propõe olhar para a relação sujeito/objeto como uma distinção prática,<sup>10</sup> pergunto: quão “prática” tal distinção é para a psicanálise? A que essa prática atende? Seria a única relação através da qual conseguimos assegurar a realidade de uma existência? Talvez tal prática esteja mais que obsoleta para definirmos o que ouvir, do lado do que ficar, e o que considerar como

---

<sup>9</sup> Lapoujade, D. *William James...*, op. cit., p. 25.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 17.

*cuidado*. Talvez a relutância em abrir mão dessa relação tenha um pouco a ver com o que fazemos com a imagem VHS em comparação às resoluções de vídeo atuais. O que será que compõe o apego que ainda temos à relação sujeito/objeto? Talvez não seja nada mais que estarmos presos num ressentimento nostálgico do modelo clássico, racista e machista, de *ser humano*.<sup>11</sup>

A existência dos acontecimentos precede a percepção do sujeito. Por isso nas formações do inconsciente está sempre envolvida uma sobreposição, um *overlapping* de vozes. Num lapso em que a pessoa “come” uma palavra – “nmmm...” – com a qual iniciaria uma frase, podemos testemunhar a presença de pensamentos concorrentes àquele pequeno conjunto egóico de realidade vigente. Entretanto, não será um mero movimento de “subir à superfície” que irá garantir a processualidade de um pensamento cuja existência choca a linha da consciência. Tal singularidade não pode ter sua duração reduzida a esse torturar da língua no plano superficial. Os vestígios superficiais desse pensamento presumem a realidade de uma existência pré-subjetiva que já vive, já deseja, já age, mas que, contudo, ainda deseja variar seu grau de existência de um modo singular.

Deleuze chama atenção para a maneira como essas forças múltiplas de vida têm necessidade da instauração de um campo transcendental para os pensamentos poderem correr livremente. Correr livres daquilo que pretenda objetivá-los, ou seja, que as manifestações de um pensamento aconteçam independentemente de um sujeito que dele se interprete senhor. Um campo que se apresenta como “pura corrente de consciência assubjetiva, consciência pré-reflexiva impessoal, duração qualitativa da consciência sem um eu”.<sup>12</sup> Pois que transcendental se define por dados imediatos,<sup>13</sup> independentes da interpretação de um sujeito.

Um campo transcendental sem ego nem intencionalidade, percorrido unicamente por multiplicidades, que não depende de uma forma sujeito para existir.<sup>14</sup> Retomando minha questão inicial sobre a multiplicidade de vozes que povoam um analisando, ouvi-las não seria um modo de dar passagem a esses virtuais que estariam mais próximos dos acontecimentos por estarem ainda livres da interpretação objetificadora do sujeito?

---

<sup>11</sup> C.f. Silva, D. F. *Toward a global idea of race*. Minnesota: Univ. of Minnesota Press, 2007, p. 125.

<sup>12</sup> Deleuze, G. *Imanência: uma vida...*, op. cit., p. 10.

<sup>13</sup> Deleuze, no texto “Imanência: uma vida...”, usa o termo “dados imediatos”, mas podemos ainda ver, como aponta Lapoujade, em *William James, a construção da experiência*, que James os chama de experiências puras, enquanto para Bergson trata-se de Imagens matéria-movimento.

<sup>14</sup> Lapoujade, D. *William James...*, op. cit., p. 32.

Desse modo, se considerarmos aquela multiplicidade de vozes (com a qual iniciei esse texto) não apenas como mera polifonia, mas como um turbilhão de acontecimentos, de pensamentos livres de sujeito, estaremos mudando a nossa relação com próprio o pensamento. Pois, se essa multiplicidade não pode mais ser definida como uma interioridade de um sujeito – já que ela o extravasa –, torna-se necessário outro tipo de relação, à altura da tamanha potência dos fluxos de vida, atravessamentos, que perpassam um corpo.

O sujeito teima em querer aumentar/dar existência – forma, corpo, palavra ou qualquer outro modo atualização – aos pensamentos interpretando que eles descendem de sua própria essência subjetiva, ou seja, um sujeito concebe seu respectivo objeto (e os meios de interação com esse objeto) como partindo de uma ideia de sua autoria. Se não isso, ao menos assume, no lugar dessa autoria, uma intencionalidade em valorizar e ansiar por tal objeto. Poderíamos pensar o “livre arbítrio”, por exemplo, como uma manifestação clássica dessa postura diante do pensamento. “Eu escolhi o caminho de Deus.” – a relação com Deus ou o caminho não pode ser de inventá-los, já que faz parte desse objeto “Deus” ser superior ao sujeito... Porém, ainda resta como de autoria do sujeito a intencionalidade de “escolher”, como se essa escolha não fosse já intrínseca na ideia de Deus – o caminho certo, aquele a ser escolhido, o caminho justo, do bem.

Em contrapartida, como seria um plano que instaurasse uma relação com os pensamentos que se prestasse a aumentar/dar existência a eles sem interpretar-se como seu autor? É possível uma relação com os pensamentos que os acolha conservando sua impessoalidade? Deleuze diz que, para isso, tal plano deve ser considerado imanente aos pensamentos com os quais se relaciona. Uma consciência que não se separa daquilo do que é consciente. Seria não uma relação de submissão a ou idealização de um pensamento, o que daria na mesma. Conceber uma vida como imanência é senti-la como se sente uma paisagem. Não nos descolamos de um pôr-do-sol. Ou de uma tarde chuvosa. Um *pensar* conjugado como verbo impessoal. Passamos então a tratar o pensamento como tratamos a chuva – chove. “O pensamento acontece”.<sup>15</sup> Mesmo que ainda aconteça por muito tempo, em paralelo, esse ruído do sujeito teimando em interpretá-lo como sendo sua posse, de sua autoria, o pensamento o precede.

Desse modo, não mais consideraremos a ideia como sendo pensada, mas como fazendo pensar. Uma singularidade não mais como sendo gerada, mas fazendo gerar.

---

<sup>15</sup> Lapoujade, D. *William James...*, op. cit., p. 32.

Ao não mais dividir um acontecimento em dois, sujeito e objeto, perde-se a hierarquia entre o criador e a obra. A relação passa a ter que ser concebida como uma coautoria. É a revolta do objeto, que demanda seus créditos na coautoria da relação. Não fazendo mais sentido separar sujeito de objeto, ou dar ênfase no subjetivo ou objetivo, muito menos categorizá-los de modo ontológico, proponho chamar esse “amálgama de criação” de *processo*.

Na essência de um *ser*, viver é perseguir um objetivo. Num relacionamento processual, viver é fazer viver – “Existir e fazer existir participam de um mesmo processo que faz da instauração um processo necessariamente mútuo”.<sup>16</sup> Lapoujade evoca Souriau ao apontar a processualidade existente na criação, nos campos da arte. “Só nos tornamos reais ao tornar mais reais outras existências”.<sup>17</sup>

A angústia de imaginar abrir mão do objeto é atenuada quando se leva em conta que não se trata de abrir mão da vida, mas de libertar-se de uma maneira pobre de criá-la. *Há uma luz no fim do luto*. O apego ao objeto só perde para o apego à vida. Antes de achar outra coisa em que crer, trata-se de encontrar uma autêntica crença na vida. E não há melhor espaço que uma clínica, quando o quesito é de relações de sujeitos dispostas a serem desfeitas. Pois na clínica há de sobra sujeitos em luto, fatigados, chocados, prestes a poderem abandonar seus objetos, ou já tendo até mesmo os abandonado.

A necessidade do sujeito de ser senhor do pensamento está diretamente relacionada à sua ânsia em perpetuar a sensação de estar conectado ao outro lado da corda – seu respectivo objeto. Um erro de cálculo na incessante busca de outrem. Desistir do objeto é desistir de *ser* – mas não é desistir de si. A duração de uma vida não concerne a uma forma fixa, mas justamente de seu oposto – um *dever*.

Assim, é possível então falar da “solidariedade da obra e do criador, na medida em que eles se fazem existir um através do outro”.<sup>18</sup> Um não depende do outro para existir, mas ambos aumentam a potência de sua existência quando se relacionam. Comparemos tal relação entre autor e obra com aquela de Zaratustra (que citei no início): “O criador quis desviar o olhar de si mesmo – então criou o mundo.” Duas relações entre autor e obra totalmente diferentes. De uma, apreendemos hierarquia,

---

<sup>16</sup> Lapoujade, D. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1, 2017, p. 94.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

projeção, fundamentação, objetificação; da outra, solidariedade, instauração, criação, autonomia.

É possível “abrir mão” da relação sujeito/objeto em análise? Digo que sim, a partir da escuta de um processo qualquer que se expressa na fala do analisando. Para isso, é preciso conceber a análise como um processo de escuta de outros processos. Inspirado na relação do artista com a obra, é possível ao analista estabelecer sua escuta a partir dessa outra pragmática de relação com o mundo.

## Um processo como aquilo que decide

Neste capítulo, apresentarei traços de três casos nos quais procurei dar escuta a um processo, para que ele que passasse a definir, avaliar e decidir sobre as coisas. Logo, o sujeito foi tomado apenas como um desses fatos (*existe eu* ao invés de *eu existo*), mero elemento à disposição de um processo.

Com tais traços, não pretendi apreender os casos por inteiro, mas cartografar algo de caráter clínico pontual, que eventualmente se desenlaça pelos demais terrenos (outros processos?) de cada caso. Os três analisados são artistas, conseqüentemente, um processo – no caso, um processo de criação – apresentou-se muito cedo na fala de cada um. Apresentou-se inclusive de modo literal, pois o termo “processo” era frequente em suas falas.

Em primeiro lugar, gostaria de tratar, a partir do caso de Carlos, de um processo germinal. Um processo que se encontrava diante do desafio de desenrolar-se em “*algo que não sabe com certeza o que é*”.<sup>19</sup> Para isso, foi forçado a lidar com ameaças a um processo que ainda se encontrava praticamente em plena virtualidade. Em segundo a partir do caso de Marina, falarei de um processo que hesitava em dar um novo passo. O processo é paralisado por uma ideia fixa do sujeito do que “seu” processo deveria ser. Por fim, a partir do caso de Paulo, falarei de um processo que supostamente foi levado a fundo demais, quando talvez essa suposta profundidade não fosse alvo de processo algum. Em todos os casos, um processo também deita no divã, porém, colateral às queixas do sujeito.

Carlos é negro. Na análise, frequentemente se queixava de como seu trabalho nas artes visuais era “*mal interpretado*”<sup>20</sup> em discussões com outros artistas. Sentia, ao mostrar seus trabalhos em processo inicial de elaboração, que eram esvaziados quando a questão da negritude era tratada de modo muito usual. Por exemplo, em uma de suas primeiras sessões, descreveu um episódio que dizia deixá-lo “*esgotado, por não conseguir parar de pensar nisso*”. Contou que, em uma oficina de artistas frequentada por ele, foi proposto que cada um mostrasse algo do próprio trabalho. Selecionou uma

---

<sup>19</sup> Essa expressão eventualmente foi usada, quase de modo idêntico, por Carlos e Paulo. Eles não se conhecem e partem de contextos relativamente distantes.

<sup>20</sup> Coloco entre aspas e em itálico frases e termos usados pelos analisados e pelo analista de modo literal.

série de fotos nas quais apareciam membros da família e da antiga vizinhança para tratar de algo “*que ainda não tinha certeza do que era*”. Sentia vontade de falar de algo da periferia que ainda não era visto. Incomodou-se com a reação do grupo de imediatamente relacionar as fotografias trazidas a questões tratadas de modo mais usual nos campos da militância negra e social. Descreveu ter ficado paralisado ao começar a falar sobre o trabalho, a ponto de, em determinado momento, preferir se calar. Sentiu que estava ali sendo privado de um processo de pensamento que não pretendia necessariamente atravessar aqueles temas levantados – ao menos de modo usual.

Durante essa sessão em que Carlos retomou o ocorrido, percebeu, primeiramente, que os comentários levantados pelos colegas evocaram nele um sentimento de “*falhar*”, tanto no nível do seu pensamento quanto em seu projeto em andamento; ou que algo precisava ainda ser acrescentado, para só então o trabalho ser digno de ter continuidade. Disse que, após esse encontro, sua vontade de produzir reduziu drasticamente, a ponto de passar a semana sem conseguir tocar nos materiais, dando ansiedade só de olhá-los. Ao mesmo tempo, comentou que imaginava ser preciso mudar muita coisa para abarcar os comentários dos colegas. Perguntei se seria necessário abarcá-los, ao que respondeu: “*acho que sim, né...*”. A partir disso, começou a refletir em silêncio. “*Na verdade, não quero ir para esses lugares que eles entenderam que meu trabalho iria, ou deveria ir*”. Então se dá conta de que ele mesmo se sentiu atraído a tomar os caminhos propostos pelos colegas, o que acabou “desviando-o” de seu processo que ainda não havia tomado forma. Esse momento apontava sinais de algo que frequentemente paralisa um processo de criação: a transmissão de uma regra no campo do desejo. A sensação de o pensamento dever ir por certas vias trouxe o desânimo em voltar-se para os materiais de seu trabalho.

Contudo, certos “*caminhos*” que seu trabalho e seu pensamento percorreram, ao mesmo tempo que foram ditados pelos amigos, possuíam uma certa atração para ele. Exemplifica dizendo que, quando era trazida uma questão de raça ou classe, ela se estruturava por frases soltas que, obviamente, todos ali concordariam, por exemplo, a respeito do sofrimento do povo negro. Mas disse “*sentir formigar na pele*” uma sensação de que, do modo como frases assim eram convocadas, serviam mais para silenciar algo pontual que o trabalho precisava abordar. Encontrava-se num paradoxo, no qual suas imagens acabavam “*pisoteadas por discursos que supostamente serviam para erguê-las*”. Esses comentários dos colegas, no decorrer das sessões, Carlos passou a nomear de “*clichês*”. E temia que tais clichês estivessem sempre ameaçando entrar no

caminho de uma nova – e em processo muitas vezes ainda germinal – ideia. À sua maneira, me parece que o analisando questionava se o modo de produzir e de olhar tais imagens haveria de ser sempre o mesmo.

Em certas obras,<sup>21</sup> Deleuze toma a noção de Imagem como sinônimo de Modelo, sendo essa imagem uma constituição de regras que comandam o pensamento de modo implícito. A tendência em pensar por certas vias já estabelecidas, que Carlos apontou, poderia ter sua fundação num modelo vigente no meio em que se encontrava. No seu caso, queixou-se de uma visão “*emancipacionista, pretensiosamente caridosa*” que emergiu “*naturalmente*”, mais por um hábito do que por uma necessidade, assim que apresentou as imagens (em formato não só de fotografias, mas também de narrativas) que tocaram sua vida – fosse de seu passado ou de seu presente. Apontou que essa percepção veio principalmente (mas não exclusivamente) de pessoas alienadas de seu contexto. E acrescentou sentir um peso disciplinar naquele forçado encaminhamento das narrativas sobre seu trabalho, como se falar a partir dessa percepção fosse não só necessário, mas uma condição *a priori* para “*ter permissão*” para envolver-se com o mundo da arte. Mais uma vez, ressoa o que Deleuze sugere como suposta naturalidade do que é considerado pensar – “é porque todo mundo pensa naturalmente que se presume que todo mundo saiba implicitamente o que quer dizer pensar”.<sup>22</sup> Talvez assumir essa naturalidade acabe servindo como uma barreira à percepção de linhas de pensamento não compatíveis com o modelo de pensamento predeterminado. Quando se tem um modelo implícito de como pensar, para onde o pensamento deve ir, torna-se invisível ou insignificante um traço que fuja ao padrão imposto. O mal-estar de Carlos em relação ao modo de pensar dos colegas (e até o seu próprio) pode implicar uma recusa ao modelo vigente de pensar sobre a matéria que emana daquele primeiro conjunto de fotografias. Assim, também sua paralisia na produção aparece não como algo a ser combatido, mas um sinal de que há algo ainda a ser apreendido.

Carlos disse ter sentido um certo desapontamento com a expectativa que seus colegas apresentaram do que seria o seu trabalho. Confessou entender a importância do que foi dito, mas que a forma como foi dito acabou silenciando-o, impedindo-o de dizer

---

<sup>21</sup> Deleuze, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988 e *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio, 1976; Pelbart, P. P. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 29-30.

<sup>22</sup> Deleuze, G. *Diferença e Repetição*, op. cit., p. 130.

outras coisas. Comentei que parecia que um problema havia sido colocado, e recapitulei algumas considerações feitas por ele: “*a expectativa de seus colegas é levada em conta e até compartilhada, mas, apesar disso, ainda sente que seu trabalho deveria tomar outro rumo*”. Na semana seguinte, relatou que havia pensado muito sobre como seria possível lidar com essa expectativa dos colegas de modo que ela não distorcesse aquilo que estava ainda em processo de criação. Disse que o mais difícil era fazer mais pessoas entenderem que, se ele não queria tocar nos clichês, não era porque discordava ou fosse indiferente às questões já colocadas sobre racismo e periferia. Perguntei se talvez tal dificuldade não poderia estar se confundindo com uma parte do próprio processo de criação que ele estava interessado em tocar adiante. Isso lhe possibilitou ver o problema não como um obstáculo, mas como mais um elemento constituinte da própria linha que estava tentando traçar. Que recusasse o modelo de pensamento, mas não a intensidade refém desses clichês. A partir de então, parou por um tempo de trazer essa questão, dizendo que estava mais fácil produzir.

Sua “*paralisia*” (a impossibilidade de continuidade do trabalho) teve que ser escutada, pois apesar de ela possuir uma face reativa – resultante de uma transmissão de uma regra no campo desejante –, havia também uma face política, que procurava escoar a intensidade que jazia por trás dos clichês. Se algo da face reativa fosse ouvido, muito provavelmente o resultado seria uma homogeneização do projeto para moldar-se à percepção usual, ou, até mesmo, o faria virar as costas a essas questões macropolíticas em um movimento de negação daquilo que o atraía por trás dos clichês.

Tais “*clichês*” que tentava combater não eram apenas um risco à ideia de criação prestes a ser concebida, mas também ameaçavam interceptar a produção até mesmo de um novo modo de conceber ideias – que se encontra situado antes delas mesmas. Talvez o que Carlos procura com tanto esforço, resistindo à “boa”, mas ameaçadora, vontade de seus colegas (e de si mesmo), encontra-se antes mesmo de uma boa ideia, ou de um novo conceito, seja no nível estético ou em qualquer outro.

Carlos parecia ouvir, ainda muito baixinho, os ruídos de uma existência que, embora real, ainda se situava quase que puramente no campo do virtual. Para ouvi-la, sem tirá-la grosseiramente de sua virtualidade, teria que subtrair o dominante tom cultural que procurava tomar de imediato essa existência. Tudo se tornou mais fácil quando percebeu o quanto ele mesmo era suscetível ao dominante tom; entendeu que teria um exercício pela frente para conseguir subtraí-lo – para não trair seu trabalho ainda por vir.

Conseguir se manter na singularidade ao conceber uma ideia pode garantir o desenrolar de um processo. Isso não significa que alguns elementos culturais não sejam utilizados no caminho, pelo contrário, é a partir desses elementos que um processo se movimenta. Por exemplo, em paralelo a esse traço, houve um momento do caso em que foi muito importante para Carlos começar a se conceber como artista. Percebeu que assumir uma certa postura corporal “*intimidava*”, abria um silêncio ao seu redor, o qual decidiu ser importante para sua obra – seu trabalho era aceito com menos interrupções. *Existe eu* - um processo utilizando o *eu* como um elemento que, pontualmente, se mostrava conveniente para fazer seu maquinário rodar.

\*

Marina é música e compositora. Produz letras e arranjos musicais e, há dez anos, é integrante de uma banda de certo reconhecimento popular. Na banda, é guitarrista e tem a autoria da maioria das músicas produzidas até então.

Procurou análise pois estava em “*depressão após ter terminado com sua namorada*”. Teria proposto o rompimento a alguns meses, mas havia “*se arrependido muito*”, principalmente após vê-la “*ficando*” com outras pessoas nas festas que frequentava – o que acontecia bastante, por fazerem parte de um mesmo contexto musical. Durante as primeiras sessões, falou principalmente da relação com Olívia e de um relacionamento anterior. Apontei algumas semelhanças entre os dois relacionamentos, como a gradual perda de interesse na relação seguida do arrependimento após terminá-la.

Quando falava de Olívia, transparecia sentimentos de traição, usando com frequência termos como “*caiu a máscara*”, “*daí, ela se vingou*”. Questionei se seu relato não poderia deixar espaço para outras interpretações, como, por exemplo, a procura de outros relacionamentos ser apenas um modo que a ex arranhou para seguir adiante. Marina transitou então para outro modo: passou a descrever sua questão como “*minha doencinha*”, dizendo que isso se repetia com frequência, que tinha “*mania de achar que sempre tem alguém a ferindo injustamente*” e que “*não consegue perdoar*”. Nas sessões, costumava transitar de um tipo de fala para outro conforme eu a fizesse se ouvir, apontando para termos recorrentes em sua fala. Após comentar bastante a doencinha, poderia, na sessão seguinte, ouvir-me dizendo que “*talvez a doencinha não passasse de parar de culpar o outro para culpar a si mesmo, o que não mudava muita*

*coisa*”. Então decidia “*sair da lama*” (modo pelo qual descrevia o território da culpa), na maioria das vezes não demorando muito para voltar ao tom ressentido contra a parceira. Essa cadeia reativa durou bastante tempo, possibilitando-me, muitas vezes, apenas fazê-la alternar entre ressentimento (contra o outro) e culpa.

Quando apresentei essa cadeia reativa a Marina, apesar de haver consentimento, não a impedia de continuar transitando entre esses dois campos. Por exemplo, um dia, chegou em uma sessão dizendo que gostaria de falar de outros assuntos que não Olívia. Entendi que estava investindo em tentar sair da cadeia. Começou a falar de uma lembrança de algo que ocorrera quando tinha quatro ou seis anos, que havia “*entendido*” somente agora, fazia pouco tempo – de um tio paterno ter “*dado em cima*” de sua mãe na sua frente. Parecia uma ótima oportunidade para explorar um campo distante da fala fechada da qual até então era difícil escapar. Mas, embora a iniciativa tenha funcionado no início, após um tempo, o assunto mostrou ser apenas uma chave de retorno ao padrão ressentido dirigido à sua parceira. Disse ter enviado a ela essa lembrança assim que a recordou, mas teria demorado demais para obter alguma resposta. Isso teria sido o motivo da suposta necessidade de bloqueá-la em todas as redes sociais. Sentiu-se “*menosprezada*” pela demora da resposta. Novamente caía no discurso de sentir-se traída. Depois de muito falar a partir de seu ressentimento, perguntei se o bloqueio digital não teria sido um modo de tentar fazer com que Olívia sentisse alguma responsabilidade perante ela. Confirmou a hipótese, imediatamente transitando para a culpa, “*minha doencinha*”. Interessante que, quase um ano depois, Marina descobrirá que obteve resposta pelo whatsapp horas depois tê-la bloqueado, privando-se por suas próprias mãos de receber conforto de Olívia.

Essa cadeia não estava apenas nos relacionamentos amorosos, mas também nos contextos de amizade e profissional, sendo que essas três áreas muitas vezes se sobrepunham. Por exemplo, os integrantes da banda eram seus grandes amigos de longa data, assim como seu produtor e alguns técnicos de som com quem trabalhava. Uma vez relatou um caso em que defendeu algo de extrema importância para o álbum da banda que estava sendo criado. Disse haver contestado uma decisão do produtor, que se colocava irredutível sobre a edição de uma determinada faixa. Porém, lamentou que o fez de modo excessivamente agressivo. Em episódios como esse, eu tentava intervir de maneira que sua fala seguisse por uma nova via, que não a do ressentimento, nem a da culpa. Nesse momento, sua fala tendia a prosseguir para o culpar-se. Perguntei, então, se a agressividade não acabava ameaçando aquilo de mais importante do episódio que

relatava: o próprio processo de finalização da faixa. Nessa sessão, apesar de ter conseguido efeitos semelhantes em momentos anteriores, percebi com suficiente nitidez um dispositivo que colaborava para a saída de sua cadeia reativa: jogar o julgamento da situação nas mãos daquilo que lhe era mais caro, o processo de criação.

Marina percebia em si “*algo do nível intuitivo*” que sempre lhe apontava para a direção de maior probabilidade em “fazer a coisa funcionar”, fosse no momento da composição de uma letra, do arranjo musical, ou durante o processo de edição. Explicava que, em contrapartida, em todas essas etapas do processo de criação, abria a todos do grupo a possibilidade de ter opinião sobre qual seria o próximo passo. Chegou a dizer, em tom de humor, de uma “*síndrome de coletividade*” que constantemente colocava em risco algumas decisões que sentia ter maior competência em tomar. Já havia revelado antes essa ideia, mas sempre que ela vinha, seguia logo para o discurso tonalizado pela culpa, assumindo um suposto desejo de tirania perante os colegas de trabalho. Essa imagem, em seguida, lhe soava como contrassenso, pois, ao mesmo tempo, o próprio coletivo acabaria esperando sua palavra final diante da maioria dos procedimentos. Nessa sessão, concluiu que esse tipo de situação se desenrolava de modo um pouco diferente do que imaginara até então. O elemento “tirânico” estava somente no grau de agressão que usava para garantir que determinado problema seguisse de acordo com sua posição. Rememorou outros exemplos que demandavam seu “*algo do nível intuitivo*”, nos quais não havia se colocado de modo agressivo. Embora enfrentando certa resistência a princípio, sua posição prevalecia. Parecia haver outros modos de afirmar suas posições que não a agressão, e que justamente esta (e não suas decisões) colocava em risco o bem-estar do coletivo, conseqüentemente, a criação.

Marina e sua banda permaneceram um mês fora da cidade, numa intensa turnê para divulgar o novo disco. Nesse período, tivemos apenas uma sessão por skype. Mesmo que anteriormente tenha passado por um período no qual se sentia muito melhor, comentou que parecia ter “*caído na lama*” novamente. Relatou que, durante o intenso mês de trabalho, ficou sabendo de uma notícia que a abalou fortemente: teria sido exposta em comentários nas redes sociais, em razão de uma suposta agressão sua a um funcionário de um dos eventos. Comentou que, apesar de o rumor ser completamente infundado, previa um constante risco da coisa “*viralizar nas redes*”, sentia-se difamada. Relacionou que, como resultado disso, teve dias que pensou em suicídio e aumentou seu consumo de drogas. Nas sessões, começou a apresentar novamente a cadeia reativa, alternando entre ressentimento e culpa. Nesse novo

período, também voltaram os ciúmes de Olívia. Lamentou que *“tudo estaria voltando à estaca zero”*.

O retorno dos sintomas iniciais me fez suspeitar de que não era exatamente a *“difamação”* a protagonista da *“recaída”*, mas algo mais profundo, mais sutil, que poderia estar sendo impedido de ser pensado. Esse assunto não aparecia em suas falas, mas já era algo notado por mim e que eventualmente dava pistas de sua existência no decorrer da análise. Essa impossibilidade de pensar em tal assunto a colocava numa grande angústia, que não demorava mais que segundos para se deslocar para suas neuroses.

Contudo, me dava a impressão de que as neuroses ainda eram valiosas, não como mero meio de gozo obsessivo, mas, antes de tudo, funcionavam como um marca-página que assegurava não perder um ponto importante em meio aos seus afetos. A partir dessas angústias, algo tinha garantia de ser mantido. E, talvez, *“algo desse algo”* realmente devesse ser mantido até que colhesse condições de olhar nos olhos desse problema. Talvez o retorno de suas neuroses fosse apenas consequência da persistência de um problema que Marina recusava abrir mão de resolver, mesmo que sempre hesitasse em olhá-lo nos olhos. Não abria mão, mas não conseguia olhar.

Diante desse impasse de Marina, arrisquei tentar investir contra o laço causal estabelecido por ela: *“me parece que ainda há algo por trás dessa recaída que não é o risco de difamação”*. *“Mas o que seria?”* – perguntou já com um leve tom de reconhecimento dessa possibilidade. *“O que seria?”* – retruquei.

Marina consegue então expor o problema, que diz ser recorrente, e que poderia ser um dos principais elementos por trás de sua *“volta à estaca zero”*. *“Tem uma coisa que muitas vezes me pergunto – abrir mão desses sentimentos não seria castrar minha maior fonte de criação? Minha raiva, a dor, a culpa... sinto que elas podem ser a fonte de minhas músicas”*. Temia, eliminando-as, perder o poder de criar. Perguntei se não seria precipitado concluir que seu trabalho dependia somente desses sentimentos para existir. Especulei se esses sentimentos não poderiam até, pelo contrário, estar castrando a possibilidade de um trabalho novo, diferente. Por fim, observei que, em seu último disco, esses sentimentos quase nem apareciam.

*“Tenho uma insegurança que ainda não falei. Sinto-me frustrada, pois minha banda não cresce mais”*. A partir dessa afirmação, consegui elaborar uma série de autocobranças que sentia decorrerem desse problema. Sentia que, até aquele momento, a banda apenas mantinha um *“nível de sucesso”* que foi muito bom assim que

conquistado, nos seus primeiros anos, mas apenas se conservando no decorrer dos anos seguintes. Tinha a impressão de que, quanto mais o tempo passava, mais próxima estava de uma “*natural*” diminuição desse sucesso. Disse que era tal sucesso que definia o quanto ela e os outros integrantes da banda receberiam financeiramente. Isso a pressionaria para manter um nível popular que sentia se tornar cada vez mais improvável, conforme o tempo passava. Notei que parecia se responsabilizar bastante pelo bem-estar de todos. Respondeu que talvez nem precisasse tanto, pois cada um deles mantinha livremente projetos paralelos, que conseguiriam “*se virar*” num eventual revés da banda. Revelou também uma antiga vontade de investir numa carreira solo.

Embora o medo do fracasso parecesse se distanciar do problema da “*castração*”, o que poderia se confundir com um desvio do assunto, na verdade, eles se correlacionavam. Marina “*voltou à estaca zero*” em seu modo de lidar com os relacionamentos amorosos por causa da impressão de ser aquele seu território criativo. O medo de o “*sucesso*” acabar, por senti-lo estagnado há anos, teve o efeito de fazê-la abraçar sua “*lama*”, sua “*doencinha*”. Porém, antes mesmo dessa narrativa, era vontade da analisanda sair desse território também, no desejo de outros ares de criação.

Aqui se encontrava seu maior ponto de hesitação. O sucesso pode ter sido um elemento que um processo demandou em determinada etapa, o sucesso funcionava como garantia de uma série de elementos dos quais sua música dependia, tanto elementos materiais, financeiros, quanto afetivos, relacionados à construção de sua poesia.

Contudo, o que restou ao nível criativo após essas forças se rearranjarem? Seu processo clínico agora se via refém de uma resistência a ter que *recriar seu criar*. Marina hesitava em dar um novo passo. O medo de não conseguir algo novo que funcionasse como o que antes havia. O que seria funcionar? Será que os parâmetros de comparação não teriam também que ser recriados? Pergunto se tais parâmetros (como o nível de fama e o bem-estar dos outros integrantes) já até não tinham sido recriados e que, justamente por isso, existia a dificuldade de a “*mesma receita*” continuar satisfazendo-a. Será que esse “*a banda crescer*” é ainda uma vontade? Não teriam os interesses mudado no decorrer do tempo? Não seria justamente esse apego a antigos parâmetros que poderia já estar “*castrando*” a possibilidade de avançar o processo de criação?

Um ano depois, Marina mudou bastante sua relação com a música. Ainda mantém sua banda, suas turnês, mas passou a dedicar-se de modo mais intenso à

composição para outros artistas. Sente-se empolgada com essa nova etapa de seu trabalho.

\*

Algumas vezes, um processo anseia seguir tão a fundo que não importa mais onde possa cair. Paulo havia entrado em contato por email procurando análise, mas precisaria tratar da questão do pagamento, pois não tinha dinheiro. As primeiras duas sessões foram desmarcadas. Na terceira semana, apareceu meia hora atrasado com temperamento taciturno. Sentou-se, permanecendo num silêncio relativamente longo. Então, de olhos fechados e voz monótona, começou a falar que se encontrava, nos últimos dois meses, sem vontade alguma de sair de sua cama. Havia iniciado, há alguns meses, *“um tipo de experimentação, pensei, no início, sendo quase que uma brincadeira: me submeti a um processo de reclusão do qual não consegui mais sair. No começo queria me isolar um pouco para entrar em contato com algo que não sabia direito o que era, mas de repente me vi sugado pelo meu quarto não tendo mais nenhuma vontade, nem para ir ao ateliê”*. Enquanto falava, às vezes abria os olhos, olhava para a parede a sua frente, e, quando raramente me encarava, o fazia apenas por breves instantes. Comentou ter conseguido chegar à sessão dessa vez pois tinha *“fumado muita maconha”*, e perguntou se era um problema. Respondi que o importante era que conseguisse vir. Não me senti testado, era mais como se escondesse um sentimento muito ruim para consigo mesmo, me parecia talvez arrependimento de chegar atrasado.

Perguntei o que seria essa experimentação. Explicou que trabalhava com videoarte e fotografia. *“Às vezes, para obter certas ideias, acabo seguindo por alguns caminhos. Tinha cruzado com essa coisa da solidão e resolvi experimentar a reclusão total..., mas algo saiu do controle”*. *“O que será que pode ter desandado aí para a experiência sair do controle?”* – indaguei.

*“Tenho tido muita impaciência com as pessoas ultimamente. Sempre tive, mas isso tem aumentado cada vez mais”*. Prosseguiu com um exemplo no qual, recentemente, havia agredido fisicamente um velho amigo por um *“motivo tolo”*, seu amigo teria dito alguma *“asneira política”*. Especulei se esse tipo de *“tolice”* e de *“asneira”* não poderiam estar relacionadas com sua vontade de reclusão. Concordou, acrescentando que sentia muita raiva do modo como as pessoas estavam *“levando muito*

*a sério*” as redes sociais e, como consequência, acabavam partilhando um mesmo modo de pensar, discursar, resultado desse novo formato de mídia. Em seguida, ressaltou que, apesar disso, ainda era necessário, em seu contexto, a inserção em tal dispositivo. “*Qual seria esse contexto?*” – perguntei.

Passou a descrever o seu trabalho e um pouco de sua carreira. Apresentou-se como inserido no cinema experimental, fazendo filmagens na rua que divulgava na internet, e que há muito tempo trabalhava “*com alguma coisa de videoarte, filmando em super 8, revelando e intervindo na película, depois amplio como fotografia*”. Comentou ter “*milhares*” de obras desse tipo guardadas, mas não conseguia pensar em vendê-las. Tinha acesso a um laboratório de edição de alguns artistas que conhecia de longa data. Eles também lhe emprestavam câmeras e permitiam o uso do laboratório para revelar filmes. Além disso, Paulo também estava sempre à procura de editais de oficinas em conjunto com outros colegas profissionais.

No final dessa primeira sessão, tratamos da questão do pagamento. Disse que os pais poderiam pagar por alguns meses, mas que tinham pouco dinheiro. Propus que me falasse quando o pagamento se tornasse um problema. Comentou que falar de dinheiro o incomodava muito, principalmente nesses momentos em que se tratava de uma ajuda dos pais.

Na sessão seguinte, acrescentou que outro grande problema era que, com “*essa falta de dinheiro*”, conseqüentemente, acabava se tornando “*dependente*” dos pais (com os quais ainda morava e ajudava nas eventuais despesas com comida, terapia etc.), amigos (que ajudavam garantindo um espaço no laboratório/ateliê onde produzia) e da ex-namorada (com quem, numa época, morou “*de favor*”. Quando começou a análise, encontrava-se solteiro havia alguns anos). Ainda especulou que esta dependência estava diretamente relacionada com sua baixa autoestima.

Pedi para elaborar a relação que fazia de sua baixa autoestima com tal dependência. Respondeu que sempre havia procurado viver com a maior independência de dinheiro que conseguisse, mas isso acabava sempre o levando a depender financeiramente de outras pessoas. Sentia que estava num momento de rever essa questão, mas que o dinheiro era algo extremamente complicado. Comentou sobre um emprego do qual havia sido dispensado recentemente, no qual dava aulas de videoarte numa casa de cultura. Disse que “*fechava a cara*” para muitas coisas que aconteciam na casa, o que limitava seu acesso a recursos. Recordou que, na época, havia um colega, que também dava aulas de arte no mesmo programa, e que o irritava muito. Perguntei o

que irritava. “*A sua tranquilidade com o dinheiro, com as coisas que ele fazia para conseguir os recursos que precisava para suas aulas..., puxar o saco de gente careta, essas coisas. Esse tipo de esquerda me irrita muito*”. Fiquei em silêncio. “*Se bem que ele conseguia os recursos que precisava, né? E continua lá, eu fui o primeiro a ser dispensado*”. Perguntei como se sentia por ter sido dispensado. Respondeu que “*triste, pois ali até que conseguia trazer uns diálogos interessantes, produzir muita coisa com gente mais nova*”. Sugeri que isso parecia ter um pouco a ver com o que havia dito antes sobre rever essa questão do dinheiro.

Foi então que adicionou, expressando desdém, que tinha vontade de, algum dia, “*simplesmente expor em galeria uma cédula de dinheiro colada em moldura*”. Junto com essa fala, fazia o gesto de prender a nota em uma parede imaginária, com as mãos espalmadas. “*Com esse gesto – aponteí –, você parece tentar apartar-se do dinheiro*”. Paulo olhou para as próprias mãos e parecia refletir sobre o próprio gesto – “*É, o dinheiro sempre foi complicado*”. Começou a contar sobre uma situação que teria ocorrido um ano antes, quando recebeu uma grande quantia por um edital de um trabalho a ser feito durante quatro meses. “*Era uma quantia boa, cinco mil reais, mas se for pensar na duração de quatro meses, não era tão grande assim*” – ponderou. Porém, a reação que teve assim que viu o dinheiro creditado em sua conta foi de gastá-lo de modo compulsivo. “*No caminho de volta para casa, no final de tarde, avistei um puteiro e imediatamente entrei. Foi estranho, não pensava em nada, meu corpo apenas era guiado. Fiquei lá dentro por três dias, nunca tinha feito algo assim, nem mesmo ter ido atrás de puta. Quando percebi, havia gastado não só os cinco mil, mas esgotado todo o restante de meu dinheiro*”. Comentei que a narrativa de sua investida no puteiro transparecia uma impressão de alívio – precisamente, alívio em se desfazer rapidamente do dinheiro. “*Quando você conta o episódio, dá a impressão de que o dinheiro pesava em sua carteira e você teve que eliminá-lo o mais rápido possível. Lembrou-me o gesto de pregar o dinheiro na parede*”. Espantou-se por apreender tal relação. Revelou ter acabado de compreender o que era complicado no dinheiro, disse ter percebido uma “*resistência irracional*” a ele. Perguntei o que queria dizer com irracional, respondeu: “*não pareço ter controle, acho que me prejudica*”. Prosseguiu notando o quanto poderia ter conquistado com aqueles cinco mil reais no âmbito de uma independência, comprar seus próprios materiais de produção, ter conseguido ser “independente” por todo o semestre. Mas onde Paulo disse “irracional”, ouvi “reativo” – parecia haver uma reação espontânea ao dinheiro, que não abria espaço para uma escolha, uma decisão.

Em outras sessões, mais casos do que posteriormente apelidamos de “medo de dinheiro” foram surgindo. Me contou que uma vez, promovendo uma oficina com uma equipe de artistas, ficou encarregado de comprar alguns materiais com o dinheiro do grupo. O grupo lhe deu quinhentos reais nas mãos. Sua primeira reação foi colocar o dinheiro numa sacola plástica transparente (dessas de mercado) que continha alguns exemplares do que deveria comprar. Foi ao ponto de ônibus que o levaria à loja. Sentado no banco, rapidamente adormeceu. Ao acordar, olhou para os lados e concluiu que haviam roubado a sacola com o dinheiro. Ao terminar de narrar o episódio, o fiz notar alguns pontos que talvez acusassem essa reação peculiar ao dinheiro. “*Você coloca seu dinheiro onde, normalmente?*”, “*em minha carteira*”, “*por que será que colocou na sacola de mercado?*”. Convenhamos, quinhentos reais colocados numa frágil sacola de plástico... “*É... não tinha pensado nisso*”. “*Quando você acordou, quanto tempo demorou para concluir que haviam lhe roubado? Afinal, era uma sacola de plástico com alguns papéis... não poderia ter caído no chão, discretamente rolado com o vento?*” A reação de Paulo parecia quase a de querer voltar no tempo para poder olhar um pouco mais ao seu redor.

Em outra sessão, comentou que, numa festa, conseguiu perceber um detalhe sobre como comprava suas bebidas. Tinha sempre um dinheiro muito “*contado*”, que renderia um número limitado de produtos para consumir durante a festa. Então, sempre imaginava, no início, projetar um bom aproveitamento da quantia. Porém, dessa vez percebeu que sequer considerava olhar para o troco no momento de utilizar o dinheiro, não por confiar no bar, mas percebeu que estava realmente evitando olhar seu dinheiro. A partir desse momento, passou a reparar sozinho em diversas situações nas quais, de algum modo, se esquivava do dinheiro.

Nessa época, falou que seus pais estavam em grande dificuldade financeira, que não poderia depender mais deles para pagar as sessões. Aproveitando a questão do dinheiro, perguntei o que fazia com aquelas obras que não “*conseguia*” vender. Disse acabar acumulando-as num arquivo. Propus a ele vender uma daquelas obras por mês e me pagar aquilo que conseguisse lucrar com a venda. Para isso, teria ele mesmo que pensar o quanto cobraria pelas obras. Paulo empolgou-se com a ideia, pois o incomodava muito “*não poder pagar ele mesmo*”. Embora tivesse receio da extrema dificuldade de colocar-se essa tarefa.

Contudo, essas percepções em relação ao dinheiro ainda eram trazidas paralelamente ao problema da reclusão, a partir do qual Paulo havia buscado análise.

Durante as sessões, também narrava, num tom que misturava romantização e arrependimento, os episódios em que havia se “rendido à reclusão”. Parecia sempre trazer de fundo uma dúvida: se esses episódios prejudicavam os seus trabalhos, ou serviam de experiência para produzi-los. Comentava também que esses episódios se intercalavam com seu oposto: *“Tenho raros momentos que consigo sair do quarto e vou diretamente para o ateliê. Mas, quando fora de casa, a coisa se inverte. Começo a produzir sem parar. Daí pessoas vão aparecendo... e entra um outro lado desse meu problema – não consigo parar, só volto para casa num momento de esgotamento total. Inclusive, antes dessa reclusão, eu sempre puxava mais para esse lado hiperativo”*. Comentou então sobre o último episódio, no qual estava produzindo intensamente, desde muito cedo. Trabalhou incessantemente até o fim da tarde (ele não percebeu o passar do tempo), quando colegas do ateliê o lembraram de que haveria uma festa ali perto, e que iriam beber algumas cervejas até que desse a hora de sair para a festa. Uniu-se a eles na bebida enquanto ainda produzia um pouco mais. *“Sentia-me muito bem, como se tudo fluísse naturalmente. Quando notei, havíamos bebido muita cerveja, estava totalmente bêbado, mas sentia-me extremamente funcional. Fomos para a festa. Todo mundo estava lá. Conheci uma garota muito interessante, fiquei com ela até a hora que ela decidiu ir embora. Continuei na festa até o dia seguinte, vareei o dia e voltei ao ateliê para produzir. Ali, outras pessoas estavam cheirando pó, sentei com eles. Conversamos até a hora do almoço sobre política e literatura. Percebi então que, gradualmente, essas pessoas que estavam de manhã foram indo embora e outras chegando. No final da tarde, ainda estava cheirando, porém com um grupo completamente diferente que o inicial. Trabalhei até a madrugada, retornei a algumas imagens que havia revelado para fazer algumas intervenções. Dormi ali mesmo no sofá do ateliê algumas poucas horas até a manhã seguinte, quando saí para a rua, desejando voltar para casa, tomar banho, comer algo. No caminho do metrô, cruzei com alguns colegas que estavam filmando. Parei por ali e fiquei trocando ideia, fazendo algumas fotos. Tomamos mais cervejas”*.

Paulo narrou uma série de episódios parecidos, nos quais despontava um certo ânimo que só terminaria com o total esgotamento. *“Cheguei na casa dos meus pais às vinte horas, parecendo um morto-vivo – sujo, cheiro de álcool e suor, e o olhar típico de quem ficou três dias inteiros sem dormir”*. Após uma dessas narrativas, comentei minha impressão de que essas “saídas sem fim” pareciam buscar algo que falta – não pode dormir, senão não acorda mais; não pode dormir, senão não encontra o que falta.

“*O que poderia estar faltando?*” – perguntei. Não soube responder. Comentei desconfiar que não seria algo que encontraria nessas saídas, mesmo que também visse sentido nelas, que fossem importantes para seu processo de criação. Então destaquei o contraste entre sua reclusão e sua hiperatividade social. Comentou que parecia com a sensação que tinha de sua última relação amorosa, na qual houve semelhante contradição: uma total dependência de sua parceira, principalmente material, mas de um certo modo também afetiva, que vinha junto com um forte sentimento de falta de privacidade. “*Parece, novamente, que independente do que se faz, continua faltando algo*” – comentei.

Vale ressaltar que, quando senti que o analisando procurava algo que faltava, não estava tentando emanar-lhe psicanálise por códigos. Não era sob o velho conceito de falta que eu estava sugerindo que pensasse. Essa falta não era constituinte de uma função estrutural fadada a não ser satisfeita. Pelo contrário, parecia realmente estar faltando algo em sua equação. Não era algo que faltava na constituição do sujeito, era mais uma peça que estava faltando para fazer uma máquina rodar. Sugeri a ele que poderia ser algum elemento que era negado ao processo de criação, ao seu trabalho. Paulo recorria, brilhantemente, a extremos em suas interações com o mundo para tentar captar isso que faltava. Porém, e aqui introduzia a ele minha hipótese (“*para que jogasse fora se não fosse isso*”), essa busca sempre derrapava, porque era algo fora de seu alcance, inquestionável, que não tinha permissão de possuir, que o mantinha com todas as forças preso na parede – o dinheiro. O que faltava em seu processo de criação? O que não poderia aparecer de modo algum nesse processo? Apontei que era só observarmos em suas narrativas o que acontecia quando o dinheiro surgia.

Paulo, então, lembrou-se de um exemplo que parecia convalidar essa conexão entre o dinheiro e a reclusão. Na semana anterior, havia acontecido uma feira importante na área do cinema, onde foram vendidos livros e apresentados filmes. Muitos dos estandes aproveitaram para vender algumas obras de artistas vinculadas ao cinema. “*Umás duas semanas antes, dois amigos, de estandes diferentes, haviam me feito a mesma proposta: que pegasse algumas das minhas obras, colocasse atrás um preço escrito pequeno à lápis e deixasse com eles. Foi uma coincidência, ambos me deram essa dica sem combinar. Disseram que muita gente procurava esse tipo de trabalho nessas feiras e venderia muito. Não consegui nem relar nas fotografias. No final, um deles, que também fazia um trabalho que podia ser vendido nesses termos, lamentou eu não ter levado as obras, pois as dele haviam vendido como água*”.

Prosseguiu, assumindo que sabia que venderia como água, mas simplesmente não as levou. Acrescentou ainda que, durante o horário em que a feira estaria acontecendo, postou nas redes sociais diversas fotos de seus trabalhos. Ficou toda aquela noite observando comentários nas fotos, que diziam “*nossa, porque não trouxe para a feira?*” “*Poxa, onde estavam seus trabalhos? Queria ter comprado algo*”.

Perguntei se via como coincidência o fato de postar as fotos enquanto a feira acontecia. Negou, “*na hora não percebi, mas claramente quis mostrar que minhas obras não estavam à venda*”. “*O que acontece ao mostrar que elas não estão à venda?*” – retruquei. “*Não sei se é isso, talvez eu não queira me desfazer delas*” – parecia esquivar-se. Insisti em sua primeira resposta, sendo um pouco mais diretivo: “*Elas não estarem à venda as tornaria superiores a outras obras?*” Nesse momento, Paulo ficou em silêncio, parecia captar que, negando-se a vendê-las, ainda lhes atribuía justamente aquilo que procurava evitar no dinheiro – seu valor. “*Acabo não conseguindo fugir, né...*”. Mesmo sem o dinheiro, a função do dinheiro ainda ameaçava seu trabalho.

Na semana seguinte, após cinco meses sem “conseguir” vender suas obras (desde que firmamos nosso acordo), trouxe o valor referente à venda de uma. Comentou que foi difícil desfazer-se dela, mas que, ao mesmo tempo, sentiu que fez bem até mesmo ao seu próprio processo de criação. “*Foi interessante passar a me preocupar com coisas que antes não me importavam. Fiquei debruçado por horas procurando ideias para uma moldura, isso me fez reparar nessa parte do processo, de finalização, algo que nunca havia feito com essas obras*”. Comentei como essa relação nova com a moldura, de “*finalização, parecia um pequeno fechamento que permitia a obra ser passada adiante*”. Pensando em nível processual, paradoxalmente, o “fechamento” (a finalização com moldura e venda) de uma de suas obras permitiu a ela ser passada adiante, ou seja, possibilitou fazer conexão com outros processos.

Perguntei, a partir de sua constatação de que finalizar uma obra fez bem para o processo de criação, se até mesmo o dinheiro – já que era não só inevitável, mas bem-vindo (se levássemos em conta sua vontade de independência financeira) – não poderia também estar diretamente relacionado com o fechamento de um trabalho. A forma como lidava com o dinheiro limitava a potência (até onde pode ir) do próprio processo. Nesse sentido, o que procurava incessantemente não poderia ser esse eventual fechamento, que o levara de volta à produção? O que procurava, não podendo dormir ou acordar, parecia ser a possibilidade de dar às obras esse fechamento-conexão.

A relação de antagonismo com o dinheiro tinha como consequência a impossibilidade de lidar com certas conexões que seu trabalho poderia eventualmente exigir. Além do que, essa recusa o fez perder de vista a maneira pela qual o dinheiro estava agenciado ao processo. Isso aparece na forma como se recusa a vender seus trabalhos na feira – os expõe “não à venda”, tornando-os intocáveis, valendo mais do que dinheiro. Parece até haver, nesse gesto, alguma correspondência com aquele de prender o dinheiro na parede, externalizando-o de si. Essa expulsão do dinheiro reverbera no campo processual, pois, ao processo, passa a ser negado lidar até mesmo com a existência fascista que o dinheiro estabelece no mundo. No final, o motivo mais importante para protestar contra o dinheiro acaba não sendo solucionado – como viver e fazer viver sem ele. Pois impede a si mesmo de criar ou perceber modos mais efetivos que possam superar essa necessidade. Impede-o de se conectar com esse problema de modo afirmativo, ou seja, a partir da produção e não do recalque. Como ser livre do dinheiro sem ser assombrado por ele? Paulo parece iniciar a criação de seu próprio espaço para o dinheiro.

Um sintoma sempre tem sua face política – ele é metade política (ética), metade reatividade. A intervenção de um analista pode convocar uma dessas faces. Sujeitando-se à metade política, ao menos dois processos se levantam, ou, se for o caso, são retomados. Digo ao menos dois pois um deles é sempre o próprio processo analítico (um processo vital do analista), e um outro é sempre um processo vital do analisando. Porém, poderíamos questionar se processo é algo a ser posse de alguém. “Mas será possível dizer que a aranha tem o projeto de tecer sua teia? Não creio. Melhor dizer que a teia tem o projeto de ser tecida”,<sup>23</sup> propõe Deligny. Nesse caso, o uso de pronomes possessivos serve apenas para mapear onde esses processos se confundem com o sujeito, se a face reativa tivesse sido convocada. A partir desses dois processos que se conectam, diferentes processos podem ser reativados em diferentes graus, e outros podem até mesmo nascer.

Por mais reativo que o sintoma seja, há sempre nele uma pista inicial de um questionamento micropolítico. A questão do dinheiro apareceu como um problema de cunho político (ético) na vida de Paulo. Em outras palavras, um processo ligou-se ao dinheiro, mas o fez justamente para desatar-se de seu fascismo.

---

<sup>23</sup> Deligny, F. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1, 2015, p. 16.

Paulo se reclusou, a princípio, por uma experimentação, buscando “*algo que não sabia direito o que era*”. Porém, o sintoma paralisa um processo. Desse algo, que é do plano virtual, corre sempre o risco do *eu* acabar sequestrando o foco dirigido a um processo. Há um erro de cálculo: esse *algo* passa a ser confundido com o *eu*. Uma ação agora tem a finalidade de restituir ao *eu* aquilo que supostamente lhe falta. Passa-se a ansiar pelo poder de decidir sobre todos os valores. No caso de Paulo, seria justamente o poder que ele percebeu que o dinheiro possui. O processo capturado pelo ansiar por tal poder se expressa, por exemplo, quando ele prende o dinheiro na parede (mesmo que de modo negativo), e quando expõe suas obras “sem preço” nas redes sociais no mesmo dia da feira.

Volto agora ao outro lado da moeda. Mesmo que muitas vezes seja mais difícil encontrá-la, uma face do sintoma sempre é um protesto do inconsciente. Por mais que o *eu* seja reativo, acaba deixando escapar a verdade de um processo em suas ambiguidades. Se o analista conseguir abrir diálogo com a face política (ética) do sintoma, o analisando não só aceita olhar para o conteúdo recalçado, mas irá celebrar tal encontro. Assim, enquanto o *eu* anseia pelo poder de decidir sobre todos os valores, um processo de criação anseia inventar seus valores de modo que sejam imanentes. Por exemplo, a possibilidade de olhar o dinheiro como modo de finalizar a obra permitiu a ela ser passada adiante e, conseqüentemente, abrir novos caminhos e novas conexões para seu processo de criação. Também forneceu a Paulo uma nova gama de terrenos de batalha contra o capitalismo e seu poder perante outros modos de existência.

## Um processo fragmentado

Marcos começou a análise queixando-se de uma série de vontades vindas em conjunto com a dificuldade em executá-las. Queria começar a dar aulas, mas lamentou não conseguir falar bem em público, o que o desencorajou de seguir em busca de um cargo de professor. Acrescentou que esse problema também acontecia em situações menores, como tirar uma música no violão. Disse que tinha o hábito de iniciar uma série de “projetinhos” – como jardinagem, construir uma escrivadinha, aprender a jogar Go –, mas os abandonava rapidamente. Sentia que, em comum com esses planos, havia uma empolgação muito grande, uma primeira dedicação frequente, mas, depois de uns dias, sentia certo desinteresse em continuá-los.

Marcos falava sobre uma frustração com o seu rendimento acadêmico e dificuldade em se preparar para concursos públicos (que gostaria de fazer para ser professor universitário). Indaguei se haveria alguma relação entre sua dificuldade (com estudo e trabalho) e a constante busca de novos “projetinhos”, os quais não paravam de se multiplicar, sendo interrompidos precocemente. Naquela época, desistia de construir sozinho um *case* para sua guitarra, interrompendo um projeto ao qual havia se dedicado, exclusivamente, por uma semana. Considero que essa fala aponta uma certa fragmentação processual: há uma vontade de ser professor, de estudar, pesquisar e escrever; mas, ao mesmo tempo, uma paralisação dessa classe de processos, paralela (se não alinhada) a um desejo de pequenos e voláteis “processinhos”. Como se o desejo fosse impedido de ligar-se direta e plenamente a um processo que lhe diz respeito de modo consistente.

O que é um hobby, um passatempo, uma atividade prazerosa para se fazer no tempo livre? Por trás da busca desses projetinhos, paralelos ao trabalho, com a finalidade de lazer, pode se ocultar um molde de subjetivação que implica a fragmentação de uma subjetivação processual. Um sujeito, por exemplo, que trabalha todos os dias de semana para comprar seus videogames e jogá-los ao lado de uma pizza e amigos nos fins de semana evoca questionarmos até mesmo a naturalidade da oposição cultural dia de semana, fim de semana. Tal distribuição do tempo e dos diferentes tipos de comportamento que ocupam essas duas texturas temporais parece ser consequência de uma perspectiva sobre o trabalho a partir da noção de troca. Troca-se o miolo da semana pelas suas extremidades. (E mesmo a flexibilização – e até mesmo abstração – neoliberal dessa divisão de tempo não os mistura, tendo mero efeito

adstringente: uma dieta laboral que intercala partículas de trabalho com rações mínimas de lazer, estrutura simulada até mesmo pelo respectivo aconselhamento nutricional da moda: pequenas e frequentes rações diárias. O lazer, prato quente apenas, despedaça-se em pacotinhos de bolacha integral disponíveis em *vending machines* – meia horinha de Netflix entre uma tarefa e outra).

Seja num esquema moderno ou neoliberal de distribuição da razão trabalho/lazer,<sup>24</sup> é possível questionar quais critérios estabelecem tal oposição e, conseqüentemente, desnaturalizar tal relação fragmentada da dimensão processual da vida.

Trabalho e lazer, quando olhamos bem de perto, acabam tendo características muito parecidas. Podem ser atividades que demandam o mesmo nível de concentração, interação, produção, desempenho etc. Quanto mais se investiga, menos diferença encontramos entre eles. Os *role-playing games* (RPGs), por exemplo, são jogos contemporâneos que dominam cada vez mais a cultura do lazer, em nível global – seja em formato digital ou analógico (jogos de cartas, tabuleiros); sejam aqueles jogados individualmente ou em grupo; seja o grupo que joga formado por pessoas reais interagindo *online* ou por algoritmos que simulam reação humana. Os games (mídia que há mais de uma década ultrapassou o cinema do ponto de vista do lucro<sup>25</sup>) são predominantemente baseados em *role-playing*. Pessoas simulam progressões em batalhas de guerra, jogos esportivos ou certos modos de vida que não poderiam sustentar na realidade. Simulam inclusive aquilo que muitas vezes já sustentam, pois há jogos que procuram simular até mesmo o entediante realismo do cotidiano, do modo mais fiel que puderem.

Porém, não quero dizer apenas que as pessoas buscam tais jogos por servirem como plataforma fantasiosa para sustentar ideais do que seu trabalho (ou seu cotidiano em geral) deveria ser. Isso porque acredito que o elemento fantasioso também define a própria relação que se tem com o trabalho “real”, aquele do meio da semana, que é trocado por dinheiro. O próprio trabalho/emprego tem muita chance de apenas simular um trabalho/processo. Profissões, muitas vezes, já são elas mesmas *role-play* de algo – algo tão idealizado que, assumidamente, pode ser conquistado apenas no nível da fantasia.

---

<sup>24</sup> Poderíamos especular até mesmo a semelhança que essa dualidade possui em relação àquela do sujeito/objeto.

<sup>25</sup> Video games bigger than film. *The Telegraph*, 16 July 2019. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/technology/video-games/6852383/Video-games-bigger-than-film.html>>.

Uma carreira profissional simula um processo. Podemos pensar “simular” como sinônimo de interpretar, mas principalmente como de representar. É sua representação a partir de um determinado conjunto de valores morais e culturais. Nesse sentido, simular também é delimitar, reduzir a partir de um pequeno conjunto de modelos que se pretendem universais. O modelo tratado acima seleciona arbitrariamente um processo e rompe sua ligação direta com o desejo. O faz substituindo o desejo-ligado-ao-processo (no qual o desejo liga-se àquilo que pode permitir-lhe continuar desejando, ou seja, desejar a si mesmo) pelo regime da troca (no qual o desejo se remodela sob uma relação objetual). Como fundamento desse modelo, o desejo é impedido de se ligar diretamente àquele processo primeiro (eleito para que seu produto seja trocado por dinheiro). Conseqüentemente, resta ao desejo explorar outras vias, vasando para outros pequenos processos que permitem uma ligação limitada. Limitada, pois, por serem uma segunda opção, eles vêm após o impedimento de se ligarem com a primeira, mais forte, mais verdadeira, restando ao desejo algo secundário, descomprometido. Por serem secundários, esses pequenos processos devêm objeto, perdendo seu *status* de necessidade (ético-real), assumindo um *status* de recompensa (moral-simbólico).

O hedonismo, trabalhar (ou não trabalhar) pelo prazer, não é uma escolha, e sim um consolo, aposentadoria por invalidez; assim como o *workaholic* não tem seu desejo ligado a um processo existencial, mas ao acúmulo de capital (objeto simbólico). Deleuze diferencia prazer de desejo, propondo que a falta (de um objeto) não necessariamente diz respeito ao desejo. A este interessa apenas ligar-se àquilo que funciona. “Em vez de ser estrutura ou gênese, ele é, contrariamente, processo”, “é sobre ele que os agenciamentos se fazem e se desfazem”.<sup>26</sup> Já o prazer, segundo Deleuze, “interrompe o processo imanente do desejo”, “o prazer vem a interromper a positividade do desejo e a constituição de seu campo de imanência”.<sup>27</sup> Nesse sentido, a busca pelo prazer presume um modo específico de agenciamento do desejo, que acaba negando compor um plano imanente a um processo.

Iniciei o capítulo anterior com traços dos casos de três analisandos que são artistas. Um dos motivos é que, na tensão analítica construída com eles, percebi algo importante que é característico da arte (embora não exclusivo). Os artistas conservam a

---

<sup>26</sup> Deleuze, G. Desejo e prazer. Carta de Deleuze a Foucault. *Cadernos de Subjetividade*, especial Gilles Deleuze, São Paulo, n. 17, 2015, p. 21.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 21-2.

necessidade de ligar o desejo a um processo. Não quero (e não vou) definir o que é arte ou um artista. Mas no processo analítico travado com eles, algo sempre fica muito bem colocado (lembrando que a palavra processo é dita com muita frequência nesses casos). Em um certo sentido, o caso é oposto – esses artistas é que me mostraram, a partir de sua fala, algo sobre psicologia. Mostraram a necessidade do desejo de estar ligado diretamente a um processo. Isso foi mostrado principalmente pelo fato de suas queixas serem relativas justamente àquilo que colocava em risco essa ligação.

De um modo muito fluido, é mais raro aparecer na fala desses analisandos uma separação entre trabalho e lazer, dentro e fora, trabalho e descanso, por um sistema de troca. Um exemplo de como vivem relativamente indiferentes ao molde trabalho/recompensa. Um detalhe que considero uma pista interessante é o fato de os artistas serem aqueles que, muitas vezes, nem consultam se não haveria sessão nas datas que coincidem com algum feriado. Se eu não preciso cancelar, eles vêm. Suas exigências familiares têm que ser tratadas, não raro, no sentido de elas se modelarem a um processo que está em jogo no momento, e não o contrário. Um processo como aquilo que decide, o restante terá que ser remodelado a partir de tais termos.

Voltando ao caso de Marcos, com o tempo percebemos que muitos de tais “projetinhos” acabavam se iniciando quando havia algo que acabava por impedir o desejo de ligar-se àquilo que escolheu como um processo necessário. Sua área de estudos, sua vontade de ser professor e seu prazer eventual (“*quando está tudo bem*”) de sentar na escrivaninha para estudar ou escrever artigos etc., são pontos que mapeiam um processo singular, ou seja, aquilo que está diretamente ligado ao desejo. Afirmando isso levando em conta que Marcos se indignava com o fato de se sentir muito bem, “*mais do que fazendo qualquer outra atividade*”, quando estava sentado estudando; porém, assim que imaginava fazê-lo, era imediatamente tomado por uma paralisia que o levava a procurar outras coisas para fazer.

Marcos percebeu por conta própria o impasse: concluiu que, apesar de haver uma necessidade de buscar tais projetinhos, havia também certa impressão de que a busca era sempre vã. Talvez a busca fosse vã por um simples motivo: o que buscava em tais projetinhos estaria em seu processo primeiro, aquele que não podia ser visto como hobby, como lazer, pois estava *condicionado* a ser visto como aquilo que é obrigatório fazer para ser recompensado.

Na época, ele já havia chegado à conclusão de que havia uma expectativa muito grande sobre seu rendimento quando sentasse para produzir. Essa expectativa

fazia com que desanimasse em começar. A representação idealizada – tanto dele trabalhando quanto do devido resultado que o trabalho deveria render – o separava de trabalhar. Pois o regime de gozo do fazer e do imaginar possuem naturezas completamente diferentes. Impedido de ligar-se diretamente a esse fazer, o desejo se ligava a recompensas: à sua imagem de grande, ao invés de à grandeza de fazer.

Contudo, somada a essa sua percepção, indaguei a Marcos se, quanto ao interesse em tais projetinhos, não haveria também um tipo de experimentação processual ocorrendo paralelamente ao desvio de sua atividade favorita (estudar). Em seus projetinhos, haveria, ao mesmo tempo, um sentido experimental: procurar uma maneira de fazer religar o desejo à processualidade, ao fazer livre de expectativas.

Marcos então passou a notar que, em sua vida, além desses projetinhos, eventualmente havia algumas vontades que lhe pareciam ser pequenos “experimentos”. Por exemplo, quando estava sozinho em casa, queria apenas “*deixar-se relaxar totalmente, não fazer nada a não ser fumar maconha e beber cerveja diante da tevê. Isso me dá uma forte sensação de liberdade*”. Notava, porém, haver resistência contra essas vontades no meio em que se encontrava, que descreveu como uma “expectativa” que os familiares e amigos tinham em relação a ele. Um olhar que pesava muito em suas decisões, fazendo-o se sentir egoísta quando “*se entregava a esses experimentos*”. Disse que, “*apesar de odiar quando era alvo de atenções, tendo sempre escolhido certa discricção entre amigos e contextos sociais, sinto constantemente uma cobrança que vem de fora*”, pressionando-o a impor a si mesmo uma exagerada “expectativa” quando se tratava de seu desempenho em qualquer coisa, seja no cuidado da casa, na pós-graduação, ou em seus pequenos projetos.

Quando pedi para falar mais dessa “expectativa”, Marcos revelou que sentia ser algo um tanto constrangedor: “*é como possuir uma megalomania*”, mas que – o constrangimento atenuou-se nessa parte –, ao mesmo tempo, se identificava com essa “*vida grande*”. Disse ter sempre se imaginado assim e que isso poderia ter sido determinado por uma série de eventos trágicos ocorridos com sua família. Esses eventos o teriam transformado em uma pessoa demasiado diferente das outras, o que resultaria numa capacidade de perceber, entender e conquistar coisas muito “importantes” no futuro. No entanto, esse sentimento acabava causando-lhe muito mal-estar, em razão da impressão de alta expectativa por parte dos outros e, conseqüentemente, de si mesmo. Ainda sentia que tal questão influenciava quando ia estudar e escrever sua tese. Recordou seus momentos de estudo, quando, ao começar a investigar certo problema,

começava a imaginar a si mesmo resolvendo-o de uma maneira nova, que ninguém ainda havia pensado, antes mesmo de apreender a resolução proposta pelo autor. Então perdia a vontade de continuar trabalhando. Disse que isso acontecia com frequência e tinha sempre o resultado de tirá-lo da mesa de trabalho para fazer outra coisa, normalmente assistir tevê.

Perguntei se o problema era mesmo sentir-se tendo uma “vida grande”. Pois não parecia que era exatamente isso que o fazia desistir durante seus processos. Perguntei se esse sentimento de vida grande era necessariamente resultado de uma expectativa sobre si e sobre seus trabalhos. Depois de pensar por um longo momento, respondeu que talvez o sentimento de megalomania fosse mais relacionado à expectativa que ele imagina que os outros têm, mas talvez isso estivesse se confundindo com achar a si mesmo importante. Comentei que “*parece haver então uma diferença...*”. Marcos confirmou, concluiu que não precisaria sentir-se mal por se sentir grande, mas que era mais uma questão de libertar-se da “megalomania”.

A princípio sua conclusão parece paradoxal, mas, se analisamos atentamente, ele diz: posso me render à minha *vontade* de ser grande, basta apenas libertar-me de *ter* que ser grande. Parece que Marcos detecta justamente a diferença de natureza de duas instâncias que ele havia tomado até então como a mesma coisa. Como resultado, detectava o mal que seguir expectativas – que imaginava a partir do outro – podia lhe causar, mas sentia-se constrangido por querer se engrandecer. Ainda reparou que o constrangimento se elevava no grupo de amigos com quem convivia mais, pois achava que nesse grupo qualquer expressão de sentir-se “bom em algo” era imediatamente retaliada com humor. Por fim, concluiu que sua “megalomania” resultava de uma expectativa de sua família, mas que deveria, ao mesmo tempo, ser dissimulada, em razão das suas experiências intensas com um grupo de amigos de longa data.

Muitas vezes também chamava essa “expectativa” de “imagem”. Nessa sessão, diferenciou imagem de vontade (de ser grande). Especulei se, “*a partir de seu pensamento, não se poderia concluir que desfazer-se dessa imagem (ter que ser grande) tornaria possível resolver o problema daquelas vontades seguidas de desgosto*”. Então Marcos me questionou como seria viver sem ser em direção a essa imagem, se seria possível e como fazê-lo. Respondi apenas: “*é possível tentar*”. Nesse momento, deduzi, pelo silêncio de Marcos, que parecia experimentar algo. Foi um momento em que seus olhos se desligaram de mim, como se comessem a buscar e pôr à prova saídas práticas para esse problema. Ele passou a tentar, de modo prático

(pensamento-ação), uma experimentação que continua a ser, até agora, a base mais importante de sua análise.

Na sessão seguinte, não apareceu, sem explicações. Achei estranho, pois, nos seis meses em que havíamos trabalhado até então, não faltou uma semana sequer. Tentei ligar, deixei mensagens, mas seu celular parecia estar desligado. Na semana seguinte, um dia antes de uma nova sessão, sua namorada entrou em contato pelo perfil de Whatsapp de Marcos: ele havia sido internado com uma forte dor no pulmão e, no decorrer da internação, descobriu que tinha câncer.

Após um mês, uma fase mais delicada do processo cirúrgico terminou, o que nos permitiu retomar as sessões por Skype. Explicou a urgência da internação: *“após sair da última sessão, estava me sentindo muito bem e quis fazer algo inusitado. Então parei numa banca aí perto e comprei um maço de cigarros. Dei uma grande tragada e logo senti uma dor terrível no peito. Fui direto para casa e pedi para minha namorada me acompanhar ao hospital, onde descobri o câncer por uma radiografia”*. Sobre esse período, o processo de lidar com o câncer, desde a pressão do cuidado familiar às rotinas dolorosas e muitas vezes entediadas dos tratamentos, serviu para Marcos como um campo de experimentação daquilo que recentemente havia descoberto – como conquistar um contato real, direto, com uma vida grande.

A partir de agora, ao descrever esse momento do caso, corro o risco de soar indiferente ao impacto trágico do câncer, mas o faço procurando justamente reverberar o grau de intensidade que o analisando experimentou então. Algo de inabalável havia sido instaurado, talvez até antes da descoberta do câncer. Em pouco tempo, assumi que não haver um excessivo grau de angústia sobre a morte não se tratava de uma simples negação da doença. Nas sessões, Marcos colocava-se extremamente direto ao falar de seu medo da morte, sabendo muito adequadamente retratar o que fazia a partir desse medo, desde as reações mais histéricas, como desespero quando as enfermeiras não encontravam sua veia com a agulha, às obsessivas entradas nas falas dos médicos recheadas de porcentagens de risco de morte, eficácia procedimental etc.

Marcos passava por tudo isso, sofria, falava e eu escutava – elaborávamos. Mas, ao mesmo tempo, parecia que essa questão muitas vezes se encontrava na frente daquilo que realmente o tocava – e queria tocar adiante: o temor de que *“agora passaremos a falar só do câncer e vou perder o ponto onde paramos antes”*. Havia uma enorme vontade de dar prosseguimento ao processo que iniciou comigo semanas antes da internação. Durante o tratamento, tanto nos períodos de hospitalização quanto nos

períodos em que ficou em casa, o espaço da análise era usado cada vez mais como um inventário de seus “experimentos” para libertar-se das expectativas dos familiares, dos amigos, de sua casa. E o contexto da doença havia se tornado mais um no qual tudo isso acontecia.

Por exemplo, um dos receios que trazia era de sua vida ser cada vez menos sua, pois passava a ser domínio de todos que estavam ajudando, desde a família da namorada, amigos, até orientandos da pós etc. Então, quando tinha vontade de comer carne vermelha, ou até mesmo tomar uma cerveja, dizia que os outros se sentiam no “*total direito de permitir ou não*”. Até mesmo se quisesse sair para tomar sol, não era sem uma “*reunião de família para decidir que horário seria adequado*”. Nessa época, chamei atenção de Marcos para como reagia a essas situações: sempre correspondia com contra-argumentações, o que fazia com que assumisse a possibilidade de negociação. “*Acho que isso tem a ver comigo querendo atender a expectativa deles*”. Com grande vontade de retomar os estudos, queixava-se de que seu orientador estivesse tratando-o de modo demasiado condescendente, tendo parado de “cobrar” rendimento como fazia antes. Perguntei se não era uma deixa para tentar trabalhar sem essa cobrança, se não estaria então trabalhando pela sua vontade e não pela expectativa do orientador. Confirmou.

Passados seis meses, Marcos retornou da cidade de seus parentes, podendo comparecer fisicamente à análise. Em relação ao câncer, parecia ainda haver um vulto (especialmente o “*das porcentagens*”, de “*quantos por cento de chance do câncer voltar*”) que o assombrava, talvez principalmente “*agora, com a vida normal retornando*”.

A partir de então, houve algo que, a princípio, me soou paradoxal. Marcos parecia começar, cada vez mais, a se distanciar de suas experimentações sobre a questão “expectativa/vida grande”.

No decorrer desse tempo, comentou que estava mais difícil retornar aos estudos e preparar-se para concursos nos quais se inscrevia. Além disso, passou a ter conflitos dentro de casa por causa de uma série de “*atitudes que não conseguia evitar*”, as quais eram “*extremamente desaprovadas*” pela namorada e o amigo com quem morava. Tal série mostrou-se dividida em duas: ambos reclamavam muito de sua falta de cuidado com a limpeza da casa; e “*detestavam*”, principalmente a namorada, quando ele “*bebia demais*” ou fumava maconha. Sentia-se “*sufocado*” com as cobranças. Quando o encorajei a se aprofundar nesse sentimento, concluiu que aquilo ameaçava

muito sua vontade de se sentir livre. A partir dessa “*liberdade*”, observei que estava reduzindo as duas séries de atitudes (que ele mesmo havia separado em sua fala): sua vontade de experimentar e suas tarefas domésticas. Marcos não aceitou a separação, dizendo ser um exagero “*ter que lavar uma louça antes de dormir sendo que ninguém irá usar a cozinha até o dia seguinte*”, não passando de outro modo de ser controlado.

Na sessão seguinte a essa exposição, chegou realmente abalado, dizendo que “*as coisas estavam delicadas*”, a ponto de sua namorada ter saído de casa por uns dias. Havia brigado com ela e seu amigo. A princípio, disse que ambos haviam “*se juntado contra ele*”, até um ponto em que se sentiu muito ameaçado e tratou dessas questões com “*ainda maior displicência*”; eles teriam apontado um “*comportamento autodestrutivo*” generalizado. Perguntei se não teria sido justamente a fala deles que havia unido uma atitude à outra, pois me parecia que havia algo de experimentação em uma (beber, fumar) enquanto na outra parecia haver uma resistência em perceber a importância que tinha para os dois ter uma casa limpa. Então lembrou de uma fala da namorada, de que era muito importante para ela começar seus dias com a cozinha arrumada. Perguntei se não haveria, para ela, algo em uma pia limpa que tinha certa importância parecida com seu modo de levar suas experiências. Concordou e começou a chorar, desviando-se de uma fala queixosa para o que eu percebi como um retorno a suas “*experiências*”. Recordou o dia em que sua namorada voltou para casa. Nesse dia, que antecedeu o feriado, seu amigo trouxe para casa um homem com quem estava saindo, o qual agradou muito a Marcos. Os quatro beberam bastante, e a certa altura começaram a falar do problema da casa. Marcos disse que o parceiro de seu amigo se sentiu constrangido e foi embora, o que o deixou triste. Eles continuaram a discutir de modo cada vez mais inflamado, sem chegar a nenhuma conclusão. Até que tanto Marcos quanto seu amigo passaram mal por causa do efeito do álcool. Sua namorada “*cuidou de ambos, que acabaram dormindo na sala*”. Marcos então revela uma surpresa que teve no dia seguinte: a namorada parecia ter entendido a importância que esses momentos tinham para ele. Acordaram “*todos de bem um com o outro*”.

A partir desse retorno às experimentações, Marcos concluiu que a sensação de estar vivo *pelos outros* ainda estava presente. E se ela já o assombrava antes da descoberta do câncer, teria só aumentado após a mobilização das pessoas próximas durante sua recuperação. Sentiu novamente “*o motivo de meus pequenos experimentos: colocam minha vida à prova*” – ao que retruquei: “*parece que te fazem provar a vida*”. Sua vida, de uma forçada suspensão, passava ao desejo de suspense. Zaltzman trata esse

tipo de ação pulsional como um “experimentar da permanência em vida, através da exposição ao perigo”.<sup>28</sup> Mesmo com algumas diferenças, vejo ressonâncias de Marcos no que Zaltzman relata sobre o filho de sua analisanda (coincidentalmente, também com câncer, porém terminal): “quando só a prova de força, a prova da morte pode assegurar que ele está vivo *por sua própria vontade* e não pela vontade de um outro arbitrário que pode também abandoná-lo”.<sup>29</sup> Porém, o grau de morte que o filho de Sophia decide buscar é total, algo que não interessa a Marcos. Ele quer *provar* a vida – ligar o desejo a um processo, ou melhor, integrar uma grande quantidade de processos através de uma trama desejante.

Quando falei “provar a vida”, recordou-se de um episódio que aconteceu no meio daquela semana. Havia ido buscar seu amplificador de guitarra no concerto. Voltando, ao atravessar uma longa avenida, o sinal ficou verde para os carros enquanto estava na metade da faixa. Mesmo tendo apertado o passo, não percebeu um carro que se aproximava em alta velocidade, sem ter parado no sinal. O carro freou muito próximo dele, derrapando, a ponto de esticar suas mãos preparando-se para uma colisão – que não aconteceu. Olhou para o carro, as pessoas, pegou seu amplificador no chão e saiu correndo “*sem olhar para trás, até chegar ao portão de casa. Guilherme, me senti vivo, como há tempo não acontecia!*”.

Recordou então o momento após a última sessão, antes de ser internado. Deduziu que o que havia procurado ao comprar um maço de cigarros logo após ter saído da clínica era muito próximo do que voltava a procurar agora que retornava à sua casa. Por fim, ainda concluiu que aquele cigarro pode ter salvado sua vida. Segundo Marcos, no momento em que deu um trago no cigarro, sentiu uma forte dor aguda no peito. Essa dor o fez ir tirar as radiografias que detectaram o câncer (embora não fosse nos pulmões) a tempo de uma intervenção. Se demorasse mais alguns meses para descobrir, teria sido tarde demais.

Nas sessões seguintes, seus “experimentos” foram gradualmente tomando outras formas. Às vezes, ainda relacionadas a uma experiência-limite com a vida. Porém, cada vez mais, esse teor foi dando lugar para outros limites. Como quando descobriu uma padaria onde fazem um café diferente. “*Nem é caro, é especial pelo jeito que eles filtram. Comentei com o povo de casa, ‘vocês têm que experimentar’.* Daí decidi comprar um filtro igual o que usavam e tentar fazer em casa. Foi legal, comprei

---

<sup>28</sup> Zaltzman, N. *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta, 1994, p. 51.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

*diferentes tipos de pó*". Esse, entre outros exemplos, parecia ser um híbrido de "projecinhos" com "experimentos". A diferença em relação aos projetinhos anteriores é que pareciam, direta ou indiretamente, orbitar seu estudo e trabalho, assunto que retornava à análise.

Marcos começou a relacionar esses experimentos com sua gradual reaproximação com os estudos. Porém, notou que havia algo diferente. Disse que, apesar de estar se preparando para um concurso, dessa vez se percebeu "*satisfeito apenas em estudar*". Às vezes, é preciso tomar um certo café para estudar, assim como correr para poder escrever. Religar desejo a um processo vital não implica excluir-se do restante dos mundos. Pelo contrário, pode ser investir neles a partir de um ponto de vista singular. O que Marcos parece estar descobrindo é que há diferentes modos de se ligar a esses processos, conseqüentemente, diferentes modos de tais processos se conectarem entre si.

Nos últimos meses, seus processos têm se reaproximado cada vez mais daquilo que escolheu para trabalhar. A demanda que havia trazido para a análise, de conseguir se sentar para trabalhar, estudar, não foi apenas conquistada, mas ampliada. Tudo, no nível dos processos, tem sido cuidadosamente agenciado de modo que o desejo possa correr livremente. Antigos processos são reajustados (ainda toca guitarra, mas não mais como um "intervalo de descanso"); e novos processos são incorporados (também passou a gostar de ver a cozinha limpa quando acorda). Como resultado, sente que a pressão externa dos amigos e familiares vem diminuindo cada vez mais. Tem se ocupado de uma "*vida grande*", e assim sentindo-se "*livre*".

## Um processo que recusa se fragmentar

O caso de Diego diz respeito à resistência que o analista pode ter em conseguir enxergar e até mesmo assumir a singularidade de um processo. Quando se idealiza um lugar onde uma existência deve chegar, distancia-se da vida que ali se encontra pedindo força. Quais os desafios para manter-se na via do vivo? Como garantir intervenções que não impliquem projetar algo de pessoal do analista? Acredito que este caso apresenta eventuais intervenções livres de uma imagem pré-posta, mas também (o que acredito ter propiciado um fim trágico ao caso) expectativas pessoais do analista que constantemente ameaçam uma boa intervenção clínica.

Comecei um Acompanhamento Terapêutico após o rompimento de Diego com sua última terapeuta. Ele havia adquirido um tipo de obsessão por ela, ligando inúmeras vezes em seu celular e no telefone da clínica onde o atendia. A quantidade de ligações era tamanha que tornava ambos os telefones inutilizáveis, prejudicando seriamente a comunicação da recepção do local – havia dias em que o telefone tinha que ser retirado do gancho. Com cinquenta anos de idade, tinha reduzido todo o seu dia a dia, dentro e fora da sessão, em uma constante série de questionamentos parecidos: *“por que você não quer falar comigo?”*, *“você não gosta de mim, né?”*, *“você está me deixando sofrer sem fazer nada para me ajudar”*.

No começo do acompanhamento, Diego já apresentava uma série de queixas que se alternavam de forma repetitiva, e todas giravam em torno daquilo que muito o perturbava: uma excessiva e constante ansiedade, com crises diárias. Queixava-se do quanto foi negligenciado em seus últimos tratamentos psicoterápicos, de como as suas terapeutas anteriores (ambas mulheres) não souberam dar a atenção que seu caso demandava; outra questão constantemente levantada era uma paixão por uma recepcionista de uma empresa de computação que ficava no mesmo andar de sua sala de trabalho. Morava na casa de suas três tias idosas, das quais também se queixava muito, pois elas supostamente o maltratavam, permitindo-lhe comer apenas a sobra da comida do dia anterior, supostamente o discriminavam pelo seu cheiro, exigindo que lavasse suas roupas separado das delas e que usasse apenas o seu próprio banheiro, que ficava ao lado de seu quarto, que era o *“da empregada”*. Lamentava que suas tias já tivessem *“perdido muito da lucidez”*, e por isso implicavam cada vez mais com coisas pequenas. Também sentia que as pessoas em geral o evitavam, e deduzia que, muitas vezes, o faziam por medo. Disse que isso trazia até vantagens, pois sentia-se *“seguro em andar*

*tarde da noite em lugares perigosos pois ninguém mexeria comigo*". Por fim, uma última queixa era de que as pessoas constantemente "*passavam a perna*" nele, quando se tratava de questões financeiras.

Vale abordar, de modo muito breve, um pouco do passado de Diego. Em sua jovem vida adulta, foi gerente de uma loja de departamentos e casado. Até seus quarenta anos, conseguiu adquirir bens – uma casa e um terreno. A esposa se separou dele num determinado momento, que coincidiu com sua demissão. Sobre a demissão, ele apenas dizia que o "*enganaram muito*" por "*competitividade*", mas sempre se esquivando de evocar algum fato concreto. Sobre o término do casamento, dizia que sua ex-esposa o agredia fisicamente por não conseguir mais dinheiro e que, supostamente, ela se frustrava por ele não conseguir penetrá-la sexualmente – ele a impedia de ter dinheiro e filhos. Eles dois, perto do final da relação, haviam adotado informalmente o filho da vizinha, de dez anos, que passou a morar alternadamente com eles e a mãe biológica.

Porém, na época em que passei a atendê-lo, já morava com as tias há sete anos e trabalhava com informática, na reparação de hardware e software. Disse ter aprendido tudo de forma autodidata, desde a época em que teve os primeiros acessos a computadores. Pedia nas bancas ou comprava em sebos revistas de informática, a partir das quais deduzia como rearranjar um circuito de uma fonte de PC para que funcionasse sem precisar descartá-la. Dizia (e pude depois conferir pessoalmente) que muito do trabalho que fazia não era feito por nenhum outro profissional, pois "*eles não davam importância a esse tipo de detalhe*", preferindo descartar e trocar peças, ao invés de recuperá-las. O aluguel de sua oficina era pago pelas tias. Não tirava praticamente nenhum lucro de seus trabalhos e essa foi, justamente, a queixa com a qual decidi começar um trabalho. Pois era a única de suas questões que não desembocava em uma fala impenetravelmente obsessiva ou paranoica.

Assim que passei a aprofundar meu interesse em seu contexto profissional, foi revelando com mais detalhes os problemas que estavam prejudicando a manutenção de seu trabalho, além da incapacidade de produzir lucro. Ao descrever melhor sua rotina, apontou que lucrava com a clientela que "*passava direto*" por aquela empresa que ficava no mesmo andar de sua sala. Revelou que seus clientes vinham com a intenção de ir à primeira sala, mas como a porta dela estava fechada por medidas de segurança, achavam que a sua (que ficava sempre aberta) era da mesma empresa. Disse que havia, um tempo atrás, tentado fazer um trato com a empresa ao lado de reparar um grande

número de fontes de PC para eles por um preço mais em conta que o da compra de fontes novas, mas “*passaram a perna nele*”, não pagando nunca as que ele havia fornecido até então. Recordou-se que um dos sócios da empresa eventualmente “*aparecia*” em sua sala para tentar roubar peças, sendo que uma vez “*teve que confrontá-lo*” de modo enérgico. Um último detalhe que Diego trouxe foi que sua sala “*já estava ficando lotada demais*” e a imobiliária havia deixado uma carta exigindo a resolução do problema, caso contrário teria que devolver a sala.

Hoje, indago se a questão do lucro não teria sido enfatizada porque dizia respeito mais a mim do que a Diego. Ela veio de sua fala, mas sinto que pode ter sido uma preocupação secundária, de algum modo até paralela à manutenção da oficina. Penso se o dinheiro era um desejo, mas que ele não atrelava como recompensa por seu trabalho, ou seja, queria ganhar dinheiro apenas – o salto interpretativo “*meu trabalho gerar lucro, dinheiro*” talvez tenha sido forçosamente meu. Aqui começava uma intervenção minha que até agora não sei exatamente se foi um erro ou, ao menos até certo ponto, realmente necessária. A vontade de ter dinheiro era trazida para a sessão quando ele falava mais de vontades que dependiam de *ter* dinheiro, por exemplo, comprar algumas comidas e roupas de que gostava e o interesse em poder pagar o valor das sessões, que seriam cobradas, conforme combinamos (embora com um preço ainda bastante baixo), somente a partir do momento em que ele começasse a obter lucro na oficina (outra sugestão minha que agora também coloco em dúvida).

Quase sempre (se não sempre) começava suas sessões com as mesmas perguntas, “*mas você acha que eu não devo me declarar para ela [a funcionária da sala ao lado]?*”, “*mas ela [terapeuta anterior] te falou o que sobre mim? Você chegou a falar mais com ela?*”, às quais procurava não responder, e, se não restasse saída, respondia de modo evasivo, evitando entrar em suas inacabáveis (pois nunca chegavam a lugar algum) dúvidas sobre essas mulheres. Tinha que tomar muito cuidado com o modo como executava essa “evasão”, pois ele era altamente sensível às minhas intenções. Além do que, na segunda ou terceira vez que eu utilizasse qualquer tipo de intervenção, ele já a detectava e dizia sentir-se “*manipulado*”, aborrecendo-se. Às vezes, o aborrecimento chegava a um ponto em que o sujeito de suas dúvidas passava a ser eu. Nesses períodos, o número de tentativas de ligação para o meu celular aumentava substancialmente.

Tudo tinha que ser feito muito às claras com Diego, pois não havia sensação de manipulação (ou, ao menos, era em menor grau) quando eu não escondia que estava

recusando manter um certo tipo de assunto. Era preciso tratar de qualquer assunto do modo menos velado possível. Percebi que uma intervenção era melhor recebida quando vinha com algum tipo de instrução de fundo. Meu “mudar de assunto” tinha que, ao mesmo tempo, vir com ao menos um sinal, um olhar, declarando minha intenção – *“veja, estou saindo desse assunto, não vou continuar mais nele, pois eu não quero, ok?”*.

Atendi Diego algumas vezes dentro da clínica, antes de propor um Acompanhamento Terapêutico. Propus atuarmos no ambiente onde ele permanecia mais tempo durante sua rotina – sua sala. Disse a ele que, nela, poderíamos tratar de algumas questões no momento e no local em que surgiam. Gostou da ideia. Decidimos fazer sessões de uma hora, nas segundas e sextas-feiras, em sua sala, na última hora do expediente. Após alguns meses, acrescentamos também a quarta-feira.

Entendi que seria uma oportunidade para compreender melhor a obsessão para com a funcionária da empresa vizinha, assim como a desconfiança em relação aos outros técnicos de informática. No primeiro dia, quando cheguei à sala, entendi por que a imobiliária estava ameaçando despejá-lo. Em uma sala relativamente grande, com uns 24 m<sup>2</sup>, pé direito alto, havia montanhas sólidas de peças de computadores preenchendo tudo até quase tocar o teto, deixando apenas um pequeno corredor labiríntico, que passava por um banheiro ao lado da entrada, em seguida pelo espaço onde ficava sua mesa, e finalmente chegava até a pequena sacada (também lotada de peças). Por toda parte, pedaços de circuitos, fios, gabinetes de CPU vazios, monitores de tubo queimados, embalagens vazias (algumas com resto de comida em decomposição), cacos de diversos eletrodomésticos, como ferros de passar roupa, torradeira, televisores antigos, infinitos cabos de energia, caixas de som, vitrolas quebradas, aparelhos de DVD etc. O pequeno banheiro era inutilizável: sem luz, marcas de gordura espalhadas por todo o azulejo, o espelho totalmente opaco por uma poeira preta, o vaso sanitário com muitas marcas de fezes e urina. A sala toda, embora iluminada por um par de lâmpadas fluorescentes, permanecia um tanto escura quando começava a anoitecer. Toda essa cyber-flora exalava um cheiro que, embora horrível, era ao mesmo tempo interessante – mistura de cobre, barata morta, fuligem, urina, suor, gordura e plástico queimado –, resultando em algo que, de um certo modo, exercia um poder de atração. Talvez aquela combinação de aromas conseguisse captar qualquer coisa daquilo que procuramos quando cheiramos nosso próprio sovaco. Diego era aquilo que defini cruelmente na época: um acumulador.

Convidou-me para sentar num gabinete de computador ao lado de seu resto de cadeira. Perguntou que tipo de filmes eu gostava, mostrando uma enorme quantidade de cópias de DVD ocupando toda a parte de baixo de sua mesa. Assim como fazia na maioria dos dias em que estava mais animado, falou empolgado sobre algum novo cliente que havia deixado um aparelho de DVD travado, ou um monitor de tubo a ser ressuscitado. Começou então a lamentar a quantidade de trabalhos que as pessoas demoravam a buscar, pois *“ocupavam espaço”* em sua sala. Me fez reparar em um grande aparelho de som camuflado em frente a uma das pilhas de gabinetes. Disse que aquele aparelho estava consertado já há mais de um ano e o rapaz ainda não tinha passado para buscar. *“Será que ele não desencanou do aparelho?”*, ao que Diego respondeu dizendo que *“torcia para que sim, pois era um bom aparelho que conseguiria vender facilmente”*, mas *“era melhor não arriscar”*, pois temia que o cliente chegasse para buscar em algum momento. Nesse dia, lamentou o contrato feito com seus vizinhos de sala, mas que o tinham *“passado para trás”* – ele havia fornecido cerca de trinta fontes de energia e recebeu os 15 reais por cada uma, como combinado; logo em seguida, passou a falar em sussurros que *“ela não estava lá hoje, pois havia entrado de férias”*, e me perguntou se havia acertado em lhe emprestar uma caixa com mais de cinquenta cópias de DVD – *“ela disse que iria pedir para o noivo fazer cópia, mas já faz muito tempo e ainda não devolveu. Emprestei também um aparelho de DVD até ela pegar o dela que estava com sua mãe, será que eu vou lá pedir de volta quando ela voltar?”*.

Naquele dia não consegui intervir em quase nada, tudo acontecia de um modo tão excêntrico que meu corpo simplesmente paralisou em cima daquele gabinete, manso como um gado de turistas sendo guiado em viagem a um novo planeta.

Propus para ele pensarmos em como poderíamos *“melhorar”* sua situação profissional. Concordou. Perguntei o que o prejudicava mais no momento. Disse que o excesso de coisas na sala lhe dificultava trabalhar, pois era quase impossível achar uma peça que precisasse, muitas vezes sequer a encontrava. Comentou que muitos dos trabalhos que chegavam podiam ser feitos com suas sucatas, mas do modo como tudo ali se dispunha era impossível. Sugeri a ele começarmos a nos desfazer do excesso de peças, ao que reagiu de uma maneira um pouco defensiva, *“mas tem que tomar cuidado, não posso sair jogando tudo fora”*. Concordamos que eu traria um par de sacos de lixo em cada encontro e que jogaríamos todo dia algumas coisas fora, mas sempre com a permissão dele, para cada pecinha.

Na primeira uma hora de encontro, conversávamos sobre coisas que o angustiavam durante a semana, enquanto jogávamos xadrez (ele era mestre no jogo, tendo vencido campeonatos regionais na época de faculdade. Em quase um ano e meio de encontros, nunca ganhei uma partida). Em nossas conversas, por exemplo, surgiam frequentemente as dificuldades em vender a casa que tinha ainda com a ex-esposa. Lamentou que ela o pressionava a acelerar o processo de reforma da casa (que era feita pelos dois, uma vez por semana). Revelou que não queria que a reforma terminasse rápido, pois isso significaria um rompimento definitivo de relações com a ex. Quando comentários desse tipo surgiam, ria em tom de chiste e passava a me perguntar o que eu achava dessa atitude. Se eu não respondia, ele insistia diversas vezes, até implorar em tom infantilizado por um sinal de valor. Se eu resistisse ao apelo, passava a questionar minha vontade de ajudá-lo. Se, por acaso, eu desse um sinal de reprovação, passava então a apresentar uma série de contra-argumentos, incluindo questionar minha capacidade como profissional. Desse modo, nesses momentos envolvendo algum episódio de conteúdo moral (na grande maioria das vezes sua conduta com mulheres), meu silêncio era interpretado como indiferença; se desse uma resposta e fosse negativa (o que aconteceu na maioria das poucas vezes que as forneci, normalmente quando perdia a paciência), era acusado de mau profissional. Diego sabia o que fazer quando queria me ferir, e com frequência conseguia.

Ao menos mais dois assuntos tendiam a colocar a relação nesse lugar: se eu achava que ele deveria ou não tirar satisfações sobre os DVDs emprestados para a funcionária vizinha, se ela estaria ignorando-o ou se tinha medo dele etc.; e se eu achava que era tudo bem ele levar adiante um suposto flerte da filha de quinze anos da dona da *lan-house* que frequentava, na mesma rua onde ficava sua sala.

Minha intenção era sempre tentar desviar o diálogo desses assuntos, pois pareciam nunca ir a lugar algum, exceto em direção a algo de sutil agressão dirigida a mim e a essas mulheres. O assunto que mais tornava possível uma conversa que não entrasse por esses caminhos era sobre a organização de seu trabalho, e tratar de episódios profissionais para os quais não conseguia encontrar possibilidade de resolução, como coisas que consertou e os clientes nunca vieram buscar.

Quando chegava a hora de fazer o descarte das peças, embora tenha sido uma demanda com a qual ele se manteve de acordo, invariavelmente havia alguma resistência em começar. Primeiro porque significava parar de tratar de suas questões, principalmente quando se encontrava entregue aos seus assuntos angustiantes; segundo,

porque era extremamente difícil se desapegar de seus lixos. Cada pecinha era analisada, era interpretado todo tipo de possibilidades de uso, para então eu tentar negociar com alguns argumentos que funcionavam (às vezes): “*Mas essa peça aqui serve pra controle remoto de rádio também*”, “*mas Diego, dessa você tem milhares só nesse monte aqui*” (tratávamos as paredes de coisas por montes, sabíamos mais ou menos o que era provável encontrar em cada um: se eram coisas de monitores de tubo, se eram coisas de placa mãe, se fontes de energia etc.).

Outro detalhe muito frustrante para mim era a questão dos cobsres. Cada peça que tivesse um fio de cobre tinha que ser guardada para, quando juntasse uma boa quantidade, ser vendido. Acontece que, por exemplo, dentro de um monitor de tubo (que ocupa um grande espaço), há uma pequena quantidade de fios de cobre espalhados pelo seu circuito, o que demorava um bom tempo para retirar. No total, não dava mais que quinze gramas do metal (o que, em dinheiro, rende menos de um centavo). Na maioria das vezes, levávamos todo o tempo de descarte para retirar esses poucos fios de apenas um, das dezenas de monitores soterrados nos montes. Parafusos tinham igualmente que ser retirados, e separados e guardados, um a um. No final de meia hora (normalmente acabava ficando um tempo a mais), tínhamos um ou dois sacos de lixo prontos para serem descartados. Nessa altura, já eram 19h30 ou 20 horas. Como ia de carro, dava carona a ele até o mercado perto de sua casa (que era caminho para a minha) para comprar o pão de suas tias para a manhã seguinte, pão que ele comeria somente um dia depois de suas tias. Antes de sair do carro, tentava muitas vezes voltar àqueles assuntos, o que me deixava bastante exausto e frustrado. Por mais que eu tentasse esconder o que sentia, Diego sempre soube detectar tudo com muita sagacidade. Então era o momento de questionar meu interesse em ajudá-lo, “*você não quer me ajudar, não é?*”, “*estou muito mal, Guilherme, você tem que me ajudar, porque nada está dando certo*”, “*eu só queria falar mais uma coisa sobre ela...*”. Muitas vezes precisava, educadamente, pedir-lhe para retirar-se do carro.

Se houvesse um fio de agressão implícito em minha fala, impaciência em minhas reações a suas insistências, Diego captava de modo perspicaz. Quando isso ocorria, meu celular era soterrado de chamadas e mensagens, a ponto de inutilizá-lo, até se acalmar, o que poderia durar até a sessão seguinte. Eu não atendia, não respondia as mensagens, e deixava claro que faria isso nesses momentos. Nos encontros seguintes, nada era cobrado de nenhum de nós, como se nossa relação se restaurasse. Isso se tornou parte de minha rotina (e da dele) por mais de um ano.

Com o tempo, a quantidade de ligações e mensagens foram aumentando, assim como, durante os AT, suas falas continham cada vez mais frustração. Tornou-se comum dizer que eu não queria o bem dele; que eu tinha medo do que ele poderia fazer – que tinha medo dele. Não atender suas inúmeras ligações já não era mais esquecido facilmente por ele como no início, tornando-se fundo da conversa na sessão seguinte. Diego passou a se recusar a fazer a atividade de recolher lixo, resistia em me deixar ir embora ao final das sessões – invariavelmente com o argumento de que eu não estava fazendo o meu trabalho, o que me atingia.

Em algumas sessões, não havia ido trabalhar, por estar “*ansioso demais, muito mal*”. Passava dias seguidos em seu quarto. Nesses dias, ia até sua casa e conversávamos na praça do bairro. Nesses momentos, pude conhecer suas tias e seu “*quartinho de empregada*” (também lotado de peças e DVDs). Da tia que supostamente lhe dava mais problemas (cobrando-o, recusando-se a lhe dar dinheiro, ameaçando de parar de pagar a sala) recebi um olhar intenso que me surpreendeu – algo de cumplicidade e gratidão. Já fazia mais de um ano que o atendia, mas era a primeira vez que me peguei imaginando o que elas pensariam de mim. A partir do que trouxe para as sessões até então, imaginava-as me odiando.

Nossa última sessão foi na praça do bairro, num mês em que todas haviam sido ali, pois “*não conseguia sair de casa de tanta ansiedade*”. Diego estava impaciente, eu também. Havia sido um final de semana com muitas ligações e mensagens. Na praça, só falava frases repetitivas sobre sua ex-esposa. Quando eu tentava mudar de assunto, apontava o que eu estava tentando fazer com um tom levemente agressivo. Chegando o horário de ir embora, falei para voltarmos para sua casa. Incomodou-se com a ideia, “*você vai me deixar nessas condições? Como pode fazer isso comigo, não vê que estou nada bem?*”. Nos quarteirões de volta a sua casa, seu incômodo só aumentava. Um cachorro de quintal latiu para nós. Falou em tom ameaçador que iria “*dar uma surra nesse cachorro que fica latindo para mim*”. Aquilo me aborreceu – “*o que ele fez para você? Não percebe que está bravo por outro motivo?*”. Quando chegamos em frente a sua casa, eu disse que era hora de ir embora. Implorava que não, alternando seu tom de voz entre infantil e autoritário. Após uns vinte minutos tentando convencê-lo a me deixar ir, apenas disse “tchau” e comecei a andar. Ele foi junto. Disse a ele que não poderia me acompanhar. Respondeu em tom agressivo – “*eu faço o que bem entender*”. Apertei o passo, mas ele me segurou firme pelo braço, era muito mais forte que eu. Minha reação foi de querer me livrar, puxei meu braço com força. Insistiu, apertando

com firmeza – “*seu filho da puta, quer me deixar aqui desse jeito é?*” Nunca antes havia sido agressivo comigo, em nenhum nível. Consegui me esquivar e saí correndo. Na noite daquele dia, recebi uma chamada no telefone residencial de uma senhora com voz lânguida perguntando se o “Gustavo” estava. Algo em mim percebeu que o engano era apenas com o nome. Respondi em tom seco “*não tem nenhum Gustavo aqui*”, “*tudo bem*”, disse ela e desligou. Até hoje não sei se percebi na hora ou apenas depois que desliguei – era sua tia, que apenas errou meu nome, mas não era engano. Diego nunca mais ligou para mim.

Dessa atmosfera – de obsessões e paranoias, intervenções bem e malsucedidas, eventuais desavenças entre mim e ele –, hoje concluiria que soube levar a relação de modo razoavelmente positivo. Pude manter, pelo máximo de tempo, um convívio consistente com Diego. Só dois anos mais tarde percebi minha incapacidade de escuta a um processo que ali já havia se estabelecido. Um processo que já existia, mas estava frágil, em eminente perigo de se desmanchar. A imagem que relatei ao processo não serviu para legitimá-lo, e sim para legislar sobre ele, o que dele era ou não possível (quando não questionava o que era ou não permitido). Pergunto se Diego estaria realmente querendo o tal “lucro” que projetei em sua oficina (projetei até de modo literal, pois cheguei a fazer um projeto com passos para progredir numa restauração do espaço e da clientela).

Hoje, outras cenas me vêm à memória, para as quais, na época, não dei muita atenção. Diego gostava de colocar uma gambiarra de som que havia criado para tocar músicas pop para que todas as mulheres da rua pudessem ouvir. Inventava circuitos novos quando não tinha uma peça específica para fechar um computador. Fazia colegas de xadrez<sup>30</sup> no centro da cidade. Catalogava e assistia milhares de DVDs a partir do que pedia emprestado a um ex-dono de locadora. Andava a pé por toda a cidade, nunca de ônibus.

Por fim, percebi que sua relação com a psicoterapia em geral era mais dele do que dos psicólogos. Éramos apenas mais uma peça em sua sala. E sua sala se mantinha a qualquer custo, mas não nos termos em que eu achava que deveria se manter. Era uma arapuca para peças usadas, peças de variados planos, as quais utilizava para fechar sua máquina Frankenstein. Ficção na qual, inclusive, o senso comum sempre confundiu o nome do cientista com o do monstro. Fiz algo parecido, pois coleí a imagem humana

---

<sup>30</sup> Essas amizades duravam um certo tempo, até a pessoa se entediar pelo fato de ele *nunca* perder. Essa foi realmente uma queixa de Diego.

“Diego” na frente de um processo que ali procurava existir em sua singularidade, para além de homem.

As tias pagavam sua sala, sua alimentação e custeavam outros pequenos gastos que interessavam a Diego. Percebo agora que as queixas trazidas por ele (em relação ao tratamento que suas tias lhe davam, sua incapacidade de lucrar, entre outras) poderiam ser apenas reflexos de pretensões de vários psicologozinhos (me incluo parcialmente no ‘zinhos’) que atravessaram seu caminho para curá-lo. Não só desses que graduam em Psicologia, mas soube também de padres, freiras, professores, patrões, esposas, vizinhos etc. que, eventualmente, me revelava a partir de suas memórias. A altíssima angústia que Diego carregava todos os dias era um esforço para não enlouquecer, não ouvir vozes, mesmo com tantos sujeitos falando *não* para ele. Teria ali se instalado uma vontade-câncer de se encaixar no que não cabia? Ou era a ambição de colocar cada vez um mundo a mais dentro de si?

Sua angústia de a “vizinha de sala” não devolver seus DVDs era tão-somente reflexo da ideia externa de que ela deveria dar algo em troca de seu carinho. A moral alheia entrava nele como bactéria que vem junto com o alimento. Talvez não tenha dado chance nem apoio para que ali se instaurasse um sistema amoroso amoral saudável, ou seja, livre dos bacilos da moralidade.

Não quero abonar Diego de seus pensamentos, de suas escolhas, mas apenas apontar para a possível natureza de suas paranoias. Uma lembrança retorna insistentemente em minha memória – o modo como ele implorava para uma resposta sair de minha boca, ao mesmo tempo que já a tinha tirado. Era porque Diego já sabia as respostas que eu sempre me recusava a dar. Diego lia mentes. Sabia que o *certo* seria cobrar os DVDs da vizinha, pois isso transparecia nos olhos de qualquer um dos psicologozinhos que consultava. Esse *certo* o assombrava, e quando implorava uma resposta a mim, era seu modo de encarar o fantasma de frente. Talvez, em minhas “evasões” de certos temas (quando desviava de certas conversas), eu estava abrindo mão do espaço onde justamente deveria programar uma intervenção – não corretiva, mas *reductiva*, para que ele reconquistasse, a partir do grau zero, a virtualidade pura de um sistema amoroso amoral. Não seria impossível, pois já travava sozinho uma constante batalha contra a moral dominante.

Surtou aos quarenta anos, foi demitido do emprego, expulso de casa pela esposa. Mas Diego odiava ser tratado como louco, recusava-se a “subir” para remédios mais agressivos que sua baixa dose de quetiapina. Queria estar sóbrio na luta para

manter sua sala, embora tudo que entrasse nela tentasse derrubá-la. Mesmo assim, havia nele um desejo enorme de receber as coisas – acumulador, eu o diagnosticara.

A fonte de sua ansiedade não era seu mundo, mas o insistente e ameaçador olhar dos neuróticos. Uma vez perguntei de modo vulgar se tinha visões, se ouvia coisas. Diego disse que sobre isso (que a psiquiatra havia perguntado incansavelmente), só se lembrava de, quando criança, ver e ouvir passarinhos onde não havia. Sua sala era um alçapão que se contentava em pegar apenas algumas penas – os pássaros saíam livres.

A única pergunta que ainda hoje não consigo responder é: o que Diego procurava em mim? – Não consigo imaginar o que fosse. O duplo que tentei criar a partir dele eu sei que não era. Ou era? Se sim, por que? Se não, o que então, se era somente isso que eu era capaz de dar na maioria das vezes? Explico o “maioria das vezes”: essa foi minha parte como analista, minhas intervenções. Não era para isso que eu estava lá? Se chamo de “maioria das vezes” aquilo que *falhou*, é porque tenho a sensação de que algo, mesmo que “poucas vezes”, *funcionou*. Se o “maioria” foi o meu trabalho intencional, programado, o “pouco” foi o acidental. Acidental? Não era quando eu lhe dava justamente o que queria? Isso me faz pensar se o que queria de mim não era justamente esse paradoxal acidental-que-*funciona*.

Um dia, quase um ano depois de nunca mais tê-lo visto, encontrei-o perambulando pela universidade. Me cumprimentou gentilmente, “*oi Guilherme, ainda estuda aqui?*”, conversamos um pouco, parecia calmo. Disse que acabava de começar a fazer terapia na Clínica Escola dos graduandos.

Sob a condução do psicólogo (ou uma imobiliária, uma cidade, uma freira), há sempre a ameaça de fragmentação de um processo. Ao trabalhar com Diego, percebi sua constante advocacia pela integridade de um processo existencial, para que o desejo irrigasse todos os compartimentos, todas as grades da máquina, por mais difíceis que fossem de alcançar. Pois uma máquina celibatária ainda possui uma estrutura, porém, necessariamente singular. Em sua cyber-flora, cultivou uma fauna, um povo – do qual ele também era nativo. Assim como os artistas, os loucos sabem a importância da integridade de um processo, que neles há sempre algo de completo, pleno. Para essa plenitude existir, há, nesse ajustamento, uma dieta simples, mas ao mesmo tempo de extremo rigor: o desejo deve alcançar tudo, como sangue ou nervos. *Coração é o ato de dar cor ao corpo.*

Não é apenas de modo metafórico que Freud apreendeu da libido seu ritmo pulsional. Os órgãos não são irrigados apenas de sangue, mas também de puro investimento, desejo. Porém, a questão é que tal investimento não se dá necessariamente de modo objetual (narcísico), mas também – originária e essencialmente – de modo processual (real).

## Um corpo em processo

Mateus procurou análise “*porque precisava aprender a se expressar melhor*”. “*Certas coisas acontecem e eu não consigo falar delas, nem na hora e nem depois. São coisas pequenas, mas que me deixam muito mal*”. Pedi um exemplo – recordou um episódio acontecido recentemente: “*estava entrando no banco de trás do carro de uma amiga, quando meu namorado pediu para me encolher um pouco para ele caber. Me senti extremamente desconfortável, pois sou muito sensível com o meu corpo e ele sabe muito bem disso*”. Mas lamentou não ter conseguido dizer nada sobre o que sentiu no momento, fechando-se em silêncio pelo resto da noite. “*Até que ele percebeu que eu estava diferente e adivinhou qual era o motivo*”.

Sete anos antes, havia sofrido um grave acidente. Após uma festa, ao amanhecer, voltava dirigindo o carro dos pais dando carona para amigos. A festa aconteceu num lugar próximo a sua casa, porém, “*tive que levar meus amigos que moravam do outro lado da cidade*”. Depois de poucos minutos na direção, avançou uma preferencial, sendo atingido por outro carro. Mateus foi o único gravemente ferido, tendo seu pé esquerdo amputado. Relatou que as consequências do acidente o deixaram “*muito deprimido*” na época. “*Em compensação, a partir de então passei a me dedicar totalmente aos estudos, saía bem menos com os amigos, ficando dentro da biblioteca da universidade por todo o resto do curso. Consegui um ótimo estágio em um escritório importante, onde fui muito valorizado. Acho que por isso hoje sou muito bom no que faço*”. Do modo como narrava, parecia interpretar seu ótimo desempenho profissional como uma compensação por ter perdido um membro no acidente. “*Hoje sinto que aceito melhor a falta do pé, me acostumei com o fato*”.

Acrescentou que, depois de formado, passou a advogar para o mesmo escritório onde havia estagiado durante o período de graduação, mas que recentemente tinha decidido sair para “*trabalhar por conta própria*”. Explicou que, embora se sentisse reconhecido, ficava muito ansioso com “*essa competição de quem mostra mais serviço, quem trabalha mais horas por dia. Eu entro nessa e me desgasto demais*”. Concluiu que, trabalhando sozinho, entrava num ritmo diferente, o que não parecia implicar menor rendimento.

Pedi a ele para falar mais dessa diferença de ritmo. Respondeu que, em primeiro lugar, não tinha que prestar contas sobre o tempo de modo tão burocrático como exigiam no escritório. Trabalhando como autônomo, podia tratar dessas questões

de maneira mais subjetiva, direto com os clientes, o que o fazia sentir-se menos pressionado a “*mostrar serviço*”. – “*Mostrar?*”, perguntei, fazendo Mateus perceber que a diferente textura do tempo entre essas duas organizações de trabalho que ele havia diferenciado parecia depender desse “mostrar”, que, em sua fala, se relacionava a algo burocrático, formal, cujo efeito era colocá-lo em um modo competitivo com outros colegas de trabalho. Relacionou então com o tempo da infância, quando muito novo passou por uma dieta rigorosa. “*Aos dez anos, era gordinho. Minha mãe me colocou numa dieta que eu podia comer apenas de acordo com um cronograma colado na porta da geladeira. Esse cronograma limitava a quantidade, o tipo e horário de minhas alimentações. Era muito difícil, eu era muito novo para uma dieta tão rígida*”. Essa dieta tinha um estrito cronograma que durou anos. Mas Mateus disse que continuava “*comendo escondido*” aquilo que lhe era proibido. Lembrou do hábito de “assaltar a geladeira” quando ninguém estava por perto, atitude que era seguida pelo sentimento de culpa. Disse que ficou gravada em sua memória uma antiga cena que se repetiu várias vezes durante a infância e adolescência. Tarde da noite, quando todos estavam dormindo, abria a geladeira, mas não antes de chorar de arrependimento diante do cronograma fixado na porta. Acabava então comendo de modo compulsivo.

Na sessão seguinte voltou a falar de sua infância. Recordou que, na época, percebia sua mãe mais preocupada com a questão estética, “*com seu corpo*”, ao invés de com sua saúde e bem-estar, o que teria colaborado com sua sensibilidade em relação a sua autoimagem desde então. Pedi para ele falar de tal sensibilidade. Respondeu que sempre teve “*problemas de peso*” – intercalava radicais e bruscas perdas e ganhos de peso. Em certos períodos, submetia-se a dietas agressivas e intensa atividade física. Durante as dietas, tinha o hábito de tirar fotos diárias do corpo no espelho para acompanhar a mudança numa linha do tempo (inclusive, essa era a única forma pela qual era possível olhar para o próprio corpo).

Em outros períodos, abandonava as atividades físicas e comia compulsivamente “*até ganhar tudo de volta*”. A isso, acrescentou: “*Me sinto estabonado*”, e lamentou que “*assumir o controle do meu corpo*” sempre havia sido um problema, não só esteticamente, porque isso também se manifestava fisicamente – “*quebro as coisas*”; “*esbarro em copos*”; “*sempre me sinto ‘grande’ ocupando mais espaço que os outros*”; “*não gosto que me toquem*”; “*evito olhar no espelho*”.

A partir dessas primeiras sessões, fizemos diversas referências à diferença entre dois tipos de tempo que deduziu da comparação entre seu antigo emprego e o

investimento (recente, até aquele momento) no trabalho autônomo. Havia percebido familiaridade entre a angústia sentida no antigo trabalho e aquela da dieta de infância. Nessa época, concluiu que tal angústia se instalava no momento em que outra pessoa ordenava sua vida, sua rotina, seu tempo. Dizia que talvez aprender a “*me expressar mais*” fosse um modo de garantir a ordem de sua rotina em suas mãos.

Estava empolgado com a nova ideia, até o dia em que chegou consternado. Temia que o relacionamento com Tiago, seu namorado, estivesse em risco de acabar “*justamente por ter se expressado*”. Disse que, naquela semana, tinha se expressado a todo momento que sentia estar sendo silenciado. Acrescentou que poderia estar criando alguns pequenos conflitos. Numa noite, precisava escrever uma carta de intenção para um curso no qual pretendia se matricular. Tinha muita dificuldade em começar a escrevê-la, então pediu ajuda a Tiago. Assim que sentaram juntos diante do computador, vieram-lhe as palavras e pediu para terminar sozinho. Seu parceiro, não mais necessário, foi dormir. Quando terminou a carta, sentiu-se muito bem por ter conseguido se expressar sozinho e foi “expressar-se” com o parceiro, que não recebeu a mensagem como gostaria. Então, expressou sua insatisfação. Tiago não se interessou por suas expressões. Além disso, dormiu no meio da cama, ocupando mais da metade do espaço, o que provocou em Mateus o incômodo de sentir-se grande demais.

Na manhã seguinte, acordou já expressando seu incômodo da noite anterior. A partir dessa expressividade generalizada, Tiago havia se aborrecido, dizendo que estava difícil permanecer perto de Mateus, pois aquilo que dizia ser “*se expressar*” havia se reduzido a assumir ter sempre razão.

Perguntei se talvez essa “*expressão*” que faltava não poderia estar situada em outro plano que não o argumentativo, que Tiago reduzia a “*sempre ter razão*”. – “*Não entendi*”. Acrescentei que “*inclusive, acho que você sempre se expressou muito bem nesse sentido citado pelo Tiago, afinal, faz parte até de seu trabalho como advogado*”. E propus tentar voltar sua atenção àquilo que havíamos percebido como o elemento que estava em jogo com aqueles dispositivos temporais – seu corpo. Mateus disse que esse comentário o fez recordar nossas conversas anteriores sobre sua dificuldade em se olhar no espelho, levando-o a compreender que havia diferença entre se expressar no plano argumentativo e no plano corporal. Disse que fazia ainda mais sentido ao considerar como seu corpo foi negado ao longo de toda a infância, além de sua fragilidade diante de qualquer episódio em que seu corpo fosse exposto, como não caber num carro ou dividir uma cama. Acrescentei: “*E parece que a partir de um momento você mesmo*

*passa a negar seu próprio corpo, mesmo que essa negação iniciou a partir de investidas externas contra ele*". Essa minha proposição afetou Mateus, de modo que passou a usar o termo "*negar o corpo*" para marcar episódios em que sentia que, ao seu corpo, havia sido negado expressar-se. Nas sessões seguintes, meu papel passou a ser questionar qual seria sua parte em garantir o oposto, ou seja, a afirmação de seu corpo.

Ao chegar na sessão seguinte, ao invés do rotineiro aperto de mão, Mateus comentou – "*não posso te cumprimentar pois, ontem fazendo café, sofri uma queimadura na mão. Ainda está bem dolorida e cheia de pomada*". Ao sentarmos, comentou que sempre acontecia alguma coisa em que acabava se machucando ou quebrando algo, o que o frustrava. Perguntei se não poderia estar relacionado com o que havíamos tratado sobre a expressão de seu corpo. "*Como assim? Não acho que meu corpo iria querer se expressar se queimando*". Repliquei que talvez a expressão do corpo "*funcionasse*" de modo diferente. Propus a ele tentar lembrar o que acontecia no momento do lapso. Disse que acordou atrasado para o trabalho, mas insistiu em fazer café para ele e a colega com quem divide uma casa, que até poderia ter tomado café na rua, ou ter ficado sem, "*mas, como sempre tive o hábito de acordar mais cedo que todos em casa, acho legal preparar um café para todos começarem o dia bem*". "*Mesmo quando está com pressa?*" – provoquei. "*Pois é... acho que isso tem a ver com aquilo de eu mesmo negar o corpo.*", em seguida lembrou-se de episódios ocorridos durante aquela semana, nos quais poderia ter negado o corpo. Por exemplo, no dia seguinte à sessão anterior, estava regando uma planta enquanto conversava com um amigo. Ao invés de parar um minuto e se concentrar em suas plantas, conversava e regava ao mesmo tempo, até quebrar um vaso de que gostava muito. "*Parece que esses eventos têm algo em comum*" – sugeri; ao que respondeu: "*meu corpo parecia não aceitar que eu o negasse*".

Então coloquei-o a pensar no acidente em que perdeu o pé, recordei que, nesse episódio, havia descrito um corpo cansado de "*varar a noite*"; estava próximo de sua casa, porém submetido ao dever de levar os amigos de carona para longe. Mateus pareceu entender a ligação. Disse estar espantado com a possibilidade de perceber algo que sempre esteve tão presente em sua vida, que poderia ter sido parte de muitos de seus problemas até então. "*É como se seu corpo se expressasse de modo estabonado por não ser escutado*" – notei.

A partir dessa sessão, Mateus passou a relatar uma série de melhoras em sua relação com as pessoas e seu trabalho. Seguiu tentando estar cada vez mais sensível ao

que seu corpo pedia. Relatou melhoras em seu relacionamento com a mãe e maior facilidade em tomar decisões com clientes. Além disso, dizia estar mais “à vontade” com seu corpo, sentindo-se menos inibido em festas, por exemplo.

“O corpo nada mais é do que o poder de ser afetado”.<sup>31</sup> Kunichi, ao acrescentar “nada mais é” à noção espinosana usual de “poder de ser afetado”, enfatiza a radicalidade à qual pode ser levada a abstração do que é um corpo. Nada mais, *nada além de*. Ou seja, um corpo é imanente àquilo que o afeta. Em outras palavras, é da mesma matéria daquilo que capta. Mas então como pode esse “nada” *querer* bater carro, quebrar vasos, queimar mãos, engordar, perder pé, seduzir na balada? Mesmo que, em análise, Mateus tenha entendido muitos desses *quereres* como expressões estabanas, elas ainda dizem respeito à vontade de um corpo dizer, resistir e impor a urgente heterogeneidade de sua existência. Qual a relação entre a capacidade de ser afetado e o desejo? Retomo aqui a dimensão processual de um corpo.

Notar a existência de um corpo significa que ele expressa a partir do que o afeta. Porém não basta dizer que existe, pois há diferentes modos disso ocorrer. Também é inexato dizer que ele expressa a si, algo ou alguém – no final, Mateus concluiu que o caso não era bem de “se expressar”. Parece que a vontade desse corpo é de expressar vida, em que *testemunhar*, *expressar* e *ser* estão tão amalgamados que seria impróprio tentar separá-los. Vida captada do que “vem de fora” e o afeta, mesmo que exterioridade invaginada ou interioridade extirpada.<sup>32</sup> Expressar é, ao mesmo tempo, compor e compor com; fazer parte e tomar partido. Conteúdo imanente à expressão.

Eventualmente, Mateus pedia conselhos sobre como afirmar seu corpo. Eu o provocava, então, dizendo que a mesma habilidade criativa com a qual exercia muito bem sua profissão poderia ser usada para inventar suas próprias maneiras de afirmação. Desse modo, jogava seu corpo de volta a um processo qualquer.

Não demorou para ele mesmo diferenciar quando investia em seu corpo como objeto (fotos, cronogramas, horas/trabalho) de quando seu corpo *nada mais era do que* parte de um processo. Mateus migra de um órgão sem corpo para um corpo sem órgãos.<sup>33</sup> Antes, uma ordem o desencorajava a experimentar um corpo. Então descobre

---

<sup>31</sup> Uno, K. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: n-1, 2014, p. 19.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>33</sup> Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012, p. 32.

a voz da carne, à qual passa a se aliar acima de tudo, ao invés de se sentir envergonhado.

Em certa altura, Mateus até se espanta com a força acrescida em seus relacionamentos, relatando que a mudança foi tamanha que a maioria das pessoas reparou, alguns até mesmo resistiram. *“Junto com toda aquela negação de meu corpo, foi embora um desejo de servir às pessoas como modo de manter meu relacionamento com elas”*. Comentou que percebia em si uma postura de ter sempre que *“servir”*, agradar aos outros. Com as recentes mudanças, sentia que havia abandonado aquilo que chamava de *“servidão”*, a partir da qual fazia certas coisas *“por biscoitos”* – pequenas rações de reconhecimento. Como quando não conseguiu escolher entre conversar e regar as plantas. Essa mudança passou a se manifestar no trabalho e nos relacionamentos. Por exemplo, disse que a mãe *“estranhou”* esse novo Mateus que não se submetia às demandas usuais. *“A princípio, ela deixou subentendido que eu não a amava mais, estava a abandonando. Mas resisti a essa investida, até que ela agora parece aceitar melhor, tem respeitado quando eu não posso entrar em contato imediatamente quando ela me liga, por exemplo. No final, eu mesmo acabo tendo mais vontade de compartilhar coisas com ela agora que seu julgamento não me afeta como antes. E acho que ela está entendendo que aquilo que ela percebeu como um distanciamento em um aspecto tem a ver com uma aproximação em outro”*.

Em relação a Tiago, relatou que o relacionamento também havia sofrido algumas turbulências depois das mudanças. O parceiro reagiu de um modo parecido ao da mãe. Pois Mateus estava mais *“solto”* nos contextos sociais, como festas de amigos, causando-lhe ciúmes. Comentou que, às vezes, receava diante desse *“novo corpo”*. Tinha medo de machucar as pessoas ou a si mesmo com esse *“algo a mais”* que se manifestava numa dança, ou numa conversa.

A prudência de Mateus pareceu fazer parte desse novo corpo, pois, para que fosse sustentado o novo modo de se relacionar com as coisas, era preciso que ao menos uma porção de tais relações não fossem rompidas. Deleuze e Guattari ponderam que *“desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento...”*,<sup>34</sup> ou seja, atingir e experimentar um corpo em sua (ab)stração não implica desestratificá-lo de modo grosseiro.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil Platôs*, vol. 3, op. cit., p. 25.

<sup>35</sup> Cf. *Ibidem*, p. 26.

Podemos até mesmo questionar se essa manutenção da relação com a mãe, o parceiro, etc. também não revela justamente que *involver* a um corpo abstrato implica muito mais que apenas negar uma foto de família – não se reduz a contrapor-se a uma imagem do corpo que assombra desde as primeiras frustrações da infância.

O interesse é fazer o desejo circular, irrigar tudo que for necessário a ele atravessar. Mateus transpôs ao corpo seu problema do desejo de se expressar, e, com isso, o problema se metamorfoseou. Expressar-se não era mais o mesmo que argumentar em defesa de suas angústias; passou a ser libertar-se delas na solidão experimental de um outro campo expressivo.

Sobre esse outro campo, podemos pensar a experimentação de Sexta-Feira no romance de Tournier, com seu *Andoar*, o bode selvagem grande como um urso. Um processo de instauração de um corpo em sua plena abstração. Sexta-Feira encontrou em *Andoar* um parceiro de jogo cuja brutalidade parecia encantá-lo. Lutaram até que o selvagem conquistou seu troféu, “– O grande bode está morto, mas em breve farei com que voe e cante...”.<sup>36</sup> Preparou a carcaça – cortou a cabeça e colocou-a num formigueiro; talhou a pele, fantasma anatômico de *Andoar*; abriu o abdômen, separando os 40 pés de intestino, pendurando-os esticados. Da pele, depois de muitos tratamentos incluindo ter ordenado a Robinson urinar sobre ela, fez um grande pergaminho. “– *Andoar vai voar*”.<sup>37</sup> Numa armação losangular costurada com tripa, esticou a pele, forjando uma pipa. Gritou de alegria quando “o monstro frágil, dobrado como um arco, subira qual rojão...”.<sup>38</sup> Sexta-Feira, com o fio-tripa amarrado no pé esquerdo, dançava as peripécias eólicas de *Andoar*, que respondia com acenos, reviravoltas e descidas bruscas. Mais tarde, ainda amarrou um anzol em sua rabiola para pescar peixes-agulha com Robinson.

Depois de oito dias em total ociosidade, Sexta-Feira lembrou-se da cabeça do bode abandonada num formigueiro. Retirou o crânio limpo de toda carne, com seus chifres em forma de lira, brandindo-o como troféu, “– *Andoar vai cantar*”.<sup>39</sup> Cortou a tripa seca em tiras estreitas amarrando-as na arpa de chifres. Por dias afinava as tripas para que soassem em uníssono, vibrando com o vento, “pois não se tratava de uma lira ou de uma cítara que ele mesmo dedilhasse, mas de um instrumento *elementar*, uma

---

<sup>36</sup> Tournier, M. *Sexta-Feira ou os limbos do Pacífico*. São Paulo: BestBolso, 2014, p. 178.

<sup>37</sup> *Ibidem*.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 182.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 184.

harpa eólica, cujo executante seria o vento”.<sup>40</sup> Assim, emitia um “som aflautado, agudo e plangente”, “música fúnebre e pura”.<sup>41</sup> Numa noite, Sexta-Feira chamou Robinson para ouvir

[...] um concerto celeste em que se misturavam flautas e violinos. [...] Era uma nota única – a mais rica de harmônicos infinitos –, que exercia sobre a alma um domínio definitivo, um acorde formado de numerosos componentes, cuja força sustida tinha algo de fatal e implacável. [...] Presa junto ao mais alto dos ramos, a pipa vibrava como a pele de um tambor, quer fixada numa mobilidade trepidante, quer lançada a rotações furiosas. O Andoar-voador assombrava o Andoar-cantor e parecia simultaneamente vigiá-lo e ameaçá-lo. [...] havia, sobretudo, aquele bramido potente e melodioso, música verdadeiramente *elementar*, inumana, que era ao mesmo tempo a voz tenebrosa da terra, a harmonia das esferas celestes e o lamento rouco do grande bode sacrificado. Apertados um contra o outro ao abrigo de uma rocha saliente, Robinson e Sexta-Feira perderam bem depressa a consciência de si próprios perante a grandeza do mistério em que comungavam os elementos brutos. A terra, a árvore e o vento celebravam em uníssono a apoteose noturna de Andoar.<sup>42</sup>

Há um meticuloso processo na criação desse corpo sonoro que expressa música *elementar*. Andoar voa, pesca, canta e, por fim, compõe. Sexta-Feira está atento a tudo o que é necessário a esse corpo para captar uma multiplicidade de afetos, vento e chuva, terra e árvore, que vibram e ressoam. Instaura um plano de imanência. Faz de Andoar flauta e tambor, preenchido de perceptos que expressam o movimento pulsante da ilha. Seguindo esse captador expressivo, Sexta-Feira e Robinson comungam não só com a ilha, como também a si mesmos ao perderem a consciência. Ou seja, Andoar permite-lhes ocupar toda a ilha (inclusive eles mesmos) como num campo de imanência. Ouvir, aqui, é desejar, pois essa sonoridade demarca a extensão que é possível ao desejo percorrer – há estratos, mas que só fazem preservar viva uma linha de abstração. Com a façanha de Sexta-Feira de compor um corpo para a ilha a partir de Andoar, os corpos passam a desejar em uníssono. Tocam-se a partir de um campo sonoro comum, mas sem perder suas singularidades.

Afirmar o corpo é colocá-lo em experimentação. Mateus parece tatear algo parecido. Não é a imagem de seu corpo que toma voz em suas experimentações, mas algo de corporal que não possui forma nem função. Nesse corporal, o desejo não aceita ser reduzido a aprender a se comportar melhor perante um grupo de pessoas. Pode até

<sup>40</sup> Tournier, M. *Sexta-Feira...*, op. cit., p. 185.

<sup>41</sup> *Ibidem*.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 186-7.

começar por aí, mas não é o bastante. O desejo rapidamente se liberta para um desejar mais pleno, voltado a uma expressividade que busca a manutenção dele próprio, e para isso tem que inventar um corpo.

\*

Horas antes de sua primeira consulta, Camila enviou uma mensagem pedindo para colocar seu irmão para ser atendido em seu lugar, pois seria um caso de maior urgência; assim sendo, poderia então remarcar a consulta quando possível. Fez desse primeiro contato um padrão que se repetiu por todo o primeiro ano de análise – dar motivos para não ir, quando o dia/horário da sessão se aproximava. Outro motivo atribuído à suposta necessidade de faltar, e que dava sempre próximo ao horário de sair de casa, era que *“estava muito mal para ser atendida”*. Quando eu questionava *“não é por estar mal que se quis fazer análise?”*, a réplica era – *“mas não adianta nada ir até aí do modo que estou”*. Nesse primeiro momento da análise, compareceu, em média, a uma sessão para cada falta – mantinha certa frequência por algumas semanas, mas também chegava a faltar semanas seguidas.

Iniciou a análise afirmando *“meu trabalho é a minha vida”*. Acrescentou que não tinha mais interesse em ter uma vida amorosa e que amigos não a atraíam. Dedicava-se totalmente à pós-graduação e ao trabalho como pedagoga em uma instituição de cursos técnicos em saúde. Disse que trabalhava e estudava o dia todo, e à noite queria apenas ver algumas coisas na internet até dar a hora de dormir. Concluiu que seus problemas centravam-se mais nos finais de semana – *“como não tenho interesse em sair, fico muito entediada em casa, o que dá muita ansiedade”* – e também quando ia para a cidade dos pais – *“tenho trocas de ofensas com meus pais e meu irmão quando nos reunimos”*. Em geral, eram momentos nos quais o trabalho não ocupava sua cabeça, então passava a sentir-se muito angustiada.

Quando perguntei por que achava que apenas o trabalho seria sua vida, disse ter tido muitas decepções na vida amorosa, pois o último namorado era extremamente abusivo, tanto física quanto psicologicamente. Disse que, como resultado desse relacionamento (que teria acabado há dois anos), ela adquiriu *“certa ojeriza ao toque das pessoas”*. Mas revelou que até se relacionava eventualmente, porém acabava sempre sentindo muito ciúme, com reações agressivas, que não conseguia controlar, prejudicando a pessoa, e também a ela mesma.

Camila parecia ser uma grande profissional na área em que atuava. Porém, quando entrava num novo cargo, não demorava muito tempo até surgir uma questão que, transcendendo o campo do trabalho, fazia com que “*surtasse*”. Era como se descrevia em episódios, como, por exemplo, sentir que uma colega competia pela atenção da supervisora, ou até mesmo ao presenciar alguma injustiça dirigida a um terceiro. Em certos períodos – que seguiam um certo ciclo –, quando algo do tipo acontecia, desencadeava uma reação que ela denominava de “*paranoica*”.<sup>43</sup> Era um sentimento de angústia de longa duração que a tornava incapaz de ir ao trabalho, passava a se automedicar e a falar de um desejo de “*apagar para sempre*”, o que ela insinuava se tratar de uma ideia suicida.

Quando era possível fazê-la vir à sessão, mesmo sob efeito dessa reação, o tempo era tomado por uma fala inflamada com conteúdo de alto teor moralista, sempre pautando o que é errado no comportamento do outro, que ela não se rebaixaria jamais a fazer o mesmo, caso estivesse na mesma posição.<sup>44</sup> Uma relação em especial, com o irmão, a colocou inúmeras vezes a “*surtar*”. Esses episódios estavam sempre relacionados a um cuidado de irmã mais velha, que Camila supostamente fornecia, e como ele estaria fazendo “*pouco caso*” não atribuindo o devido apreço ao seu gesto. Acusava estar sendo constantemente traída quando se sujeitava a ajudá-lo em seus momentos de fragilidade. Quando se encontrava em meio a uma dessas situações, era quase impossível fazê-la perceber que esta era uma de suas ditas “*paranoias*”, pois atendiam todas as características, principalmente a fala inflamada e o moralismo dirigido ao comportamento do outro, seguido de sentimento de culpa.

Com o passar de algumas sessões, percebi que era importante primeiro deixá-la falar até o momento em que essa fala se esgotasse. Logo após esse esgotamento, Camila parava, olhava fixo esperando alguma reação, algumas vezes perguntando se eu estaria bravo, pois a minha recepção era sempre a mais neutra possível. Em seguida, passava a comentar sua fala anterior, no começo em tom de pergunta: “*foi uma daquelas paranoias, certo?*”, depois ela mesma passava a identificar de modo afirmativo. A partir de então, com um caso mais consistente, ela passou a perceber quando se deixava levar

---

<sup>43</sup> Camila, formada em pedagogia, trabalha e estuda num contexto envolvido com o vocabulário psiquiátrico, o que resultou, principalmente no início da análise, numa grande frequência no uso de certos termos ‘técnicos’ para falar de si mesma. Minhas intervenções não estavam muito atentas a corrigi-la quando usasse um termo de modo incorreto ou mesmo confirmar quando usasse de modo adequado. Em certas intervenções, adotei conceitos tentando preservar o modo como ela os trazia.

<sup>44</sup> Movimento parecido com a “cadeia reativa” abordada no caso de Marina, no capítulo *Um processo como aquilo que decide*, p. 23.

pelas suas “*paranoias*”, ficando mais fácil detectá-las em casos menores, que não tinham caráter de repetição como esse com o irmão.

Em uma sessão mais ou menos nessa época, tratando de suas eventuais relações amorosas, Camila concluiu que sempre queria ajudar os homens, por exemplo, dando conselhos sobre o que seria bom para suas vidas profissionais. E disse sentir vontade de ser ajudada também. Perguntei, então, se ela gostaria de ser retribuída pelo cuidado ofertado aos homens, ao que respondeu energeticamente “*não, ajudo sem querer nada em troca*”. Expliquei que, ao dizer retribuição, não era no sentido de ela querer algo em troca como pagamento, mas se ela também não gostaria de receber algum gesto de carinho como aquele que fazia. Dessa vez, ficou um pouco em silêncio, então disse sentir falta disso, que não recebia carinho desde seu último namorado, o que a agredia, “*se bem que ele não me dava carinho*”.

Após seis meses de análise, Camila estava começando um novo trabalho; tinha se demitido do anterior havia pouco mais de um mês, pois teria sofrido demais, a ponto de não conseguir mais ir ao local. Nesse novo trabalho, disse estar mais próxima daquilo que gostava, que era dar aulas, para futuramente seguir carreira acadêmica. No trabalho, dava aulas para um grupo de um determinado cargo dentro de um hospital. Nesse período, falávamos de momentos que corriam o risco de desencadear seu “*surto*” e, conseqüentemente, sua “*paranoia*”. Como, por exemplo, um episódio que Camila trouxe em uma sessão. Contava que, naquela semana, deu uma aula na qual, ao final, teve que distribuir uma ficha – procedimento padrão do programa que a contratara –, para os alunos poderem avaliar a qualidade da aula e o desempenho do professor. Disse que, em casa, à noite, ao analisar as fichas, tudo ia bem, com avaliações (em escala) todas ótimas, mas, de repente, parou numa ficha onde todos os itens haviam sido ticados na escala mínima. Disse que sentiu uma angústia enorme, vontade de desistir do novo trabalho, raiva da garota (pois imediatamente interpretou ser uma certa garota que estaria desatenta durante a aula) e decidiu tomar seu Rivotril para “*apagar*” até o dia seguinte. Nesse momento, começou a perguntar para mim se estaria certa sobre a menina ter sido injusta. Seu tom era de desespero. Moralizar a situação servia como um jeito de, no curto prazo, sentir-se levemente menos angustiada, mas logo o comportamento de culpar a garota alternava com aquele de culpar a si mesma por ter imaginado o fato sem poder provar. Esperei esse padrão se esgotar completamente. Só então pudemos iniciar uma reflexão sobre o caso. Agora era possível “*pensar sem a paranoia*”.

Nas sessões seguintes, sentia-se melhor, passando a não desmarcar sessões com tanta frequência. Até que um dia houve uma situação que desencadeou seu “surto” de um modo muito intenso, “*muito difícil de suportar*”. Chegou na sessão muito abalada, dizendo que algo a tinha feito querer desistir de tudo e que não conseguiu fazer mais nenhuma atividade além de pensar no ocorrido, sentindo uma angústia insuportável. Começou a falar de modo inflamado sobre uma série de problemas surgidos no trabalho. Disse ter flagrado um caso “*muito antiético*” relacionado a um grupo de alunas para as quais dava aula. Elas estariam flertando com um funcionário do local através de bilhetes. Então, em tom furioso, deu início a um julgamento moral da situação. Disse ainda que se sentia obrigada a tomar alguma medida em relação ao ocorrido.

Percebendo que eu não demonstrava reação no sentido de concordar nem discordar, começou a perguntar se era correta aquela situação, o que eu faria no lugar dela, e então repetia sua narrativa do acontecimento. Senti que estava alterada demais em relação ao tamanho real do problema, o que me fez suspeitar de que havia algo a mais por trás da história. Perguntei se realmente seria um problema institucional que cabia a ela a responsabilidade de mediar. “*Acho que sim, não?*” Senti que Camila estava tentando de todo modo interpretar qualquer sinal meu que tivesse a finalidade de aprovar ou reprovar a conduta das garotas.

Então, com a fala menos inflamada, mas ainda apresentando a mesma angústia, pode revelar uma outra história. Há algumas semanas vinha flertando com um colega de trabalho que a chamou para sair. A partir de então, do ressentimento, imediatamente pulou para a culpa. Confessou que “*não sabia por que havia cometido a imprudência de aceitar o convite do rapaz*”. Foram almoçar juntos na intenção de um encontro amoroso. Acrescentou que o rapaz não era tão atraente, mas sentiu vontade de aceitar o convite, pois ele tinha algo de “*diferente*”, parecia ser mais carinhoso em relação a outros relacionamentos que havia tido até então. Então descreveu algo ocorrido no almoço que a tinha “*assustado, mas de um jeito bom*” – o rapaz tocou-lhe a mão. Revelou que sentir esse toque foi “*estranho*”, algo que nunca havia sentido antes e numa intensidade imensa. Pedi para pensar mais a fundo o que poderia ter sido essa sensação. Assumi que foi “*bom, mas um bom que me deixou mal...*” – “*...por ser bom?*” – perguntei. “*Talvez...*”.

Esse encontro ocorreu no intervalo de período em que suspeitou e averiguou a cena das garotas flertando com o outro funcionário. O efeito angustiante ocorreu, mas

só depois que, em seguida ao episódio do toque, se abriu uma breve vulnerabilidade – permitiu-se um espaço livre de julgamento, mesmo que por um ínfimo instante. Já havia relatado antes que sempre reagiu de modo defensivo a movimentos espontâneos de parceiros amorosos. Relembrei-a de tal reação, e o contraste com esse momento, no qual a espontaneidade do rapaz foi bem recebida, mesmo que pelo instante de um toque.

A sensação provocada na pele de sua mão remontou a um gosto deixado de lado há muito tempo, ou mesmo nunca provado. Não se tratou meramente de um pequeno prazer sexual, mesmo se também o fosse. O que presenciou não foi apenas a mera descarga de energia acumulada (prazer), mas um reencontro consigo mesma, o que talvez tenha produzido até mesmo um aumento de tensão. Por trás daquele toque, havia algo que parecia ter sido impedida de procurar até então – não foi o rapaz que a tocou, mas ela mesma. Algo da exterioridade adentro de seu corpo foi aceito, absolvido, libertado. O que foi experimentado de novo não foi o prazer objeto do toque, mas a capacidade de ser tocada, o próprio ato de abrir o corpo aos afetos.

Camila permaneceu alguns minutos quieta, entretida em pensamentos. *“Parece que o que você sentiu foi bom mesmo”* – repeti, cortando o silêncio. *“Foi, e agora eu queria isso novamente, mas não precisa ser com ele”*. Perguntei qual relação ela fazia com seu testemunho sobre as garotas. *“Acho que sou uma hipócrita, né?”* – *“Não acho que se trata disso”* – repliquei – *“parece mais que olhar para elas foi um modo de desviar sua cabeça do toque que você havia acabado de conquistar, faz sentido?”* – *“Pode ser...”* – *“O que será que você sentiu que foi tão bom a ponto de não suportar por muito tempo, e acabar levantando toda uma outra situação para afastar-se da sensação?”*

Na sessão seguinte, ela chegou ainda num nível de angústia parecido com o da sessão anterior, porém algo parecia estar diferente. Disse que a sessão anterior a fez pensar que gostaria de sentir mais daquilo, daquilo que veio do toque do rapaz. Mas tinha a sensação de que não era o rapaz, pois tinha mais a ver o que eu havia dito, de *“sentir algo bom”*. Disse que sentiu vontade de ter um filho. Que começou, durante a semana, a planejar quando seria o momento em que poderia estabilizar-se financeiramente para poder sustentar uma criança. *“É uma vontade que eu sempre tive, mas agora querer tê-lo faz muito sentido”*. Disse também que não queria um marido, um parceiro, mas apenas o filho. Perguntei: *“Camila, por que não ter a si mesma como filha?”* – olhou para mim como se levasse um pequeno susto – *“Guilherme, acabei de sentir uma coisa muito esquisita assim que você falou isso”,* – *“Esquisita como?”* Com

ar constrangido, elaborou – “*não sei, uma sensação estranha, de fazer algo de errado*”. – “*Errado?*”, – “*é. A ideia de me sentir minha filha foi estranho, como se não pudesse...*”. – “*Teria sido alguma sensação parecida com o que você sentiu no toque daquele rapaz?*”, – “*talvez... sim, acho que sim*”.

Num primeiro momento, havia descoberto a fortuita possibilidade de se tocar – agora, tinha a *capacidade* de tocar a si mesma, o poder de se deixar ser tocada por si mesma, para então ser possível agenciar o que o desejo implicasse. Esse momento foi um divisor de águas do caso. A partir de então, sentiu diminuir drasticamente sua necessidade de julgar as ações dos outros ou as dela mesma. Mudança que se mostrou tanto durante as sessões quanto fora, segundo o que ela relatou. As ansiedades reduziram a ponto de parar de se automedicar com Rivotril. Passou também a ser mais possível enfrentar os problemas do trabalho.

Mas o que me chamou mais atenção foi que seu corpo começou a mudar fisicamente. Seu rosto, que antes expressava marcante mistura de insegurança e submissão, foi mudando rapidamente no decorrer das sessões, tornando-se menos ansioso por se expressar, mais relaxado. Ela mesma comentou a mudança; que parecia outra no espelho. Além disso, seu tom de voz ficou mais grave, precisava de menos palavras. Sua postura também tinha perdido a rigidez. O corpo se metamorfoseou a partir do momento em que ela se tornou sua própria filha.

As sessões foram girando cada vez mais em torno de como conseguir se reconectar com aquelas sensações antes proibidas, agora que o desejo podia correr desimpedido por novas regiões. Passou a investigar como encontrá-las, estendê-las, produzi-las.

Cuidar de si como se fosse sua própria filha não se reduzia a um narcisismo, pois o corpo não estava sendo investido como objeto pelo desejo. Pelo contrário, o corpo se tornava um meio de desviar o desejo de seus antigos entraves morais. Camila descobriu a capacidade de arranjar “seu” corpo, alterar a própria fábrica de alter-ações, compô-la com o mundo e seus espontâneos toques de mão. Encontro experimental de si, quando o poder de ser afetado e o poder de afetar operam num mesmo ponto, ao mesmo tempo. Não se tratava de buscar a faltante consciência de si, mas de criar um modo de ser.

## Um processo é corpo cuja carne é o tempo

O leitor pode ter notado que, conforme fui avançando pelos casos, a palavra processo acabou cedendo cada vez mais espaço para a palavra corpo. Passei eventualmente a focar na noção de corpo até mesmo mais do que na de processo. Quando Diego produz sua máquina de capturar pedaços de gente, sua sala de conserto de *hardware* de informática, fica marcante como um processo tende a procurar um certo grau de integridade, mesmo sendo pura metamorfose. Se procurarmos uma lógica de apego objetual na relação de Diego com sua sala, não encontraremos. Não há o que possa ser idealizado ali. Apesar de seus problemas burocráticos e amorosos, aquilo tudo funciona num outro regime. Até por isso, advogar por uma integridade processual, fazer com que a coisa *dure* ao seu modo se mostra extremamente desafiante, pois tudo o que é cultura objetual está constantemente entrando pela porta sempre aberta. Entretanto, uma máquina celibatária ainda possui uma estrutura, porém necessariamente singular. Mas não fazia talvez mais sentido separar seu corpo de carne de seu corpo de componentes eletrônicos e sujeira. cultivou um pequeno cosmos do qual ele também era nativo. Artistas e loucos sabem a importância da integridade de um processo, pois não se contentam com a ordem pré-imposta que reduz os apêndices corporais permitidos a muito poucos, como um celular, um chapéu, um sutiã, uma tatuagem, um carro, uma casa, no máximo um iate. Loucos e artistas vão muito mais longe, posto que não deixam seu corpo ser organizado por nenhum molde, pois sua relação com seus processos é justamente de misturar-se a eles a ponto de não se saber mais o que é autor e o que é obra. É que neles há sempre algo de completo, pleno e contínuo. Retomo que, para essa plenitude existir, há, nesse ajustamento, uma dieta simples, mas ao mesmo tempo de extremo rigor: o desejo deve alcançar tudo, como sangue ou nervos. *Coração é o ato de dar cor ao corpo.*

Desse modo, a aventura de Mateus e Camila em inventar um corpo para si pode ser interpretada como o trabalho de um artista, ou como a mania irreverente de um louco. O ato desse desejo de medir seu alcance, saber por onde passa, o força a desenhar um corpo. Mas esse desenho não é de natureza representativa, posto que o desejo o faz de modo real, realmente circulando pelas engrenagens de um maquinário. Daí, salta ao olhar que essa fragilidade serve como um talento profundo que um processo possui. Um desenho em que cada traço é pura encarnação, sempre feito a sangue. Tal desenho é uma frágil vida, um corpo – uma duração.

Bergson, tratando da natureza de uma duração, afirma: “Quanto mais nos aprofundamos na natureza do tempo, mais compreendemos que duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do absolutamente novo.”<sup>45</sup> Esse nível de produção pensa imagens que não são de natureza representativa, que não servem para reduzir um todo, mas para percorrê-lo. Ou seja, criá-lo e não meramente descrevê-lo. Nesses termos, duração é aquilo que está constantemente mudando de natureza,<sup>46</sup> confunde-se com o puro devir.<sup>47</sup>

Desse modo, é necessário pensarmos a relação que certa noção de corpo tem com certa noção de processo. Processo é aquilo que se dá no tempo. Aqui, o tempo acaba sendo a dimensão dominante para dar o tom de um processo, não mais o espaço, de modo extensivo, como seria numa concepção formal da vida. Bergson propõe justamente essa mudança de paradigma ao abrir mão do *ser* para dar lugar àquilo que dura. Uma duração não é medida em termos espaciais, mas sentida em termos intensivos.<sup>48</sup> Como poderíamos conceber um modo de medir – aquilo que dura – que se dê no campo do intensivo, não reduzido aos termos de uma lógica retiniana?

\*

*Modos de medir o tempo.* Estamos acostumados a pensar o tempo de modo espacial, colocando-o numa linha reta que vai da esquerda à direita, do incompleto ao acabado, do passado ao futuro. Consequentemente, um processo considerado a partir desse tempo fático (flecha do tempo) é reduzido a uma narrativa contingente. Marca-se então a história do sujeito com começo, meio e fim; ou raiz (fundamento), função e objeto. Essa linha é resultado de uma redução, a partir da qual a dimensão temporal é homogeneizada e concebida espacialmente. Por conseguinte, tal *representação* do tempo não se dá sem seu respectivo efeito determinista para com um processo que seja submetido à sua medida. Um processo passa então a ser aquilo que deve erigir-se ereto, em termos unidimensionais. Tal postura acaba por moralizar o tempo, pois aquilo que se aproximar mais da imagem de acabado – do futuro – será considerado superior, enquanto aquilo que ainda se aparenta à imagem de incompleto – do passado – deve ser descartado.

---

<sup>45</sup> Bergson, Henri. *Memória e vida textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 8.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 11

<sup>47</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*. 2. ed. São Paulo: n-1, 2017, p. 29.

<sup>48</sup> Bergson, Henri. *Memória...*, op. cit., p. 4.

Pelo viés desses valores, se um aspecto do passado é visto como ideal (acabado), deverá ser preservado, enquanto aquilo visto como imperfeito deverá ser mantido no passado, isto é, deverá ser suprimido. A partir desse ponto de vista moral, o que resta é um presente deslumbrado com o futuro e negligente com o passado, o que implica um processo, ao menos parcialmente, vazio – que não se povoa com qualquer passado que não diga respeito à sua imagem de futuro. Basta pensarmos o quão afinado ao método científico clássico o esquecimento histórico seletivo dos nacionalismos sempre esteve. O apagamento de histórias é resultado certo de um método que considera o tempo como linha unidimensional. Sob tal molde, um processo toma pseudo-corpo de um duro e retilíneo projeto, alienando-se de qualquer grão do passado que não diga respeito ao seu ideal de autoimagem.

Contudo, podemos pensar a partir de uma noção de tempo que não procura reduzi-lo a termos de uma dimensão espacial – dimensão vazia a ser ocupada, colonizada, contabilizada, organizada. Um tempo considerado pelos seus aspectos precisa, com isso, recuperar sua heterogeneidade, passando a ser concebido, então, como um tempo ocupado, vivo, povoado, pulsante, cheio e, conseqüentemente, conflitivo. Um corpo que se mede pelo *comprimento* de sua história, como numa catarse, irá avaliar seu desempenho em *ocupar* o espaço temporal, limitando-se ao interesse a qual foi seu aproveitamento até então, o que nele ainda falta, qual será seu próximo passo. Trata-se de um ser relativo a seres passados e a um futuro ser ideal... e a quem, na estaca do presente, só resta o vazio de não-ser.<sup>49</sup> Uma narrativa produzida a partir desse tempo homogêneo não permitirá conflitos nem paradoxos, pois um processo reduzido a uma linha perde sua massa, sua densidade corpórea. Em contrapartida, a um corpo que se mede pelo *peso* da carne do tempo,<sup>50</sup> só lhe resta ingeri-la e viver tal dinâmica formigante. A linha está para marcar o espaço, assim como corpo está para devorar tal massa.

Retomo o modo como o analisando Mateus tratou sua relação com o tempo.<sup>51</sup> Arrisco-me a usá-lo como parábola de um passado *encarnado* que se esconde por trás

---

<sup>49</sup> Artaud trata dos perigos da atração desse não-ser.

<sup>50</sup> Bergson pensa, de modo crítico, uma matéria desprovida de espiritualidade. Porém não é a partir desse aspecto materialista que esse texto aborda o tempo como “massa”. Ao contrário, procuro atentar ao caráter massivo do tempo *heterogêneo*, pois gostaria de aprofundar esse pensamento a partir de uma corporeidade temporal que compõe um processo. Um tempo encarnado, que se mede por incorporação, e não representado espacialmente.

<sup>51</sup> Mateus é o mesmo analisando do capítulo *Um corpo em processo*, p. 59

da representação fantasmagórica do tempo linear. Carne que, de alguma maneira, sempre tenta resistir ao hiato forçado por tal modo de narrar o tempo.

No escritório onde trabalhava, Mateus buscava um “*ritmo*” diferente daquele no qual se sentia constantemente competindo com seus colegas. Encontrou o ritmo desejado quando decidiu trabalhar sozinho. Sob esse outro modo, mais solitário, sentiu-se livre das pressões que encontrava na empresa, tanto de seus colegas quanto da imagem do chefe – e a única saída a essas pressões era “*mostrar serviço*”. Em análise, a descoberta da sensação de liberdade, permitida pela solidão de trabalhar por sua conta, o fez retomar uma lembrança da infância. Especificamente, uma época em que, muito novo, foi submetido pela mãe a uma dieta rigorosa, que o sujeitava a um cronograma pregado na geladeira, cujo propósito era limitar a quantidade, o tipo e o horário de sua alimentação. O cronograma durou anos, *ocupando* o tempo com as determinações de quando e do quê fazer em relação a seu corpo. Mas ele continuou “*comendo escondido*” o que era proibido. Manteve o hábito de “*assaltar a geladeira*” na solidão, quando ninguém estava por perto.

Em ambas as lembranças de Mateus, tanto a angústia sentida quanto a sensação de liberdade ao encontrar saídas estavam diretamente relacionadas a uma pessoa que ordenava sua vida – sua mãe e o médico; os colegas e o chefe. Não é coincidência que uma ordenação do trabalho evoque a memória de uma antiga, mas marcante, ordenação de seu corpo. Porque *ordem* é a motivação principal dessa pretensão de enfileirar o tempo. Linearidade é o projeto humanista de colonização do tempo.

Contudo, além de essa memória nos servir aqui como uma parábola do “devorar o tempo”, em análise Mateus realmente devorou, reencarnou tal memória. Em seu passado não se encontra apenas uma história de sujeito, mas aquilo que pode ser reencarnado, degustado como algo ainda presente, no sentido de um passado que não passa (como quando concebemos o tempo de modo linear). Um passado que continua ao seu lado. A geladeira passou a ser sentida como um ponto que definia um modo de ordenamento que ainda o fazia sofrer. Reincorporar essa memória triste ao processo permitiu-lhe resistir a submeter-se a novos “cronogramas de geladeira” que eventualmente surgissem em sua vida. Agora incorporada, essa memória passou a servir como um detector de possíveis relações de poder das quais ele tem mais chance de se defender.

Ao fazer um desdobramento da obra *Dançarina doente*, de Hijikata Tatsumi, Kuniichi destaca sua peculiar relação com o tempo quando o dançarino evoca aquilo

que seriam suas memórias da infância: “o passado escoia sem intermediário no presente e se infiltra no futuro, excluindo o tempo linear. O tempo é como um fermento disforme, assimétrico”.<sup>52</sup> A história que o sujeito se atribui não toma nada além da superfície de toda uma massa temporal que compõe um processo. Um processo não pode ser reduzido a uma historinha contada a partir do ponto de vista do sujeito. Tempo demasiadamente harmonioso, completamente pautado na lógica causal. Kuniichi atenta: “é assim que a criança em Hijikata emite o discurso num tempo caótico em que não há mais passado, nem presente nem futuro”,<sup>53</sup> dando foco a certa relação com a memória que não pretende representar um processo, e sim dar continuidade a ele. Devorar o tempo, encarná-lo, não implica interromper um processo de criação, mas justamente o oposto – confundir-se com ele.

Se um processo irá *colonizar* ou *devorar* o tempo, isso irá definir sua natureza. Espaço se coloniza; carne se devora. Colonos ou selvagens. Um processo que se mede a partir de uma massa de tempo é um corpo que devora e produz o tempo como se fosse carne, relacionando-se com ele pela capacidade de encarná-lo. Um corpo que se mede pelo quanto enche sua barriga e não por representações espaciais. Pois a carne possui características totalmente avessas ao ascetismo do vazio – ela sacia, preenche, petrifica, coagula, cristaliza, entra em decomposição.<sup>54</sup>

Desse modo (e retomando o que foi dito acima), por trás de toda a formalidade imposta, o tempo encarnado é uma quantidade de tempo que passa a fazer parte de um processo. Pois o tempo linear tem buracos. Em análise, quando Mateus falou da sensação de liberdade ao trabalhar sozinho, descobriu como ela abriu passagem àquelas outras sensações de quando comia escondido na infância.

Apesar de a interpretação do tempo como linear predominar em nossa cultura, a encarnação de grãos de passado acontece a todo o momento. Mesmo que um processo esteja submetido a uma linha, ele continua “*comendo escondido*” esses grãos. É verdade que a maioria desses grãos provavelmente nunca irá participar da fotografia cravada na geladeira do presente linear. Porém, mesmo que tal representação do processo tenha pretensão de corpo anoréxico (corpo vazio do não-ser), uma vida ainda carrega, mesmo que por trás dos olhos da linha do tempo, sua fome por uma massiva quantidade de carne.

---

<sup>52</sup> Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*. São Paulo: n-1 Edições, 2018, p. 54.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>54</sup> Kuniichi, U. *A gênese de um corpo desconhecido*, op. cit., p. 53.

E o corpo, enquanto pura gênese, envelopa esse tempo nas dobras da carne. O *tempo se abre* com esse corpo desvencilhado de órgãos, esse autômato feito pelos fluxos intensivos e flutuantes da vida.<sup>55</sup>

Não se trata de apenas lamentar o reducionismo causado pela concepção linear do tempo, mas antes de criar modos de ir além de sua inoperância, pois tal modo de ver o tempo é cultural, não sendo necessariamente a única forma de concebê-lo. Podemos supor que tratar o tempo como uma dimensão temporal seria, no máximo, uma pragmática falida. Falida no sentido de não dar conta da rica heterogeneidade do tempo, embora ainda participe como protagonista da produção dos corpos. Ela os marca, mesmo que essa marca não consiga colonizá-los por completo. Pois não se trata de escolher um ponto de vista em oposição a outro – essa escolha já é feita sempre que se escolhe ficar do lado de uma vida. A questão é estarmos sensíveis para perceber os efeitos que tal sistema *plantation* tem sobre a carne crua do tempo. E, em contrapartida, perceber sinais provocados pela revolta dessa carne.<sup>56</sup>

Vale recordar, do capítulo anterior, que o corpo de Mateus continuou estabonado, derrubando coisas, queimando mãos, comendo escondido e de modo compulsivo, desde sempre, até que o analisando não pôde mais resistir ao vigor de afirmar esse corpo. Poderíamos pensar até em dois modos de encarnar esse tempo puro: simplesmente contemplar essa massiva multiplicidade de afetos subir à superfície como sintomas, ou ir em busca delas de modo afirmativo para, com uma boa parte delas, compor um processo.

\*

*Modos de adquirir consistência.* Por que fazer tanta confusão entre corpo e processo? Há um momento em que suas diferenças passam a ser muito sutis, mas ainda vale a pena vacilarmos entre uma palavra e outra, pois parece haver “limitações” em ambas as palavras, uma precisando da outra para se complementar. Eis um paradoxo: tratar um processo como abstrato – libertá-lo da linha estratificante do tempo – implica reestabelecer relação com seu aspecto massivo, corpóreo. Outro paradoxo: tratar um

---

<sup>55</sup> Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*, op. cit., p. 59.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 29.

corpo como processual – abstraí-lo da forma – é reaver aquilo que o estatuto de sujeito subtrai: sua *singularidade*.

O tempo linear produz verdadeiras paralisias nos processos – melancolia, espera, luto etc. –, assim como gera corpos sem consistência material – imagens narcísicas. Talvez, quando conseguirmos efetivamente tirar o tempo da linha, seremos forçados a derrubar a divisa que separa corpo e processo, a ponto de não mais fazer diferença qual palavra usaremos a partir de então.

Um corpo assujeitado por uma narrativa linear é reduzido ao seu nível consciente – superficial, comunicável, rigidamente formal –, sendo forçado a agir segundo termos predeterminados. Um processo reduzido a tais termos acaba por ter sua potência também reduzida, ou seja, perde quase inteiramente sua capacidade de criação – situada no campo do indeterminado –, o que resulta numa unidade estritamente formal. Pelo contrário, um processo que não se limita ao tempo fálico (linear) não é assujeitado, compondo assim um tipo de consistência corporal, mas independente de uma forma.

Enquanto um sujeito tem seu fundamento consolidado numa base moral, um corpo anárquico não possui fundo algum. Mas essa ausência de fundo não o impede de agregar algum tipo de consistência. Um processo, ao invés de uma unidade formal ou ôntica, irá calcar sua subjetividade no campo prático, ou seja, de modo ético. Indivíduo duro de um lado; *duração* de uma unidade ética de outro. Um processo, portanto, *quer possuir* consistência, sua unidade ética. Aqui, a noção de posse encontra-se livre da relação objetual, pois desejo e posse dirigem-se a uma ordem prática. Sustentar um processo é fazê-lo durar, sendo a duração puro devir. Para um processo, possuir consistência é, paradoxalmente, sustentar o poder de mudar.

Por exemplo, quando Marcos<sup>57</sup> seleciona um processo entre muitos para chamar de trabalho, desenvolve esse problema de modo interessante. Aquilo para o que possui mais vontade de dedicar sua vida está envolto por uma película de paralisia, de desinteresse. A princípio, parece paradoxal. Poderíamos, em análise, Marcos e eu, ter rapidamente concluído que ele havia “escolhido mal” sua carreira profissional, devendo buscar algo mais atrativo para fazer, ou até *sublimar* o angustiante desinteresse que sentia tanto diante de seu cotidiano de pesquisador quanto do preparo para concursos para professor. Mas, cada vez mais, a partir de sua fala, fomos descobrindo que era

---

<sup>57</sup> Marcos é o mesmo analisando do capítulo *Um processo fragmentado*, p. 37.

maior a probabilidade de haver um impedimento de o desejo manter conexão com sua rotina profissional, mesmo que ela fosse seu “alvo”. Não é coincidência. O desejo é impedido *justamente* porque sua profissão se tornou seu alvo, seu objetivo, seu objeto. “Uso inútil do corpo sem objetivo”,<sup>58</sup> propõe Hijikata, como solução contra a alienação do trabalho. E podemos pensar essa alienação sob o ponto de vista do desejo, quando este é barrado em sustentar uma ligação com certo tipo de atividade.

Não há possibilidade de unidade ética quando o *fazer desejado* é deslocado para o objeto desenhado no futuro de um tempo linear. Essa ordem do tempo passa a determinar como o corpo é organizado, levantando um ou outro de seus respectivos blocos de duros afetos, como a lamentação melancólica do “sempre ser tarde demais”, colocando o sujeito não só a sentir que perde tempo, mas também a velar tal tempo perdido; ou a incessante espera beckettiana, que abandona o corpo à inação projetada pelo futuro – “nunca acontece nada àqueles que esperam; nada a não ser o fato de terem esperado em vão”.<sup>59</sup> Ironicamente, o tempo linear joga o corpo em direção a lógicas intemporais, como a espera, a paralisia e a melancolia. “São subjetividades fechadas, confinadas no interior do seu destino”,<sup>60</sup> ou seja, a sujeição aprisiona um processo em determinações, impedindo-o de produzir, caso não seja aquilo esperado – substitui indeterminação por paralisia.

Determinados, pois ordenados. O sujeito é um decalque da família, a família é um decalque do Estado, modelo originário da figura do sujeito. A lógica do Estado é decidir o lugar dos corpos no espaço-tempo. A análise das formações edipianas não deveria ser nada além de uma cartografia do sistema de reprodução dos modos dominantes e sistemáticos de ordenação dos corpos. Produção dos mesmos corpos que obedecem, mesmos corpos que se insurgem e mesmos corpos indiferentes – corpos neuróticos, corpos perversos, corpos psicóticos. Consequentemente, em contrapartida, são marcados como paradoxais, impossíveis ou doentes aqueles corpos de “obediências” singulares (ativamente passivos a existências mínimas), corpos de insurgências afirmativas (que destroem em favor da vida) e corpos puramente virtuais (totalmente imunes a interiorizar os agentes de Estado).

Não pretendo apontar limitações das análises que partem da estrutura edipiana, porém proponho levantarmos a poeira de uma só pequena polêmica: no Édipo, o que se

---

<sup>58</sup> Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*, op. cit., p. 29.

<sup>59</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 16.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 17.

põe em risco de ser castrado não seria de nível objetual e extensivo (simbólico, imaginário) – o falo –, mas de nível potencial e intensivo (real). O que se tenta cortar incansavelmente dos corpos (desde antes do nascimento, no nível da projeção dos pais sobre o futuro da prole, até a morte) está na virtualidade dos atos – é o *poder de desejar fazer o que faz*. Do complexo edipiano, se continuarmos seguindo sua trilha para mais além da família, até sua imagem originária, chegamos ao Estado. Isso nos coloca a vê-lo como a mais dominante mítica sobre o tempo e o trabalho, quando o corpo freudiano e o corpo marxista se alinham.

Como já propus antes, o sistema capitalista – com base na troca, que tem como resultado naturalizar a relação trabalho/recompensa – só funciona se não gostarmos de fazer o que fazemos, pelo menos enquanto fazemos, pois, ainda pelo mesmo regime, corremos o risco de nos apaixonarmos pela imagem dourada de que “nascemos para fazer o que fazemos”, defendendo-a com unhas e dentes. Clichês como “sair da zona de conforto”, “*no pain no gain*”, “suor do trabalho” dominam nossa cultura. Levando tal relação – trabalho/recompensa – em conta, sua semelhança com a relação sujeito/objeto não é mera coincidência. A lei não vem para impedir o incesto, ao menos não aquele da história grega do Édipo. A lei vem para impedir que o trabalho esteja ligado às dimensões eróticas do corpo, lembrando que corpo é aquilo que trabalha.

Em sua *Introdução ao narcisismo*, Freud defende que

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.<sup>61</sup>

Partindo dessa passagem, radical por si própria, proponho dois exercícios: destacarmos um conceito – “primordiais”; e invertermos outro – “acrescentar” para “subtrair”.

Como seria tratar os instintos autoeróticos como *primordiais* sob a perspectiva de um tempo que se encarna? Ao invés da concepção positivista de “algo que se acrescenta” no decorrer de uma linha temporal, faria então mais sentido pensarmos *algo que se subtrai* da totalidade originária dos instintos pulsionais. Inserir um corpo numa linha implica subtrair grande parte de sua potência de ação, cujo efeito é reduzir o corpo

---

<sup>61</sup> Freud, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13.

a uma autoimagem, mera formalidade narcísica. A afirmação de Freud de que “os instintos autoeróticos são primordiais” poderia, então, significar *ainda inabalados pela subtração daquilo que originariamente os compõe*. Sob esse ponto de vista, o eu não passa de uma operação de subtração radical da potência das ações psíquicas. O narcisismo é uma operação de subtração do gozo das ações de autoinvestimento. Esse gozo é transplantado de um corpo real para uma imagem desse corpo, que passa a ser projetado na superfície de um futuro linear – o corpo se torna objeto.

Em contrapartida, unidade ética seria qualquer corpo cujo desejo não tem subtraído o poder de perseverar em si mesmo. Acima de tudo, é qualquer corpo que não foi, e/ou não é, impedido de criar e manter em funcionamento um modo singular de garantir que isso aconteça.

Garantia é igual a cuidado. Mas autocuidado erotizado; como se Eros fosse pura eletricidade, estimulando, *imantando* uma máquina singular. Autoamamentar-se, dirigir o cuidado a si por via do gozo e não por dever moral. Perdemos isso para a lei dos homens, e para retomar é preciso um devir animal. Pois só autocuidado, sem erotismo, não passa de mera autoconservação – medo *da* morte, ao invés de vontade *de* vida. Angústia subjetiva, ao invés de desejo abstrato.

\*

*Modos de cuidar.* Morando com dois gatos, acho interessante observar quando os animais estão imersos no ato de se lambar. Autocuidado erótico. Quando estão juntos, é ainda mais interessante (meus gatos são castrados, ou seja, o erotismo tradado aqui independe daquele que se manifesta a partir da ordem genital). Eventualmente, a língua de um simplesmente se estende aos pelos do outro, expandindo o ato de cuidar do máximo de pelos que puder. Não se liga para retribuição, recompensa. Não demora muito para o outro o lambar “de volta”, mas somente porque contagia-se da mesma vontade de lambar pelos. De vez em quando, o lambar se torna um morder lúdico, passam a exercitar o “brigar”, eriçam pelos, arranham-se, e, por fim, não raramente, voltam a se lambar. Afinal, ali há um gozo generalizado em cuidar, manifestado por um gesto a partir do qual é impossível determinar aquilo que cuida e aquilo que é cuidado.

Curioso o fato de ser justamente o símbolo do narcisista que nossa cultura projeta no gato. Sendo que eles estão constantemente roçando, lambendo, apalpando outrem, seja outro gato, um pássaro ferido que não foi tomado como caça, ou até

mesmo uma cadeira esquecida no corredor. Retomando a passagem de Freud, me parece que esse conjunto de gestos segue mais a lógica de uma unidade anterior ao desenvolvimento do eu, um momento quando os instintos autoeróticos ainda são primordiais.

É importante então ressaltar uma particularidade que o autocuidado erótico possui: sua relação com a alteridade. Tudo tem potencial para ser tomado como algo a ser cuidado, porque cuidar é bom. Se o cuidado está ligado ao gozo, as coisas serão medidas pela capacidade de criar esse tipo experiência. Nesse sentido, o que há de incestuoso no autoerotismo não é o desejo de transar com a mãe, mas de tornar-se uma mãe elementar. “Cuidado de tudo”, para todos os lados, pois cuidar está impregnado de gozo – produção que se torna imanente ao consumo. Esse incestuoso gozo em se cuidar que os gatos têm faz valer retomar algo da noção de máquina celibatária:

Há um consumo atual da nova máquina, um prazer que podemos qualificar de autoerótico, ou antes, de automático, onde se celebram as núpcias de uma nova aliança, um novo nascimento, num êxtase deslumbrante, como se o erotismo maquinal libertasse outras potências ilimitadas.<sup>62</sup>

Deleuze e Guattari são radicais ao colocarem o autoerótico dentro do campo do automático. Nesse sentido, até a noção de automatismo é liberada de ser reduzida a um ato de ordenação filogenética. Aquilo que é automático não implica necessariamente imposto pelo molde de um organismo biológico. Pelo contrário, um gesto automático está mais implicado naquilo de primordial, originário, que ainda não foi subtraído pelas formações narcísicas (incluo como uma dessas formações a projeção dos cientistas do que deve ser visto como corpo biológico). Nesse contexto, afirmar o automático é colocar em xeque o livre arbítrio atribuído ao presente do tempo linear. O erotismo automático envolve uma capacidade de expressão ilimitada das potências da vida.

Então o homem recuou e fugiu. / E então os animais o devoraram. / Não foi uma violação, ele prestou-se ao obsceno repasto. / Ele gostou disso / e também aprendeu / a agir como animal / e a comer seu rato / delicadamente.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Deleuze, G.; Guattari, F. *O anti-Édipo – capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010, p. 33.

<sup>63</sup> Artaud, A. Para acabar com o juízo de Deus. In: Willer, C. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983, p. 153.

Ao menos três de meus analisandos homens compartilham uma angústia. Em determinado momento, suas masculinidades encontraram-se em algum tipo de crise. Mas uma crise na qual, uma hora ou outra, perceberam-se melancólicos, como que hesitantes em dar um passo que supunham impossível. Relatam que suas relações com as mulheres tendiam a decair. Essa crise estourou, em todos os casos, depois de um momento no qual as agrediram – mesmo que verbalmente ou numa série de manipulações afetivas, não necessariamente chegando a uma agressão física –, mas só perceberam tal agressão dias ou até meses depois de acontecidas. Ao perceberem, passaram a se sentir extremamente humilhados por suas próprias ações, tendo como consequência sentirem-se deprimidos, e, por fim, passaram a evitar os contextos sociais que antes partilhavam com a parceira. Além do que, nesses casos, tal percepção ocorreu somente como consequência de uma série de outros acontecimentos trágicos, como, por exemplo, bem comum hoje em dia, serem “expostos” nas redes sociais.

Um padrão se repete na vida de todos eles: conhecem uma garota, fazem de tudo para se aproximar dela. Quando conseguem, gradualmente perdem o interesse. Essa perda de interesse não é percebida *enquanto* ela ocorre. Pelo contrário, para racionalizar o que está acontecendo, projetam a causa, de diversas maneiras, na própria mulher, como se ela estivesse fazendo algo errado. Esse padrão se repete diversas vezes em suas vidas. É marcante a semelhança desses casos nesta questão.

Algo que, em análise, todos eventualmente concluíram foi que “esperava-se demais daquela mulher”. A princípio, tiraram essa conclusão como se elas fossem menores, indignas do amor por eles investido. Mas não demorou muito para o ressentimento sair e dar espaço a um outro ponto de vista para a mesma conclusão – *cobravam* demais daquelas mulheres, projetavam algo nelas. Procuravam uma potência que, em um corpo que se marca como homem heterossexual, é culturalmente incitado a ser procurada nas mulheres. Mas essa seria a projeção daquilo que justamente lhes foi castrado, subtraído – sua “automaternidade”. Autoamamentar-se, ser sua própria mãe, é restituir erotismo ao autocuidado. É reestabelecer uma relação erótica consigo mesmo que não se reduz à da masturbação genital.

A crise passou então a se manifestar na insatisfação que tinham com o modelo de masculinidade imposto a seus corpos. Outro detalhe é que esses três analisandos homens se assumem desde o início como politicamente de esquerda, além de se manifestarem de acordo com todas as demandas do feminismo. Mas o momento que relatam, no qual uma angústia de perda realmente toma seus corpos, acontece quando se

aproximam de “ter” que desfazer a imagem que possuem em relação ao corpo das “suas” mulheres. Coloco “ter” e “suas” entre aspas pois, investigando mais a fundo, percebemos, juntos, que eles mesmos desejavam que essas imagens fossem destruídas. Pois não há como ordenar o que deve ser o corpo feminino sem simultaneamente fazer o mesmo com o corpo masculino. O retomar seu autocuidado como um autoerotismo permite a esses homens recuperarem sua “costela de Adão”, para não mais ter que cobiçar, nem vampirizar a das mulheres (e dos negros, dos índios etc.).

Abdicando da projeção ressentida, passaram a cobrar cada vez menos coisas de suas parceiras. Somado a essa conquista, eles têm conseguido, cada vez mais, garantir uma nova corporeidade para si mesmos. Pois o novo modo de cuidar de si rapidamente substitui a individuação narcísica por uma unidade ética.

Por exemplo, um marco importante para Maurício foi o momento que percebeu o modo como sua amiga varria as folhas do quintal do terreiro do qual faz parte: *“tinha uma coisa meio plena, como se não precisasse acabar com pressa. Parecia gostoso varrer, não estava como eu, que estava lavando as louças com pressa para acabar, como se cada segundo desperdiçado na louça fosse um tempo a menos de vida”*. Essa sua percepção serviu para mapear algo que o ajudou muito a logo constituir para ele seu próprio prazer nas tarefas mais pequenas e rotineiras. Também tinha muita dificuldade em manter compromissos profissionais, o que logo percebemos estar diretamente relacionado à falta daquele prazer que percebera no varrer da amiga. Isso o ajudou a compor em seu campo de afetos o gosto pelas atividades cotidianas.

Quando Artaud afirma “Sou meu filho, meu pai, minha mãe, e eu mesmo”,<sup>64</sup> está conjurando uma dupla profanação. Ao mesmo tempo que profana o Homem como organização ordenada – ou seja, busca retornar à integridade animal de um corpo livre do julgamento de Deus –, profana também o tempo fálico. Pois para pensarmos *obedecer-se, desenvolver-se, gerar-se e ser* como um só gesto, é preciso ignorar as leis impostas por tal lógica temporal. Desse modo, o que Artaud conclama é um outro tipo de nascimento. Cuidar-se é um segundo nascimento, muito mais real que o primeiro.

\*

---

<sup>64</sup> Corrêa, R; Albuquerque, I. de. *Artaud!: colagem de Rubens Corrêa e Ivan de Albuquerque*. Maceió: Fundação Casa do Penedo; Sergasa, 1994, p. 9.

*Modos de nascer.* Camila,<sup>65</sup> através do toque do rapaz em sua mão, *se tocou*. Não foi o rapaz quem a tocou. Ela se toca ao permitir a tal encontro se insurgir contra toda e qualquer sanidade emanada de seu repertório consciente. Abominou as alunas por paquerarem um funcionário, ao mesmo tempo que arranjou para si um encontro amoroso com outro. O toque do funcionário em sua mão, mistura de gozo e cuidado (carinho), liberou seu corpo. Após esse acontecimento – que até hoje relembramos como um marco importante –, deu-se início a uma aberrante e consistente liberação moral. Como havia dito no capítulo anterior, até mesmo seu rosto mudou de fisionomia radicalmente após aquela série de autoafetos, como se o corpo estivesse abandonando certo modo de ordenação.

Vale deixar explícito que, neste capítulo, tenho tratado de um corpo abstrato, que não necessariamente coincide com aquilo que nos habituamos culturalmente (muito menos biologicamente) a determinar como corpo. Mas o caso (e literalmente houve um caso, pois recordo agora que o rapaz era casado) de Camila sugere que até mesmo aquilo que entendemos como corpo humano, nosso corpo, pode ser um ponto de partida importante para acessarmos e entendermos um processo, ou um corpo cuja carne é a massa do tempo. Pois na subjetividade dominante, o corpo é um paradoxo, posto que é, simultaneamente (ou seja, *ao mesmo tempo*), sujeito e objeto – o temos e o somos.<sup>66</sup>

O corpo é esse entrecruzamento do visível e do invisível, do dentro e do fora, do que se toca e do que é tocado. Ele não é uma coisa, nem uma ideia, mas o que faz existir uma coisa e uma ideia para nós.<sup>67</sup>

Nesse sentido, é através de nosso corpo que há grande possibilidade de experienciarmos superar o dualismo sujeito/objeto – pois nosso corpo é aquilo que, mais próximo de nós, se acaba sendo ambos. A mão de Camila serviu como ninho de novos afetos. A mão do rapaz germinou esse cesto, não por ser masculina, mas por ter sido real, poderia ter sido um garfo enfiado pela garçonete. Duas semanas depois, quando perguntei, fundamentado numa “perversão artaudiana”, se o filho que gostaria de ter não poderia ser ela mesma, esse filho abstrato começou a nascer.

Interessante como o verbo nascer é comumente conjugado: transitivo indireto e/ou intransitivo, atividade meramente passiva – tão formal. Mesmo quando articulado

---

<sup>65</sup> Camila é a mesma analisanda do capítulo *Um corpo em processo*, p. 59.

<sup>66</sup> Kuniichi, U. *A gênese de um corpo desconhecido*, op. cit., p. 53.

<sup>67</sup> *Ibidem*, 53-54.

de modo processual, ainda costuma seguir uma linha monotonamente progressiva, como é nos romances de formação. Nos *Anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, a espiritualidade do personagem é reduzida a uma progressão quando colocada em termos de ser desenvolvida sob uma lógica de maturidade. Mesmo se tratando de um autodesenvolvimento da personagem no decorrer de sua vida, os critérios ainda são lineares, protagonizando, fundamentado no humanismo, uma espécie de eu ideal a ser conquistado no decorrer da série de encontros chamados vida. O personagem progride em sua humanidade, evoluindo numa vida serial e retilínea. A passividade ainda se dá àquilo que é imposto de modo externo, as expectativas da época, como ideal. No caso de Goethe e do Romantismo, o ideal coincide com a imagem moderna de homem.

Mas podemos perverter um pouco a linguagem ao deslocarmos o nascimento do regime do tempo linear – seja ele um nascer instantâneo (inato) ou de formação (progressivo). Podemos, então, concebê-lo como uma ação perpetuamente em processo. Um nascer que não o inato<sup>68</sup> é um nascer deslocado da linha do tempo – um nascer *real*. Nascer é o eterno retorno a deixar um agenciamento qualquer retomar, do agente, as rédeas da ação. E digo “qualquer” sem pestanejar, pois, de tudo o que é agenciamento, se não tiver a ver com *agentes*, é vida.

Aliás, ao libertarmos o tempo dos domínios do falo (flecha do tempo), todas as palavras, seja nascimento, retorno, origem, fruto, vida, morte, mosquito, homem, mulher, suicídio... se deslocam. – Ou seria a partir do deslocamento das palavras que libertamos o tempo? Qual vem primeiro? O ovo ou as palavras? De qualquer modo, a partir de uma palavra trocada por acidente, de uma articulação verbal infame, a linguagem, em seu todo, treme nas pernas.

O autocuidado erótico levanta um outro grau de expressividade. Obviamente, não se trata de querer a destruição absoluta da linguagem, reduzi-la ao vazio. Mas ainda implica ser um tanto sádico com ela – nela fazer cortes e rir de suas chagas. Por exemplo, o analista é algo de sádico com a linguagem quando intervém, e deveria confiar, ao menos um pouco, nessa crueldade singular. Pois é um sadismo relativo, projetado somente em direção ao formalismo que trancafia uma vida. Apontar um lapso (por exemplo, um ato falho) ao analisando é sádico para com a linguagem no sentido de

---

<sup>68</sup> É instigante como Kuniichi põe em relevo o menosprezo de Artaud para com o nascimento inato. Artaud propõe que o homem precisaria escapar de seu inatismo. Kuniichi relaciona-o com Hijikata, “que pesquisa sobre o segundo nascimento do corpo que excluiu os órgãos”. Tal nascimento seria “a recusa da improvisação, a recusa do fato de nascer e de ser criado. A recusa de nascer do inatismo, com tudo que é inato”. (Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*, op. cit., p. 59). Seria preciso então retirar o nascimento da noção de fundação.

que há gozo em presenciá-la se contorcendo. Onde a linguagem se contorce, pode saber que o analisando aumenta seu grau de potência, de gozo e de liberdade. Sobre a escrita de Hijikata, Kuniichi coloca: “queria torturar as palavras e explorar o sentido e as frases deformadas a fim de abrir os sentidos e o corpo”.<sup>69</sup> Pois é nesse momento que ela pode se misturar aos interesses da vida – o gozo nada mais é que a realização<sup>70</sup> dessa mistura. Kuniichi comenta o modo como Artaud e Beckett “abandonaram” a língua. Eles descobriram certos usos singulares da língua no estado limite dos sentidos, comunicação, expressão, articulação, sintaxe.<sup>71</sup> Se aqui brinquei com o sadismo, não foi no sentido de pensar um domínio absoluto da linguagem, mas um sadismo leve, de gatos que arranham para depois lambar: abrir buracos na pele da linguagem para que os pensamentos sejam contagiados pelo vírus vida, tornando-a “uma língua na qual as coisas mudas falam”.<sup>72</sup>

\*

*Modos de subtrair.* Seguimos com aquela proposta de como pensar o desenvolvimento do *eu* perante o autoerotismo. Se considerarmos que, “para que se forme o narcisismo”, há uma operação de subtração de algo ao invés de acréscimo, podemos especular o que acontece quando, então, a *consciência* é tomada como o modelo a ser seguido pelos processos.

A consciência é comumente concebida como a superfície dos pensamentos. Como o corpo de um sujeito consciente tem a capacidade de autoerotismo subtraída – ou seja, impedida de ser exercida –, seus pensamentos acabam por não conseguir tocar aquilo que se encontra por baixo de sua pele narrativa. Consequentemente, um processo passa a se manifestar somente de modo instrumental, como mero procedimento (lembrando que é no presente linear que se situa o mundo do funcionalismo, da finalidade, da instrumentalização). Sob o molde da consciência, um processo se reduz a um procedimento efetivo e rigoroso contra quaisquer grãos de passado que não participem de sua fundação, revestindo-se somente com um clichê de imagens, de interpretações bem seletivas do passado.

---

<sup>69</sup> Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*, op. cit., p. 32.

<sup>70</sup> Assim como o verbo é usado em inglês, *to realize*, proponho pensar essa “realização” no sentido de “perceber” e “ter parte em” como sendo um mesmo lado de uma “moeda de moebius”.

<sup>71</sup> Kuniichi, U. *A gênese de um corpo desconhecido*, op. cit., p. 64.

<sup>72</sup> *Ibidem*.

Em contrapartida, o desejo é a força gravitacional que puxa esse corpo em direção à lagoa escura de passado descontraído, dissolvendo as imagens impostas à sua frente. Desse modo, ao sujeito consciente, torna-se mais simplificada a compulsão para emergir e manter-se na superfície quando dele é subtraída a força desejante que faz pesar em direção ao escuro tempo profundo.

Pensamos agora tal corpo, moldado pela consciência, sem a gravidade desejante puxando-o para as profundezas do tempo puro. Esse corpo acaba por facilmente contentar-se em boiar na superfície. Seu movimento se revela, então, como uma barca que navega eterna e incessantemente pela superfície, jamais encontrando aquilo a que o desejo está impedido de se ligar. Encontra-se castrada a possibilidade de reimersão<sup>73</sup> na escuridão do passado puro. Os sentimentos de angústia, superficialidade, perda de sentido, relativismo existencial – tanto de sujeitos individuais quanto de sujeitos coletivos – apontam o niilismo que se torna a vida resultante desse infundável navegar pela superfície.

Os movimentos de horizonte (de superfície) de um corpo no tempo linear seriam então de duas séries. A primeiro, a de manutenção do recalque, ou seja, uma série de formações conscientes que incessantemente o esvaziam para que possa boiar na superfície. Para isso, subtrai-se o máximo de sua atração pela profundidade. A segunda, a das movimentações niilistas e objetivadas pela margem superficial da consciência.

Retomo que a radicalidade de um corpo abstrato se dá justamente pela mudança de relação com o tempo. *Um processo é corpo cuja carne é o tempo*. Tempo massivo, que puxa, atrai, que não se coloca em oposição ao passado e ao futuro. Ao contrário, um tempo convida o outro a uma mistura rizomática. Orgia temporal, tempo “como um fermento disforme, assimétrico”.<sup>74</sup> Sob tais termos, fica impossível falar de movimento do modo clássico. Pois se pensarmos o modo clássico de conceber o movimento, ele implica nada mais que o deslocamento de um corpo numa linha espaço-temporal que trata o tempo de modo homogêneo, ou seja, como possuindo a mesma natureza extensiva que as dimensões espaciais. O tempo acaba reduzido a uma sequência de presentes instantâneos e cristalizados.

---

<sup>73</sup> A partir de agora, tratarei tal massa de tempo como se estivesse num constante estado líquido, uma lagoa de água gelada e escura, de fundo indeterminado, possivelmente sem fim. Partilho da inspiração nas águas que tiveram os pintores impressionistas, pois ela é uma plataforma experimental proveitosa para quem se interessa pela possibilidade de pensar, compor e criar sem se preocupar com formas.

<sup>74</sup> Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*, op. cit., p. 55.

Porém, na ausência de uma consciência que interpreta o tempo como uma série de presentes instantâneos, seria necessário pensar um movimento correlativo a um tempo heterogêneo e intensivo. Se o tempo não é mais homogeneizado, sendo tomado pela mesma lógica das dimensões espaciais, não podemos mais pensar no deslocamento temporal dentro de uma linha enfileirada de presentes.

Uma análise, por exemplo, avança quando poupamos o analisando da exigência de objetivos – sejam vindos dele ou mesmo do analista. O futuro linear instaura um objeto, submetendo um corpo ao movimento compulsivo e incessante para alcançá-lo. Psicologias diretivas tendem a valorizar, e até mesmo instaurar objetos, exercitando o comportamento dos sujeitos como numa pista de canoagem, com remadas nervosas, aquelas de um corpo vazio que boia na superfície, a salvo do real.

Contudo, sem linearidade, as pontas de presente despontam para todos os lados, permitindo pensarmos apenas a partir de um “parente distante” do movimento, ao qual a consciência está habituada: o movimento intensivo, ou a *diferença*. As coisas não mais se deslocam de modo horizontal, como fariam na superfície espaço-tempo. Sem linearidade, as coisas diferem, submersas no passado tramado como um tecido muscular, como um tapete de crochê todo dobrado e justaposto a outros tapetes, de diferentes tecidos, todos dobrados e justapostos entre si, sendo socados por uma máquina de lavar. O movimento extensivo implica deslocar-se no espaço; em contrapartida, um movimento intensivo, verticalizado, visa a diferença, ou seja, implica misturar-se em alteridade.

Para libertar-se da linha do tempo, um processo precisa primeiro abandonar sua compulsão niilista em deslocar-se horizontalmente no espaço. Nesse sentido, podemos pensar um outro nível de subtração: quando se abre mão do movimento extensivo como fundamento das ações. Ao invés de comportamentos ativos, como remadas, restaria apenas uma atitude passiva de imersão no líquido obscuro do tempo. Navegar não é mais preciso; viver revela-se precioso demais para ser desperdiçado em clichês niilistas de colonização do outro – seja o homem clássico ou moderno, seja Ulisses, Colombo ou Estados Unidos.

Lapoujade comenta como “reduzir é liberar um plano de experiência pura”,<sup>75</sup> ou seja, subtrair o sujeito é voltar a experimentar sem sua mediação; “pura de toda essência e de toda consciência”.<sup>76</sup> Em condições de um plano de experiência elementar,

---

<sup>75</sup> Lapoujade, D. Como ver. In: *As existências mínimas*, op. cit., p. 49.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 50.

um corpo efetua uma máxima libertação do movimento de superfície. Pode então captar algo que só poderia existir e povoar em outros domínios. A experiência, liberada do movimento de superfície, se abre à profundidade do tempo, negando o vazio em direção à sua carne viva. Sobre esse plano de experiência que sobra quando as interioridades são retiradas, Lapoujade diz que

[...] sua maneira de serem ‘puros’ é, paradoxalmente, estarem abertos para a maior heterogeneidade possível, profundamente ‘impuros’ nesse sentido, capazes de todas as metamorfoses, de viajar por várias perspectivas e circular através delas.<sup>77</sup>

Isso se manifesta em algo que artistas do corpo como Artaud, Beckett e Hijikata experimentam (e fazem experimentar), cada um a partir de seu modo de redução da experiência, seja na dança ou no teatro. “Os dançarinos sabem melhor que os outros por que o corpo é sem órgãos, indivisível, inoperante, imperceptível”.<sup>78</sup> Constituir esse corpo inoperante é, ao mesmo tempo, dar liberdade a um processo.

Libertar-se do movimento espacial, de superfície, permite a um processo ocupar-se de metamorfoses. A *diferença* só pode ser acessada de modo consistente, relativamente puro, quando livre da cultura do tempo linear. Nesse sentido, um processo de análise procura colocar os corpos sob uma redução experimental. Aqui, a radicalidade em não negociar com o *eu* – “não negociamos com terroristas”, como se diz no cinema tragédia –, pode se apresentar, talvez, com menor choque. A análise não serve como reprodução miniatura das relações sociais, sendo estas justamente os dispositivos que objetificam o corpo e a vida.<sup>79</sup> O *setting* não é palco que imita o mundo. Antes, o que importa é assegurar condições suficientes para que seja possível tal redução no campo da experiência.

O corpo é esse lugar único existencial (e até mesmo político) sobre o qual se sobrecarregam, se recolhem e se curvam todas as determinações da vida. É um campo de batalha onde se entrecruzam as forças visíveis, invisíveis, a vida e a morte, onde se encadeiam as redes, os poderes e todas as ‘bagagens’ sociais.<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> Lapoujade, D. Como ver. In: *As existências mínimas*, op. cit., p. 52.

<sup>78</sup> Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*, op. cit., p. 39.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>80</sup> Kuniichi, U. *A gênese de um corpo desconhecido*, op. cit., p. 61.

Nesses termos, se o passado de um analisando é evocado, seja por ele próprio ou por uma indagação do analista, isso não acontece no anseio por aquilo que seria o fundamento de sua subjetividade, “o sentido de sua vida” – tal lógica ainda é demasiado superficial. Também não diz respeito a descobrir a natureza de sintomas (por que um sintoma é sintoma). O passado não deve servir à lógica da causalidade, muito menos à da objetividade – isso vale tanto no nível da análise em geral quanto para um sintoma em particular. Até mesmo porque um sintoma não possui objetivo. A princípio, seria atraente a ideia de que um sintoma é uma “cura momentânea do corpo relativa a um represamento libidinal”. Mas prefiro abandonar tal lógica adaptacionista e tomá-lo como um urro inflamado, mesmo (e talvez principalmente) quando é um ato sublimatório que é fonte de um pilar essencial do território discursivo do sujeito analisado – como no caso de Paulo, quando fala contra o dinheiro.<sup>81</sup>

Tomo-o como urro pois há um lado dos sintomas que se assemelha aos gritos radiofônicos de Artaud, sendo indeterminado e sem função. Esse lado não pode ser interpretado como uma adaptação do corpo, e sim como um jato de insurgência de passado puro (que nunca foi presente). O sintoma deve ser tratado como a margem de um lago de águas escuras – jamais interpretado – onde, para revelar seu interior noturno de profundidade duvidosa, o analista segura gentilmente o analisando pelos cabelos convidando-o a descer com uma escada para sua escuridão interna.<sup>82</sup> Mergulhar aqui não implica esclarecer ou dar forma – é um desbatizado. Também não se trata de fortalecer ou invulnerar o sujeito. Nem João Batista nem Tétis.

A partir desse procedimento subaquático, que deve ser suave, territorializado em várias sessões, um analista instaura algo que é mais próximo de uma dança de *butô*. Uma escada é delicadamente introduzida por vias orais em direção ao abismo sem fundo da interioridade.

Devemos mirar as baleias. O analisando fala, e o analista não se atém exatamente ao conteúdo formal do que é dito, muito menos a uma lógica linear. Mas é a partir dessa fala que se insere a tal escada, como um movimento invertido-espelhado dos salmões que sobem correntezas para procriar. Eventualmente, o conteúdo latente desse sem fundo passa a mostrar sinais peculiares de vida, signos que a narrativa linear não tem poder de captar. Ao invés de movimento, essa escuridão apresenta apenas grãos de imagens, nunca um cenário familiar, demasiado complexo. Pelo contrário, um

---

<sup>81</sup> Ver p. 19 sobre o caso do analisando Paulo, no capítulo *Um processo como aquilo que decide*.

<sup>82</sup> Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*, op. cit., p. 39.

passado estranho, que não se atém a fatos. O analisando passa a falar num tom que parece muitas vezes soar inseguro. Inseguro, mas, justamente por isso, confiável. Essa fala parece vacilar porque não diz mais respeito a problemas objetivos. Fala que aposta cada vez menos em decisões claras, ações a serem postas em pauta – afinal, esse gesto implica “uma potência liberada do ato”.<sup>83</sup> É interessante uma pergunta retórica que todo analisando eventualmente faz, imediatamente contentando-se com o silêncio do analista: “*mas o que eu faço com isso?*”. Contenta-se quase de imediato. Pois é uma insegurança cuja sustentação se torna prazerosa, como se fosse uma parente bem distante – suave e sem espera – da melancolia. “A fragilidade é uma fada da precisão”.<sup>84</sup>

A verdade passa a não se render mais a fatos, explicações e nem interpretações. A virilidade dos fatos dá espaço à fragilidade dos acontecimentos. Ainda há rigor de uma verdade, mas ela não se apresenta invulnerabilizada por um cercado duro e represante de causalidade.

Vale ressaltar, porém, que é preciso a maior e mais respeitosa prudência nesse processo, pois é impossível viver o branco do absoluto. Imergir de maneira tresloucada é equivalente a perder-se no sem-fundo da escuridão interna do corpo. Na física óptica, entende-se que as cores derivam por subtração de porções de ondas da luz branca, por refração – o verde é visto na ausência do vermelho e do azul, o amarelo se dá pela ausência do vermelho. A lógica da refração nos faz pensar que subtrair é necessário, pois é preciso constantemente trair o desejo de misturar-se completamente ao caos. Mas os modos de subtrair do caos podem ser singulares, o que impede de reduzirmos a vida àquilo que se move, sem questionar a qualidade e natureza desses movimentos. Por sermos francamente ambiciosos em relação à vida, nós a colocamos no campo da diferença, sendo então seu movimento um devir.

---

<sup>83</sup> Lapoujade, D. O corpo que não aguenta mais. In: Lins, D; Gadelha, S. (org.). *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002, p. 83.

<sup>84</sup> Kuniichi, U. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*, op. cit., p. 34.

## Transferência e processualidade

O seguimento de um processo pode ser tomado de diversas maneiras. Em nossa cultura, é comum um processo ser submetido ao regime temporal linear – isso acontece sempre que o tempo é projetado no espaço, numa espécie de fusão reducionista entre duas multiplicidades diferentes, a temporal e a espacial.<sup>85</sup> É quando as existências processuais são reduzidas ao desempenho, de acordo com um respectivo procedimento, sendo assim atribuído a elas uma função a partir de um ponto de vista externo.

Na ciência, por exemplo, um experimento normalmente é organizado em torno de um procedimento – aquilo que define o circuito que um processo deverá percorrer durante um determinado intervalo de tempo. Num procedimento qualquer, pode-se repetir ou alternar uma série de blocos de proposições ou estímulos dirigidos a um sujeito ou objeto (análises de caso único) para comparar duas ou mais partes de um mesmo processo; ou submeter um grande número de diferentes sujeitos ou objetos ao mesmo procedimento (análises entre casos), comparando a variedade de processos percorridos.

Em ambos os casos, o processo é reduzido ao desempenho do sujeito ou à modificação causada no objeto durante o percurso do procedimento. As variáveis independentes são as características objetivas do procedimento, enquanto que as variáveis dependentes são as características objetivas do desempenho do sujeito ou modificações do objeto durante a execução do procedimento. As variáveis dependentes de uma pesquisa não passam das medidas extraídas de um processo cujas *determinações* são externas a ele. Nesse sentido, o processo serve apenas como instrumento dialético perante a *hipótese* por trás de tal procedimento. Juntos, processo e procedimento, objetivam suprir, com uma verdade-síntese, a dúvida levantada por tal hipótese. A hipótese é um tipo de cristal especulativo da ciência, decorrente da condensação de uma vontade de pergunta que salta de natureza, tornando-se vontade de resposta.

Retomando a questão do tempo, o procedimento é organizado de modo a seguir uma linha da qual o sujeito não é mais o processo em si. O sujeito agora é a hipótese a ser convalidada (uma vontade de resposta a ser saciada). Aqui, o passado se reduz a um fundamento, ou seja, “por que” e “como” investir recursos nesse ato de responder; o presente – o procedimento em si – torna-se um tipo de tribunal ou fábrica que pretende

---

<sup>85</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 75.

predefinir o formato que irá tomar tal resposta; e o futuro, *objetivo*, condiz com o veredito ou nova característica que o mundo receberá ao ter sido somada a ele uma nova verdade (esta sendo objeto do sujeito-*hipótese*).

Ironicamente, num experimento, o “sujeito experimental” é tirado da posição de sujeito, sendo qualquer experiência sua ignorada, tornando-se mero instrumento de medida. A *hipótese* se torna o sujeito de fato; a verdade, o objeto; a tese – ideal de *eu*. Os processos, por sua vez, são reduzidos, relativizados e subordinados como linhas de desempenho em determinado procedimento – são tratados como representações, fragmentos que vão sendo acumulados para, gradualmente, formarem a imagem de uma *verdade*. Tal verdade seria o *objeto de desejo* do “sujeito-hipótese”, aquilo que a ele *falta*. Tal objeto é prometido pelo “ideal-tese”, mas somente com a condição de que seja instaurado e seguido o procedimento mais adequado ao método. Aquilo que antes era sujeito ou objeto foi reduzido a uma mera representação parcial de um sujeito superior que o transcende. A ciência empírica é platônica.<sup>86</sup>

Evoco esse pequeno exemplo, aparentemente distante do *setting* terapêutico, para introduzir um aspecto relativo a certos fenômenos processuais. O processo, quando instrumentalizado, perde sua condição de sujeito, porém, de modo forçado, violento. Com ele, também é perdida a relevância de suas experiências. Redução forçada externamente. O reducionismo é um abuso em termos processuais, pois “dessubjetiva” o sujeito ou “desobjetifica” o objeto de modo forçado, sistemático. Esse tipo de dessubjetivação não pode ser considerado uma *processualidade*, pois não acontece a partir de um movimento que parte “de dentro” do sujeito analisado. Não é um ato livre de desapego do regime-sujeito, mas, pelo contrário, efeito de uma ação/interpretação de um sujeito *externo* que retira a capacidade de agir/ser. Do sujeito, é castrada sua processualidade, bloqueada a possibilidade de um devir, de tornar-se algo *além-do-sujeito*; e do objeto é tirado o poder de descolar-se das narrativas que o selam em sua forma.

A partir desse exemplo das ciências de laboratório, podemos deduzir um modo semelhante de lidar com sujeitos e processos em todos os terrenos da cultura, como o chão de fábrica, os bancos de uma igreja, os de uma escola, as vitrines de um shopping, a poltrona diante de uma tevê, de um computador, um celular. Podemos pensar se o fenômeno contemporâneo das redes sociais, ao invés de um narcisismo “clássico” de

---

<sup>86</sup> Deleuze trata de um empirismo transcendental, em oposição a tudo que compõe o mundo do sujeito e do objeto. Cf. Imanência: uma vida... *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 10-18, 2002.

exacerbado investimento da autoimagem, não se trataria mais de uma brutal dissolução dessa imagem representativa de si perante a enorme descarga simbólica emanada via web. Com tantos *feeds*, fica cada vez mais difícil *lembrar* o que se *é*, o que se *foi* e o que se *quer*. Vale ressaltar, como já foi comentado anteriormente, que a relação básica sujeito-objeto já surge de uma subtração forçada – o imperativo das coisas do presente, assim como a compensação cultural a tais imperativos resultam na estruturação do sujeito humano.<sup>87</sup> Mas isso só serve para reafirmar o fato de que não será uma dessubjetivação *também forçada* que fará uma existência saltar para outros modos.

O que, então, resta ao analista? O que impulsiona um analista a analisar? Seu trabalho não pode se reduzir a uma vontade de verdade, comportando-se diante daquilo que está à sua frente, o analisando, como se não fosse nada além de um imperativo do presente destinado a ser “processado” e homogeneizado. Como se o analisando fosse apenas mais um sujeito ou objeto a ser dissolvido através dessa projeção instrumentalizada, tendo, desse modo, o efeito de reproduzir e “retrojetar” no analista uma sujeição especulativa da vontade de verdade positivista. O analisando não pode ser reduzido a um experimento, justamente por ser a própria análise um campo de experimentação. Isso porque processo diz respeito a diferenças não quantificáveis, até mesmo não qualificáveis.<sup>88</sup>

No capítulo anterior, coloquei que afirmar questões de sujeito não condiz com o papel do analista, mas, sim, a escuta e o investimento em subjetivações processuais. Agora problematizo: como percorrer tal caminho sem cair na mera pretensão quase-científica de dessubjetivar de *fora* o analisando? Talvez seja óbvio que não cabe ao analista o papel de retirar o assujeitamento de ninguém. Mas é constante o risco de fazer do campo analítico (e de qualquer outro campo) um *sujeito* parecido com a hipótese científica, que só quer acompanhar processos pelos seus valores instrumentais relativizados, ou seja, *morais*. Um *campo* analítico precisa sustentar seu *acampar* cigano, não se submetendo ao sedentarismo de uma “análise-Estado”. Pois, no final, toda análise clínica é também uma clínica de si do próprio analista, que, para poder “fazer seu trabalho”, precisa garantir que a processualidade seja *antes* uma realidade nele próprio. Uma vida, para poder tocar o ponto de vista de outra vida, precisa, antes, ter tocado o seu.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 101.

<sup>88</sup> Cf. *Ibidem*, p. 31.

<sup>89</sup> Cf. *Ibidem*, p. 41.

Processo é aquilo que mora no tempo, que o vivencia num ritmo pulsional. Para ele, o tempo puro não produz os mesmos efeitos que para o sujeito (para o qual o tempo é reduzido a uma representação espacial). As temporalidades – presente, passado e futuro – não obedecem a uma ordem linear. Comportam-se de modo livre e compossível, a partir de ordens singulares e abstratas. O passado, livre de raízes (fundamentos), revela-se vivo e múltiplo – podendo haver passados que nunca foram presente, mas que se manifestam virtualmente (como presença indeterminada), até o momento em que batem “de frente”, atualizando-se como súbito imperativo. O tempo pode eventualmente ter suspensa a projeção do futuro, abonando o regime da espera, liberando o futuro de estar apartado, à distância, e trazê-lo para si como sentimento de eternidade material (*éternidade* experienciável, nada etérea). Ao presente, livre da instrumentalidade, abrem-se novos imperativos – entidades e fenômenos, que antes passavam despercebidos, tornam-se até mesmo mais vitais que a própria manutenção do ser. O futuro passa a ser vivido como um presente que não passa<sup>90</sup> – abertura do eterno retorno ao *real* nascimento.

Viver processualmente é viver apertando a carne do futuro, manipulando-a, fazendo dela minha barriga. Apertar essa carne – que é o mesmo que trabalhar, criar – gera um tipo de emoção única, mistura paradoxal entre movimento e plenitude, como se tudo fosse dançável (inclusive a imobilidade, assim como o silêncio é parte fundamental da música). É um todo (o que gera o cobiçado sentimento de plenitude) do qual o movimento é peça elementar, o que abre esse todo numa continuidade. Grande paradoxo é esse todo aberto, a vida – completa na sua continuidade; que dura através da diferença. Pode ser sentida como uma exclamação reticente, ou uma pergunta que só admite mais perguntas como resposta... ou até mesmo uma resposta que só admite mais respostas como perguntas.<sup>91</sup>

Resposta que deseja mais resposta, ou pergunta que acolhe mais pergunta. Há um tipo especial de analogia que não se interessa por correspondências dialéticas, não se detém naquilo que se tem de semelhante, mas no que se experimenta em comum – “trata-se de uma comunidade interior e não mais uma semelhança exterior”.<sup>92</sup> Quando falo de interior, não se trata da essência de meu ser, mas aquilo que procurava dentro de minha escuridão interna – num movimento de autoerotismo (movimento que não pode

---

<sup>90</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 21.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 74.

se confundir com mero investimento narcísico) –, e que se revela como pura alteridade. Devir molecular – involuir a ponto de perceber o imperceptível<sup>93</sup> dentro de mim. No fundo do homem não existe nada de humano.<sup>94</sup> A intuição bergsoniana traz lembranças do autoerotismo da criança.

“Algo” finalmente consegue retornar para si e se descobre puro desejo de outrem. Enfim toco o *fora*, de corpo e alma. Fora que, primeiro de tudo, percebo existir internamente – sou feito de outrem, uma *natureza* que eu ignorava antes de voltar-me a ela intuitivamente. Meu fora interno é tocado, que é o mesmo que ter a memória do futuro muito bem amarrada ao passado imemorial, costurados com pontos firmes, linhas grossas do presente, carnes cotransplantadas que sangram, bagunçadas, que infeccionam, numa colagem Frankenstein. Cada processo é uma aberração temporal. Duração bergsoniana, existência que “é essencialmente uma continuação daquilo que já não está mais naquilo que é”.<sup>95</sup>

A análise depende da percepção do analista de uma processualidade interna a si... para que só então haja passagem a uma percepção das processualidades que povoam o “outro”. Processualidade é a potência de engendrar – parir, conceber, adentrar, desviar, misturar, identificar-se a – processos. Para essa potência, dentro e fora, sujeito e objeto, eu e outro, não possuem uma diferença ontológica, pelo contrário, são singularidades que se percebem por sua continuidade, ou *comunidade* em um plano maior e aberto – nos termos dos processos, “*tudo está em tudo*”.<sup>96</sup>

Só através da concepção desse todo aberto e suas processualidades a primazia é autenticamente atribuída à alteridade. A partir dessa via, realmente me importo com aquilo que padece diante de mim. O analista não precisa mais vestir a roupagem transferencial edipiana para que o analisando sintá-se acolhido. Meu amor próprio é amar outrem, e vice-versa. Meu autoerotismo difuso passa a querer tocar o *sentir-se-amando-a-alteridade-em-si-mesmo* do analisando. No final, descubro que meu amar é o mesmo que o dele, amor por viver. Essa emoção-ato se revela então como um *todo* contínuo, a integral da vida em tudo. É assim que os processos amam.

---

<sup>93</sup> Deleuze, G.; Guatarri, F. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012, p. 66.

<sup>94</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 72.

<sup>95</sup> Bergson apud Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 67.

<sup>96</sup> Coccia, E. *A vida das plantas*. Santa Catarina: Cultura e Barbárie, 2018, p. 68.

No artigo *A dinâmica da transferência*, Freud diz que “Aquele cuja necessidade de amor não é completamente satisfeita pela realidade se voltará para toda pessoa nova com [representações de] expectativas libidinais”.<sup>97</sup>

Ao tratar de tal investimento, composto por uma parte consciente e uma parte inconsciente (conteúdo impedido de subir à consciência), Freud propõe a dimensão pragmática da transferência na psicanálise. Essa projeção amorosa que o analisando deposita na figura do analista, em sua roupagem transferencial, é colocada cada vez mais de canto quando o analista está imerso em um tipo diferente de subjetivação, que também diz respeito ao analisando, mas de um modo muito mais intenso e profundo. Já nos primeiros encontros, o analista manifesta-se como ser de enorme apego aos traços e intensidades que driblam o imperativo da forma – uma figura um tanto paradoxal, como se tivesse mais satisfeito em contemplar a mistura em aberto dos grãos fotográficos sem precisar reduzi-los a uma imagem. É nesse “ser” que o analisando se vê sugestionado a depositar toda sua *confiança*.

O analisando encara, então, uma concorrência entre sua expectativa idealizada de amor (o que seria “cuidarem de mim”?) e uma vontade de partilhar um amor processual pela corrente da vida, da qual tudo faz parte. Ao invés de confiar em minha figura, tem a alternativa de confiar na realidade do afeto que, por trás dela, se move processualmente. Dessa maneira, dispenso ser tanto o cientista sádico quanto o pai neurótico.<sup>98</sup> Não preciso provocar ou romantizar uma desterritorialização a partir de uma visão idealizada do que é vida (vontade de verdade); mas também não me contento em acolhê-lo somente no campo das formas e papéis culturais.

Submeto-me ao regime de uma escuta flutuante: um processo de contemplação do qual nada, nem mesmo aquilo que é “só meu”, é descartado. Essa escuta é radicalmente passiva, pois *tudo* pode a qualquer momento ser lembrado, cuidado e investido. Consequentemente – obviamente –, também acaba sendo investido o analisando que ali se encontra, diante de mim. Imanência analista-analisando. A escuta flutuante é ancorada no imperativo do tempo presente da análise, mas o faz em seus

---

<sup>97</sup> *Expectativa* foi traduzido de *erwartungsvorstellungen*, representação do que se espera; sinto que manter o suposto pleonasma enfatiza o trabalho de eco que esse dispositivo possui, podendo também apontar que a transferência é um jogo de representação das representações, imagem, síntese, objeto ou individuação das representações. Talvez o campo simbólico já pudesse ser deduzido a partir desse “eco estratificado” que participa da imaginação projetiva. Cf. Freud, S. *A dinâmica da transferência*. In: *Obras Completas*, vol. 10. São Paulo: Cia das Letras, 2010, p. 135.

<sup>98</sup> Poderia ainda incluir no terreno dessa imagem transferencial o “suposto saber do analista”, que talvez não passe de uma transferência paterna.

termos, que são extrapessoais, ou seja, nunca se sabe exatamente que órgão está ouvindo e para onde aponta.

Desse modo, se não deixo espaço para crença e submissão a um culto-ciência escondendo-me atrás de uma pretensa neutralidade – contratransferência narcísica – e se também não dou condições para que se obedeça a palavras de ordem minhas em tonalidade paternal aveludada – transferência narcísica –, é porque deixo o analisando a olhar, em si, para aquilo que me vê distraído a olhar em mim mesmo – *transferência processual*.

Deixo-o “a ver seus próprios navios”, em contato com *suas próprias escutas*. Ele e a vida – deixo-os a sós. Não é mais um olhar de fora que o faz sentir-se amado, mas, sim, a capacidade de entrar, e deixar entrar, no interior de seu e de outros pontos de vista.<sup>99</sup> Tal transferência é um perspectivismo: são vidas singulares que se regozijam quando apreendem que possuem algo *em comum*, e que esse algo se encontra em plena saúde (capacidade de ser exercida) – a vontade de existir.

E se nossas “âncoras de escuta” (tanto as minhas quanto as do analisando) são içadas no tempo presente da análise, é só porque tal presente diz respeito a um nível especial de imperativo – o da criação. Num processo, o tempo futuro está livre de ser enquadrado numa imagem, o que faz deduzir uma vontade de criação insaciável. A memória que temos desse futuro é a do gozo que sentimos quando criamos. O desejo de criar é o desejo voltado à diferença, é oposto ao regime objetal, no qual o desejo é enfartado\* pelo prazer (a vontade de verdade antes citada encontra-se aqui). É um desejo que não leva a objetos que possam saciá-lo, mas a processos que possam sustentá-lo. O prazer de trabalhar por uma eternidade.

Portanto, numa subjetividade processual, o ato de conhecer coincide com o ato gerador<sup>100</sup> – se antes havia dito que olhar para si é olhar para o fora, agora complemento que criar a si mesmo é criar o mundo, e criar o mundo é criar a si mesmo. Depois de embebido em processualidade, o desejo de virar-se ao mundo muda totalmente de ordem e de natureza. Não mais objetal, passa a circular por aquilo que se encontra refém do regime representativo – outros processos.

Já o apego ao *ser* é o desejo por aquilo que se percebe já pronto, sem espaço para invenção. Investimento na manutenção de um ideal. Esse empenho, embora possa

---

<sup>99</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 118.

\* sinônimo de fartado, empanturrado, saciado.

<sup>100</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 40.

muitas vezes confundir-se com criar, não ultrapassa a vontade de conservar uma paisagem. Sua obra é projetada no horizonte distante. Seu motivo confunde-se com o passado do sujeito, num tom nostálgico/saudosista e/ou ressentido/melancólico. Como objeto, coloca-se um futuro tão distante a ponto de o sujeito não mais conseguir identificar seu papel em sua concepção – acaba alienando-se de sua autoria, sequer consegue *lembrar* que é ele mesmo quem o concebeu. Orientar-se por tal horizonte gera a vertigem da *falta*, pois o corpo é negado em favor de sua imagem projetada. O *eu* ideal é vazio – *sou o que falta para chegar lá*. No tempo linear (fundamento-imperativo-objeto) impera um progresso retilíneo, em que a produção se dá por evolução, desenvolvimento, aprimoramento. É dessa estrutura que o *ser* importa seu molde. Apega-se à imagem do traçado retilíneo a percorrer.

Em contrapartida, o apego aos movimentos coloca a vida sob a perspectiva de um processo. Se há necessidade de olhar o horizonte, é apenas para descansar a vista onde o céu toca a terra, divertir-se com as nuvens confundindo essa costura. Garante sua continuidade conjugando-se num passado imperfeito. Quando a faculdade de ver volta sobre si mesma, torna-se a mesma coisa que o ato de querer.<sup>101</sup>

Desapegar de expectativas é parar de investir em ideais, representações – aquilo que constitui o *eu* e seu ideal correspondente. Nesse sentido, a resistência em desapegar de uma expectativa sempre será grande. Logo, uma estratégia de desapego deve levar essa resistência em conta. Por isso, não basta apenas jogar um sujeito num campo processual, pois o retorno para seu mundo de expectativas será duro e óbvio, podendo colocá-lo a idealizar o próprio processo de análise. Esse jogo de retorno ao processo tem que ser feito levando em conta o *momentum*, (*a força, a resistência*) desse preexistente investimento no ideal. Demanda brincar com o uso das imagens, dos signos. A processualidade não ignora a tirania das representações, pelo contrário, está sempre produzindo linhas de fuga desse mundo.

Por exemplo, um analisando tem o hábito de colocar a conjunção adversativa “mas” na maioria de seus pensamentos, a ponto de ficar marcante que mais se trata de um vício de linguagem do que de um ponto essencial em sua fala. “*Eu tenho conseguido trabalhar, mas assim que começo, vou sentido falta dos materiais que preciso e perco totalmente a disposição*”. O hábito era tão automático que até mesmo quando não havia sentido em usar a palavra “mas”, ela acabava surgindo: “*Estou pensando em juntar com*

---

<sup>101</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 104.

*o fulano para pagar o aluguel daquele lugar, mas preciso muito de um espaço só meu em determinado momento do dia, não dá para ficar de conversa fiada*". Isso acontecia praticamente em todas as suas falas. Minha primeira intervenção foi apontar o padrão. O analisando era dedicado. Percebeu o que acontecia, "concordou" com minha constatação. Mas era como se nada mudasse, no mesmo instante em que voltava a falar, era aquela fala intercalada de uma tentativa de tatear uma saída de suas paralisias, com um grande "mas" seguido de uma compensação adversativa. No final, o "mas" servia apenas como um hábito de compensar, até mesmo punir seus pensamentos expressos a partir de uma vontade processual, no caso, de escrever suas poesias.

Ele trabalha com poesia concreta e arte urbana. Em determinado momento, numa dessas "compensações adversativas" desnecessárias, sugeri colocar um "i" nesse "mas", transformá-lo em uma conjunção aditiva. De "*Gostei muito de trabalhar com aquelas pessoas, mas eles não entendem nada de arte*", propus repetir – "*Gostei muito de trabalhar com aquelas pessoas, 'mais' eles não entendem nada de arte*". O analisando descreveu sua vontade de trabalhar com aquelas pessoas se modificando já a partir dessa nova fala. A ignorância alheia não era mais um empecilho. Percebeu que ela agora era, inclusive, matéria prima para um pensamento/trabalho que lhe é muito valioso: "*a que serve a poesia*". Essa pequena alteração de uma paisagem, que antes era impositiva em seu modo de tatear seu processo, libertou-o de uma dialética forçada que passava como natural, e até mesmo de um suposto cuidado com a realidade.

Bergson trata a inteligência como uma faculdade do campo das representações, que serve para o homem lidar com os imperativos da vida.<sup>102</sup> Porém, as representações não necessariamente o aproximam do real. Elas esgotam sua potência criadora em razão do distanciamento provocado por essa submissão ao horizonte longínquo. No caso de um artista concreto, isso o levava a um pessimismo impossibilitador e paralisante.

As paralisias processuais se dão quando a idealização é investida. Mais adiante, na análise, conversamos sobre como pensamentos idealizadores estavam por trás daquele "mas". Havia sempre duas texturas de pensamento: aqueles que investiam no processo, que estavam ligados a uma vontade de criar; e aqueles que investiam no ideal do que seria um trabalho, uma carreira, uma imagem sucesso. Ironicamente, muitas vezes, encontrava suas ideias submissas ao que sua arte mais pretendia combater – o uso representativo das imagens e palavras. É que essas duas texturas de pensamento

---

<sup>102</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 100.

frequentemente se confundiam e a demora em reconhecer essa confusão não raro tinha um resultado desgastante demais, a ponto de esgotar sua vontade de sair de casa por dias. Passou a exercer uma “ética” de ficar do lado de seus pensamentos processuais. No final, a maioria deles tinha a potência de servir a um processo, contanto que não estivessem submetidos a algum mecanismo neurótico – por exemplo, o “mas”. Substituindo-o pelo “mais”, as palavras instantaneamente se libertavam e estimulavam sua vontade de se relacionar, ir aos lugares, estar mais presente onde precisasse – elementos que percebia estarem *em falta* para seu processo de criação.

Parte de sua terapia tem sido conversarmos sobre o estado em que o corpo se encontra quando tomado por um processo, assim como o estado em que ele se encontra quando paralisado pelo efeito frustrante da intangibilidade dos ideais. Decidimos que é sinal de saúde quando fica do lado do vital, além das representações, mesmo quando há um certo grau de risco de previsão do que pode acontecer a partir disso. Essa tensão analítica, obviamente, demanda que meu próprio estado processual esteja “em dia”. Quando está, o andamento da sessão é generoso. É que o processo de transferência, aqui, se dá pela *simpatia* que as processualidades têm com aquilo a que se assemelham – um desejo de criar, quando olha direto nos olhos de outro desejo de criar, sente-se amado. E assim, baixam-se as resistências.

O que resta é acompanhar o analisando em sua corajosa, mas cuidadosa, entrada em seu próprio *fora interno*. O primeiro fora de si deve sempre ser interno. É a esse que retornamos todas as vezes que for necessário, sempre que os recalques e os apegos às representações vigorarem. Tomar (e retomar) a processualidade começa sempre por dentro, de modo voluntário. O fundo da escuridão interna do corpo é o destino escolhido como primeira viagem para fora do regime egóico. Primeira, sempre que necessário retomá-la. Caso tal viagem seja forçada de fora, as psicoses serão o destino.

Podemos então tratar de duas naturezas de morte, a morte do ser e a morte do processo: paralisia do processo (morbidez); sacrifício da forma (explosão). Levar em conta o desejo, leva o sujeito a se salvar do primeiro tipo. Sua sorte é que a primeira é sempre temporária, até porque processo é aquilo que mora no tempo. O que define seus movimentos não é a dialética material do espaço, mas o ritmo pulsional do tempo.

No caso do analisando poeta, mesmo quando as paralisias são frequentes, elas dão chance de, a partir delas, aprender algo valioso. Sair dessas pequenas mortes do processo denuncia o caráter eterno que ele possui. Eterno = presente que não passa =

futuro sem *erwartungsvorstellungen* (representação do que se espera), livre do apego a promessas de amor, cuidado ou estabilidade. O analista não pode ser o guardião do futuro de outrem, ninguém pode. Qualquer um que promete tal caridade encontrará a vontade de poder por trás de suas pretensões.

Voltando às paralisias, elas são contingentes ao processo de desaparecimento dos ideais. Tal clínica promove uma série de mortes das *formas*. Mortes que, a seu modo, em oposição a uma morte processual, são sempre definitivas. É após essas mortes que o analisando se pega “*triste meu quarto, desanimado com tudo, parece que não tenho mais vontade de fazer as coisas, sinto aquela sensação de vontade de me matar, mesmo que eu saiba que é só sensação*”. Esse estado pode durar de algumas horas a alguns dias. É que voltar-se ao processo (superar as paralisias) exige enfrentar a morte de ideais que antes moviam o sujeito. Quando estes morrem, seja por um acontecimento externo ou um movimento de voltar-se para sua interioridade, imediatamente um grande desafio é levantado: *como parar de velar a morte desses ideais?* O processo de morrer uma morte da forma é definitivo, mas pode ser seguido pela melancolia de velar o tempo perdido, investido nessas imagens já mortas.

Esse luto só é superado quando o analisando retoma a temporalidade dos processos. Conquista essa retomada ao mergulhar novamente, como se fosse a primeira vez (de certo modo sempre é), na alteridade interna de si. Após o luto pela imagem, há a possibilidade do *renascimento* de um *novo* processo.

Sempre que o analisando usa aquele “mais”, uma porção de seus ideais morre junto. Ele está fazendo um movimento que vai deslocar, de súbito e por completo, todo o seu território existencial, e o momento é cada vez mais iminente. Quando suas expectativas morrem, seu ser se desloca, seu próprio rosto desaparece. Uma vontade de se reconstituir o trancafia dentro de casa. É um momento de cuidado, abertura à própria situação na qual a paralisia joga o corpo. Uma ambição imagética não faz mais efeito no campo harmônico de seu desejo – morreu. Um grande nada toma conta, ou melhor, a representação, depois de morta, aponta que sua matéria constitutiva sempre foi esse *nada*. Nesse sentido, uma grande e pesada massa de *nada* é retirada de um corpo, tornando-o leve e flexível.

Eis então que seu maior luto, que se repetirá inúmeras vezes pelo resto de sua vida, é também sua maior luta – fazer sem esperar companhia, reconhecimento, estímulo pessoal, muito menos quando essa companhia é um fantasma edipiano, que nunca existiu além do nível de uma promessa cultural. Essa luta implica seu retorno, de

modo suave e solitário, a seus processos, à sua processualidade. Acontecimento sempre frágil, pequeno, beirando o ingênuo – mas intenso, reconciliado.

Sua saúde é retomada conforme diminui o grau de paralisia produzida pelas mortes de seus processos, que é diretamente proporcional à capacidade de superar o luto da morte de seus ideais. Mas se a ideia é sustentar-se num mundo pós-ideias, em que confiar a partir de então?

## Quando o modo é objeto

Luciano, após alguns meses de terapia, acabou caindo num daqueles lutos pelo ideal perdido dos quais tratei no final do capítulo anterior.<sup>103</sup> E não foi a primeira vez; talvez tenha sido a quarta, pela conta que fizemos na época. Toda uma história se repetia, mesmo que, “*desta vez, tinha certeza de que estava fazendo diferente*”. Sempre admirou muito a mãe, advogada; sentia-se bastante amado por ela, apesar de ter sempre uma leve impressão de que “*ela não o levava muito a sério*”. Não demorou muito para perceber sozinho que, “*ao menos desde que terminou o colégio*”, passou a insistentemente a tentar “*surpreendê-la profissionalmente*”. Conta que nos seus vinte e poucos anos formou-se em design gráfico. Recorda que, durante o curso, era muito dedicado, mas tinha dificuldade em trabalhar com os colegas, embora tivesse muitos amigos. Ao se formar, foi trabalhar na empresa do colega da mãe. Lá, diz que trabalhava bastante, não tinha dificuldade em dedicar-se. Mas se indignava com “*a falta de visão do chefe, que não conseguia ver as potencialidades que a empresa poderia ter caso passasse a focar num determinado espectro de clientes*”.

Conta que, um dia, “*perdeu a cabeça e gritou com o colega de sua mãe na frente de outros dois funcionários. Foi demitido e a situação ficou muito complicada*”. Disse que depois de “*ficar muito depressivo, ido no psiquiatra e tomar bastante remédio*”, começou a trabalhar no escritório da mãe. Nos primeiros meses, empolgou-se com a dinâmica do escritório, então decidiu fazer ciências contábeis. Sentiu que poderia mudar o formato da empresa para que atendesse a uma grande parcela de clientes de sua mãe que achassem prático conciliar os dois tipos de serviço, já que eventualmente se proximavam. Passado um ano de curso, a crise se repetiu, desta vez brigando de modo violento com o sócio de sua mãe. Em seguida, ficou muito abalado, envergonhado da situação, sentindo-se novamente deprimido. Disse que, já na época, percebeu a tripla repetição – nos estágios de graduação, na empresa de design e no escritório da mãe. Tinha a impressão de que era algo que havia de muito errado com sua sanidade e se sentia angustiado com a ideia de que nunca conseguiria conter o “*momento da explosão*” no momento em que acontecesse novamente, forçando-o a “*recomeçar tudo outra vez*”.

---

<sup>103</sup> Capítulo *Transferência e processualidade*, p. 94.

Havia começado análise comigo no mesmo mês em que se mudou para São Paulo, onde conseguiu, com facilidade, um bom cargo numa empresa de design. Dessa vez, o ciclo foi ainda mais rápido. Em dois meses estava explodindo com um colega de trabalho que estava a mais tempo no cargo. A discussão aconteceu durante um momento de discordância entre eles sobre o método de organizar a rotina de um setor, pois Luciano a via como obsoleta.

Luciano realmente parece gostar muito de trabalhar, diz “*se dedicar àquilo que estiver fazendo, seja lá o que for*”. Porém, achei importante fazê-lo notar que havia nele, em paralelo à sua vontade de trabalhar, uma forte necessidade de provar que se dedicava, que não partia “do mesmo lugar”, que era outra coisa. Discordou, dizendo que dedicar-se é destacar-se. E concluiu de modo enérgico – “*Quero sempre me superar, fazer melhor do que está sendo feito, mas tem que ser diferente, pois gosto de ser autêntico*”.

Aí se revelava a fantasia de Luciano: “*melhor, mas diferente*”. Intervi de modo seco e direto – “*você terá de escolher: ou melhor, ou diferente*”. Luciano fechou a cara, imagino que aquela reação fosse um exemplo, de mais brando grau, do que acontecia no momento de suas explosões. Encerramos a sessão. A seguinte, ele desmarcou de última hora. Na outra, pediu para reagendar para o dia seguinte por causa de uma gripe, aceitei.

Finalmente, estando presente, decidi num tom doce e dedicado – “*prefiro o diferente*”. Concluiu, ainda, no final desta mesma sessão, que “*não sabia o que gostava de fazer*” – “*teremos que descobrir*”, repliquei.

Luciano finalmente conseguiu se desapegar de uma velha fantasia. Hoje trabalhamos um delicado e intenso processo de superar o luto da morte da fantasia irrealizável de ser “melhor” e “diferente” ao mesmo tempo. Pois melhor é sempre referente a um modelo, fazendo-o submeter-se a uma lógica progressiva; ao contrário do diferente, que segue uma lógica totalmente outra, mais voltada ao terreno das composições estéticas. Ambos os terrenos são bem conhecidos por Luciano. Tem se dedicado a distanciar-se do segundo.

Retomo a frase de Luciano – “*melhor, mas diferente*”, era uma frase que se repetia bastante, não só em análise, marcando seus discursos ao longo de sua vida até então, desde criança, como depois recordou. Ela sintetiza bem duas perspectivas incompatíveis de diferença, mesmo que coexistam. Isso fez com que, após minha intervenção diretamente nela, sua escolha pelo “*diferente*” tornou-se o ponto central de muitos momentos em sua análise.

Levando em conta o caso de Luciano, peço para que o leitor observe essas duas palavras como se fossem duas imagens: *melhor* e *diferente*. A partir delas, gostaria de expor uma questão de particularidade estrutural. Quero tratar brevemente do plano de composição que se encontra por trás de cada uma dessas duas *imagens*.

Ambas as palavras expressam formalmente uma vontade, um interesse, um ponto de vista. Porém, há uma radical diferença de “paisagem de fundo”, que muda a função das respectivas imagens.

A imagem “*melhor*” expressa uma vontade de diferenciação relativa a um modelo preposto. Nesse sentido, a diferença é captada mediante algum ponto de vista que está fora daquilo que difere. Ele percebe se é “melhor” ou “pior” medindo-se pelo que os outros dirão e não pelo que percebe acontecer em si mesmo. Quando a diferença é marcada a partir de um ponto de vista externo, o corpo é tomado por uma ânsia de superação e controle do outro, pois este serve tanto de comparação quanto de juiz do seu desempenho. Aqui, o *fora* – a alteridade, o outro – possui uma natureza diferente que o *dentro*. Aquilo que está fora pode impedi-lo de se ver, e de sentir-se melhor, significando uma ameaça a cada momento em que esse fora não cumpre o esperado – ou seja, avaliá-lo como superior a si mesmo e aos outros, com quem quer que seja comparado.

Enquanto a imagem “*diferente*” tende a uma outra via. Pois o *fora*, que antes era lugar do olhar do outro, agora denota outra função. Não há mais a separação entre dentro e fora, eu e outro. Mesmo que aquilo a que o desejo se dirige apresenta uma certa materialidade, essa matéria pode eventualmente se atualizar sem precisar estar apartada como um fora. Essa imagem demarca um outro tipo de medida, pois não implica diferenciar-se do que está fora, ou do outro. Implica diferenciar-se de si mesmo.

Não podemos também, nesse último caso, falar de uma lógica da falta, pois não falta nada para ser diferente – a diferença aqui é de natureza, de si por si. Trata-se de uma afirmação de algo que já existe, mas que, ao afirmá-lo em um novo grau, haverá, por consequência, uma mudança de sua natureza.

Podemos, nas ambiências que formam o fundo de cada imagem, supor dois modos diferentes de considerar a alteridade (o outro). Na imagem “*melhor*”, um *ser* define, a partir de uma divisão naturalizada, aquilo que é de dentro e aquilo que é de fora, instituindo sempre um dualismo. Esse corte é feito por meio de uma negativa – defino o que não sou para, em seguida, derivar o que sou.

Já na imagem “*diferente*”, a alteridade pode ser concebida como uma mudança no campo de possibilidades – uma diferença entre o que se podia antes e o que se pode depois daquilo que mudou. Nesse caso, não há diferença de natureza outra que aquela entre o “antes” e o “depois” de um acontecimento. Acaba que tudo muda de natureza incessantemente, ao mesmo tempo que novas naturezas são fundadas a todo momento. Monismo é pluralismo.<sup>104</sup>

Retomando a noção de processo, como este tem sua corporeidade calcada no tempo, temos que tratar “o que se podia antes” e “o que se pode depois” de uma diferença (em si por si) de modo não linear. Ou seja, a considerar o tempo como uma massa disforme, em sua virtualidade, irreduzível a qualquer ordenamento predeterminado. Se considerarmos um futuro real, vivo – não projetado como se fosse descolado do corpo –, “o que se pode depois” de Luciano investir em uma diferença é real ainda no presente, ou seja, real ainda que virtual. Desse modo, para falar do “possível” do futuro como diferente do “possível” de agora, sem tirar seu estatuto de real, devemos tratá-lo como *impossível* ao que se pode no presente. Ou seja, só é impossível caso o possível atualizado no presente não dê passagem a possibilidades *por vir*. Impossível serem atuais ao mesmo tempo, todavia coexistem virtualmente.

Torno a questão um pouco mais complexa ao acrescentar o que Pelbart condensa de Deleuze na seguinte frase: “O virtual é real sem ser atual, diferentemente do possível, que é atual sem ser real”<sup>105</sup> – porque o possível, estado atualizado das coisas, está contido no mundo das representações, sendo sempre uma totalidade reducionista. Desse modo, falamos de um real que não é atual; e de um atual que não é real. Mas como falar daquilo que é, ao mesmo tempo, real e atual? Como seria programar, agenciar, ter parte para que esse tipo de acontecimento – real e atual – aconteça?

No tempo do futuro está a potência daquilo que no presente seria impossível conceber. Luciano não pode imaginar aquilo que se tornaria possível a partir do momento em que se tornar diferente daquilo que é. Mas o desejo, atraído por esse mundo misterioso, foi sua escolha.

Aquilo que se dirige ao impossível está fora de uma lógica racional – campo das representações –, pois é aquilo que o consciente não poderia conceber em

---

<sup>104</sup> Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol 1*. São Paulo: Ed. 34, 2011, p. 42.

<sup>105</sup> Pelbart, P. P. *O tempo não-reconciliado*, op. cit., p. 40.

sua pragmática de possibilidades, que é linear, e de causa e efeito. O possível é um cálculo que não ultrapassa as limitações da relação sujeito/objeto. Buscar o possível, viver numa realidade objetiva acaba se tornando uma atividade de idealização. O impossível está naquilo que jaz por trás da consciência, não tem a ver com o mundo fantasioso do *eu*.

Assim, proponho atentarmos ao caráter delirante dessa vontade de dar corpo aos virtuais sem ser um corpo fantasma, que sempre se mostra um vazio de representações, angustiante jogo de espelhos.

É interessante que Freud, no artigo *A perda da realidade na neurose e na psicose*, ao tratar os diferentes modos de fantasia como atividades de fuga da realidade, tenha apontado, num certo parágrafo, que “tanto a neurose quanto a psicose são expressão da rebeldia do Id contra o mundo externo”.<sup>106</sup> As formações do inconsciente, tanto na neurose quanto na psicose, são expressão daquilo que não se contenta mais com a realidade que o *eu* é obrigado a sustentar. Porém, Freud as diferencia pelo modo como, em cada uma dessas “estruturas”, a realidade é confrontada. Pois entre essas fantasias, há uma diferença em como são produzidas – “na psicose a fuga inicial é seguida de uma ativa fase de remodelação, e na neurose a obediência inicial é seguida de uma posterior tentativa de fuga”.<sup>107</sup> Ou seja, Freud trata primeiramente da complacência do neurótico e da recusa do psicótico em se submeterem ao sistema de realidade vigente. Mas, apesar de o neurótico aceitar ir até certo ponto, eventualmente foge para um mundo imaginário, em momentos em que não dá conta de encaixar-se na subjetividade dominante. Já o psicótico, que desde sempre recusou participar de tal regime, precisa tornar o mundo compreensível a seu modo – é esse o momento em que suas alucinações surgem com força para compensar sua recusa da normalidade.

Freud, em seguida, formula o mesmo pensamento de outra maneira: “a neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela; a psicose a nega e busca substituí-la”.<sup>108</sup> Proponho interpretarmos aqui essa tal realidade que Freud relata como o conjunto de todas as produções que partem do modelo de existência dominante – a relação sujeito/objeto – e sua expressão, ou modo de produção, como sendo aquilo que chamamos de linguagem. Com isso, concebemos que o real, mundo onde as existências sustentam sua virtualidade, encontra-se anterior a essa cifra dominante.

---

<sup>106</sup> Freud, S. O eu e o id, autobiografia e outros textos (1923-1925). In: *Obras completas*, vol. 16. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p. 217.

<sup>107</sup> *Ibidem*.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 218.

Agora quero colocar a parte subsequente do comentário de Freud, e que me deixa intrigado – “sadio o comportamento que une certos traços de ambas as reações, que nega a realidade tão pouco como a neurose, mas se empenha em alterá-la como a psicose”. Essa dedução de que seria saudável unir as “boas partes” é interessante, pois nos faz observar que, onde a neurose tende às representações, a psicose tende ao acontecimento. Porém, teria sido preciso forçar Freud a ler um pouco de Bergson para que não dependesse tanto de reduzir “aquilo que é real” à realidade percebida pelo modelo vigente de subjetivação.

Volto agora ao que Luciano tem chamado de “*diferente*”, que tem certo aspecto de um delírio, um agenciamento de impossíveis que provoca o desejo a querer remodelar a realidade. Trata-se de abandonar a lógica do possível em direção a planos que não precisam abrir mão da virtualidade para pensar.

Por fim, Freud, após colocar o saudável como um híbrido da neurose e da psicose, conclui o parágrafo assim: “[...] leva a um trabalho efetuado no exterior, e não se limita, como na psicose, a mudanças internas; já que não é *autoplástica*, mas *aloplástica*”.<sup>109</sup> Considerando o “mergulho na escuridão interna” – a viagem para o “fora interno” tratada no capítulo anterior<sup>110</sup> – novamente podemos perguntar se não haveria ainda uma “quarta” saída, que não seja nem a neurótica nem a psicótica e nem o híbrido que Freud considera como o saudável. Uma maneira de garantir que esse movimento autoplástico – para dentro – vá profundamente em direção à *alteridade*.

Ao invés de fantasias – sejam as alienantes, as paranoicas ou as de transgressão –, consideremos um tipo de delírio que se grude ao real não mediado, mas que leve em conta a realidade dominante que tende a mediar as percepções, e que perceba esse realismo como impasse a outros modos de atualização. Um delírio assim é o que pode atualizar aquilo que está no real sem destituí-lo de sua singularidade.

Voltando aos surtos de agressão de Luciano, seus gritos eram um sintoma de uma vontade reprimida pela necessidade de mostrar seu desempenho. A verdade é que esse é o derradeiro momento em que, no corpo, tudo grita, incessantemente, por aumento de potência, pelo direito de também tornar-se acontecimento. E há uma multiplicidade de maneiras de existir<sup>111</sup>. Poderíamos chamar esses gritos sintomáticos de uma explosão descontrolada de pensamentos, singularidades ou existências mínimas.

---

<sup>109</sup> Freud, S. O eu e o id..., op. cit., p. 218.

<sup>110</sup> Capítulo *Transferência e processualidade*, p. 94.

<sup>111</sup> Lapoujade, D. *As existências mínimas*, op. cit., p. 27.

E se nesse processo alguns padrões são ofendidos – com a multiplicidade de vozes pedindo passagem, o corpo explode para todos os lados –, é porque, dentro do corpo, uma imensa porção de gritos deseja o aumento de sua potência de uma só vez. A vibração máxima de um corpo pode ser dada pela composição integral dessas múltiplas vozes – totalidade em constante mudança, pois singularidades não param de entrar e sair, de atravessar o corpo. Nesse sentido, delirar é pensar com o corpo, como fazem aquelas crianças xeretas que precisam “ver tudo com o olho da mão”.

Para que essa multiplicidade possa acontecer de um modo mais bonito, sem ser um grosseiro grito endereçado ao patrão, Luciano continua sua atividade de desapego de uma fantasia edipiana em direção a um novo modo de pensar o que lhe atrai, perguntando-se: “*o que gosto de fazer?*”.

\*

Já Tereza sempre soube o que gostaria de fazer, porém chama de “*besteira*” tudo aquilo que com isso possa estar relacionado. Gostaria de ser atriz de cinema, mas acabou se tornando médica, assim como os pais. Demorou dez anos para terminar o curso de medicina, sendo que trancou durante dois, pois “*não conseguia colocar os pés naquela faculdade*”. “*Depois de muitos remédios*”, diz em tom de humor, “*conseguiu terminar meio dopada mesmo*”. Acabou até gostando do último ano, quando voltou a ter mais tempo livre comparado ao início do curso. Em paralelo, tem um grande grupo de amigos que, nessa mesma época, foram caminhando para o campo das artes, mas “*meus pais jamais teriam aceitado que eu fizesse isso, não tive escolha*”. Quando disse isso, a fiz desfazer tal certeza colocando-a em contato com alguns vestígios de que era mais uma interpretação dela de que os pais não cogitariam de ela seguir outra carreira profissional. Ao que Tereza retrucava com algo como: “*ah, mas não de artista, né? Eles falam que artista passa fome*”, – “*mas é eles ou você que passaria fome, no caso?*”, – “*eu, que até não ligo de não ganhar dinheiro, mas tenho certeza que eles jamais entenderiam*”, – “*Mas eles precisam entender?*”. Conversas assim foram dissolvendo uma fantasia de que era impossível “*seguir os seus sonhos*”.

Ao mesmo tempo, Tereza ia revelando um mundo paralelo aos “*poucos plantões que fazia numa clínica geral, após sua recente conclusão do curso, para pagar suas contas*”. De modo cada vez menos tímido, foi expressando uma intensa dedicação ao teatro, que fazia cursos, que sempre frequentou diversos lugares e grupos

relacionados. Além disso, fazia balé desde pequena, nunca tendo parado de praticar, exceto nos primeiros anos de curso.

Foi revelando cada vez mais amostras de um profundo interesse nas artes do corpo. Dizia que as pessoas sempre elogiaram muito sua criatividade e tinha costume de ajudar na produção coreográfica da companhia de dança de seus melhores amigos.

Deslocando-se totalmente da percepção da impossibilidade com “seu sonho de ser atriz”, que antes ressoava como “uma besteira”, rapidamente decidiu pedir demissão do emprego como médica e entrar na companhia dos amigos. Nunca havia pedido, mas na primeira vez em que mencionou interesse, foi acolhida. A relação com os pais mudou. Mesmo com certa resistência da mãe, manteve sua decisão.

Delirar é ver a paisagem antes do espelho. Desgastar o espelhismo egóico até o ponto em que aquilo que se revela por trás do cromado narcísico passe a afetar de modo predominante. Poderíamos até considerar deixar uma leve marca d’água do *eu* ainda servindo como mapa daquilo de que se desapega – talvez uma lembrança de que o mundo continua povoado por fantasias (neuróticas, perversas e psicóticas). Mas a perspectiva se inverte. “Trata-se de uma hecceidade, que não é mais de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, para além do bem e do mal, uma vez que apenas o sujeito que a encarnava no meio das coisas a fazia boa ou má”.<sup>112</sup> Como quando, num dia ensolarado, temos que encaixar com as mãos os olhos na vitrine de uma loja para poder ver o lado de dentro. Debruçando o corpo sobre a imagem intensiva, ofuscamos nós mesmos das coisas. A sombra fornecida pelo corpo auxilia na eliminação de nosso próprio reflexo. Passamos a enxergar cada vez menos pela retina e cada vez mais por um tatear generalizado do corpo. Se tudo é então percebido por tato – visão, olfato, paladar –, é que tudo passou a ser pele – olho, língua, nariz. Nesse corpo intensivo, ao invés de uma “democracia representativa” dos órgãos de sentido, entrou em vigência um anarquismo rizomático composto por uma multiplicidade de experiências selvagens – afectos e perceptos. Sob esse regime, a troca de fluxos entre corpo e paisagem muda de textura, tudo se torna mais grave, mais íntimo. O mundo todo gruda na carne, como tatuagem.

Ao não mais tomando referência a partir do espelho narcísico que media as coisas, o corpo passa a se conceber imanente à paisagem que percebe. Membro – e não mais membrana – do acontecimento que testemunha. Não mais o centro individualista,

---

<sup>112</sup> Deleuze, G. *Imanência uma vida...*, op. cit., p. 16.

tampouco a margem de controle objetivista. Somente um membro a mais, contudo, singular. Vê (está na margem), mas não dá forma (não contorna); está dentro, mas não é centro, muito menos procura favorecer uma centralidade.<sup>113</sup> É o momento em que a tela passa a contemplar as tintas que grudam em seu tecido.

Pensar sem ser pelos termos da representação é o único modo de conceber o desejo em sua máxima capacidade de ser exercido.

\*

Guiar-se por delírios é apegar-se a imagens que se formam além do olho. Elas se fazem e já se desfazem, antes mesmo de serem percebidas pelo sujeito.<sup>114</sup> O único modo de testemunhar que existem é a partir de suas transformações no corpo e deformações na linguagem. São pura virtualidade, mas nem por isso seriam menos reais. Produzem acontecimento, têm efeitos reais, mesmo que sejam independentes de sua captação e entendimento através linguagem.<sup>115</sup> Tais efeitos se distribuem num plano por trás da linguagem, plano que ela própria não consegue captar.<sup>116</sup>

Como a imagem apreendida pela analisanda Larissa, ao entrar numa farmácia para comprar protetor solar e se deparar com o espanto da dona do estabelecimento a comentar, docemente, talvez simpática, “mas você precisa?”. Porém, disso, a artista – apesar de ciente do sutil, mas agressivo racismo estrutural cotidiano nas regiões centrais que hoje ocupa em sua cidade – o que decidiu guardar não foi exatamente a frase, mesmo a tendo transcrito em seu caderno de anotações. O que ali foi decidido ser tomado como foco foi o afeto em si, em sua totalidade, que tal frase faz apenas o serviço de cartografar: os afetos e perceptos que compõem tal acontecimento. Este, por sua singularidade, liga-se a toda uma multidão de outros acontecimentos. Larissa tem dessa coragem de artista (ou de louco, ou de criança, embora cada um a seu modo, totalmente diferentes) de não se contentar em apenas reproduzir o decalque “mas-vo-cê-pre...”. Sua ambição a faz querer apreender, em sua totalidade, a existência de um acontecimento do qual foi testemunha. A frase apenas serve para cartografar, como um marcador de página em sua história. O que irá usar em seus trabalhos – não se preocupa

---

<sup>113</sup> Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil Platôs*, vol. 3, op. cit., p. 30-31.

<sup>114</sup> Lapoujade, D. *William James...*, op. cit., p. 30.

<sup>115</sup> Lapoujade, D. *Potências do tempo*, op. cit., p. 82.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 82.

em saber antecipadamente como – é o imenso grão de realidade que se esconde por trás desse marcador de página. Um grão do tamanho de um cosmos.

Por essa perspectiva, a linguagem não serviria mais para mostrar um “o quê”. Ela se rebaixa a mero fragmento, uma peça instrumental de um “como” maior. Um “como” satisfeito em mostrar-se apenas como “como”, e nada mais. Mostrar... não algo (o quê), mas o próprio modo, como um desejo vivo, mesmo sem objeto. Um “como” puro, sem predicado, é um modo de existência singular. Antes de “eu sou” (*I am*), “eu como...” (*me as*). O predicado tem sua importância, mas não precisa mais seguir ideais, não é mais *pré-indicado*. Deleuze e Guatarri destacam que um devir é real mesmo que aquilo que se devém não seja. “O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que devém”. Uma mulher negra devindo madame. Esse afeto marca o corpo, fazendo-a criar. Onde *criar* = *criar-se*; *fazer viver* = *viver*.

Sem ressentimento, uma potência ali pôde ser devorada, internalizada, cuidada, virou desejo. Seja quando lê uma entrevista de outra artista, quando é convidada a compor uma sala, quando é entrevistada para uma vaga de mestrado, quando faz seu café numa quarta-feira chuvosa, quando tira uma fotografia, quando a edita, ou quando se apresenta ao lado da moldura em uma galeria. É nesses momentos que o delírio tomará corpo, se atualizará. Mas isso nunca sai da profundidade, isso não precisa ser revelado como em suas câmeras fotográficas. Isso não precisa sair do virtual para existir, ou (o que dá na mesma) decidir sobre sua existência. Larissa sabe, inclusive, que isso morre se for literalmente revelado a público. Talvez revele apenas a alguns confidentes, em segredo, no *backstage*.

Fui um desses a quem revelou, como analista. Obviamente, tanto a frase aqui escrita quanto a personagem Larissa respeitam essa virtualidade: não foi nem da mesma frase nem da mesma pessoa que minha sala de terapia foi testemunha. Num sentido macropolítico, nem mesmo a questão é a mesma que foi factualmente levantada.

Fatos são verdadeiros artifícios da consciência. É neles que ela deposita toda sua sistematização do real. Porém, fatos são meros decalques de uma paisagem – o destino desses recortes é virar representação. Partindo-se de representações, já se está longe demais do real – as fantasias se compõem a partir delas.

É importante lembrar que a relação entre o possível e o real é de semelhança. O possível demanda que sua realidade seja igual a ele. O atual não tem que se assemelhar

com a virtualidade que ele desdobra. A atualização se dá por processo de criação, de diferenciação, ou seja, cumpre a lógica da invenção e não da similitude.

Aproveito agora para revelar que, ao mesmo tempo, esse foi um “método” utilizado em toda a tese. O trecho acima, antes de ser incorporado pela pesquisa, foi mostrado para Larissa, como uma garantia de que não se estaria matando sua descoberta político-estética, seja expondo-a demasiadamente molar, seja errando na captação daquilo de intensivo que compõe o acontecimento.

Inclusive, todos os casos apresentados aqui são molarmente mentira. Mas molecularmente fiéis ao real. Nenhuma dessas pessoas existe. Mas, assim como foi com Larissa, antes de incorporados na tese, a cada um dos outros “analisandos reais” leu os respectivos trechos “inventados” a partir de suas histórias.<sup>117</sup> Todos, sem exceção, mostraram-se impressionados com a capacidade que uma ficção possui de conter aquilo de mais real sem precisar tocar em fato algum. Ao narrar esses traços de casos, modifiquei os fatos quase em sua totalidade. Porém, alterar os fatos não significava perder aquilo de mais importante, pois o essencial do caso dizia respeito ao plano intensivo dos acontecimentos.

Vale destacar um cuidado que tive. Apesar de inserir fatos ficcionais, procurei me ater de modo literal a algumas palavras usadas pelos pacientes, como *processo*, *imagem*, *paranoia*, *expectativa*, *corpo*, *desejo* etc. E, apesar de as frases escritas entre aspas e itálico serem apenas aproximações de diálogos que tivemos durante as sessões, tentei recordar (quando não as tinha anotado em meus cadernos) ao máximo o modo como as frases tinham sido construídas tanto pelos analisandos quanto por mim. Num certo momento, achei importante tratá-las como se fossem transcrições, para justamente radicalizar o caráter ficcional dos casos. Utilizei isso como um recurso para destacar certas frases e diálogos – simular que foram transcritas, de algum modo (mesmo que paradoxal), pareceu aumentar suas ressonâncias.

Por mais fidedigna que uma narrativa possa pretender ser, ainda é uma ficção, e do tipo menos interessante, pois não transcende o campo das representações e das interpretações. Preferi levar a cabo uma outra abordagem do que seria uma aproximação com o *real*. Uma cartografia não é um inventário formal dos fatos e sujeitos, ela se dá no campo das intensidades, nesse mapa, as coordenadas são afetos, velocidades, linhas abstratas, artigos indefinidos.

---

<sup>117</sup> Com exceção de Diego, com quem perdi contato há muitos anos.

Desse modo, se ser indiferente à *representação* é debruçar-se sobre um *aumento de existência*; se abster-se de *interpretações* é dedicar-se à *experimentação*... não se ater a fatos seria equivalente a testemunhar (ou mesmo instaurar) um acontecimento?

Camila foi a única que corrigiu um ponto em seu texto: “*acho que eu não falei desse jeito*”, e decerto ali eu havia cometido o erro grave que mais procurei evitar nessa experimentação: confundir algo que *eu* diria com algo que o analisando supostamente falou (ou que ele *deveria* ter dito). Ainda que na virtualidade dos personagens textuais, invadi Marina em seu modo de existência com minha moral. E talvez esse seja o maior risco quando se procura instaurar um modo de existência: que ele seja povoado pelo *eu*, que projeta seus fantasmas. É um erro que posso ter cometido mais vezes, passando despercebido pelo meu “conselho de ética”.<sup>118</sup>

Mas a vantagem é que esses acontecimentos só correm o risco de morrerem a partir de *meu eu* – aquele respectivo ao corpo que digita as teclas. Caso isso não aconteça, se libertam dos fatos, tornando-se impessoais assim que transcendem seus sujeitos, devindo texto. Se consigo impedir meu eu de capturá-los através de minhas projeções, os personagens conservam certa impessoalidade. Se passam a ser impessoais, são singulares. Logo, não podem funcionar como sanadores da solidão dos respectivos analisandos por identificação quando estes os leem. E se os analisandos não podem se identificar com os textos, os devêm. Não criei meras historinhas para meus pacientes não se sentirem sozinhos no mundo. Por um lado, ainda são eles: são suas palavras, suas decisões, seus desconfortos, suas atitudes. Mas por outro, apenas *dividem* um mesmo desconforto e algumas atitudes, como colegas de bairro. São contemporâneos, povoam o mesmo problema, mas sob diferentes modos de existência e suas respectivas temporalidades. Diferentes pontos de vista, mas testemunhos de uma mesma ética. Há um plano *comum* que ao mesmo tempo os une e os diferencia. Pretendo ser cada vez mais radical em minhas ficções.

A princípio pode parecer paradoxal. Mas quando uma narrativa se abstém de representar ou interpretar, fantasiar ou simbolizar, a ela só resta ressoar a existência.

Aqui talvez caiba retomar o que Sexta-Feira fez de Andoar; o que Crusóé fez da ilha; o que Tournier fez de Defoe; o que Defoe fez de Selkirk<sup>119</sup>...

– Uma dica: tinha a ver com corpo.

---

<sup>118</sup> Os próprios analisandos lendo os respectivos textos.

<sup>119</sup> Marinheiro escocês no qual Crusóé foi inspirado.

## Referências

- ARTAUD, A. Para acabar com o juízo de Deus. In: Willer, C. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- BERGSON, Henri. *Memória e vida textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- COCCIA, E. *A vida das plantas*. Santa Catarina, Cultura e Barbárie, 2018.
- CORRÊA, R; Albuquerque, I. de. *Artaud!:* colagem de Rubens Corrêa e Ivan de Albuquerque. Maceió: Fundação Casa do Penedo; Sergasa, 1994.
- DELEUZE, G. Desejo e prazer. Carta de Deleuze a Foucault. *Cadernos de Subjetividade*, especial Gilles Deleuze, São Paulo, n. 17, p. 13-25, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- \_\_\_\_\_. Imanência: uma vida... Trad.: Tomaz Tadeu. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 10-18, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O anti-Édipo – capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 Edições, 2015.
- Freud, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência. In: *Obras Completas*, vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. O eu e o id, autobiografia e outros textos (1923-1925). In: *Obras completas*, vol. 16: São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- LAPOUJADE, D. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- \_\_\_\_\_. *William James, a construção da experiência*. São Paulo: n-1 Edições, 2017.
- \_\_\_\_\_. O corpo que não aguenta mais. In: Lins, D; Gadelha, S. (org.). *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. p. 81-90.

\_\_\_\_\_. *Potências do tempo*. 2. ed. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PELBART, P. P. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SILVA, D. F. *Toward a global idea of race*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2007.

TOURNIER, M. *Sexta-Feira ou os limbos do Pacífico*. São Paulo: BestBolso, 2014.

UNO, K. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

\_\_\_\_\_. *Hijikata Tatsumi, pensar um corpo esgotado*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

VIDEO games bigger than film. *The Telegraph*, 16 July 2019. Disponível em:  
<<https://www.telegraph.co.uk/technology/video-games/6852383/Video-games-bigger-than-film.html>>.

ZALTZMAN, N. *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta, 1994.